

II - OS HOMENS BONS

Senhor, bem-vinda seja Vossa Senhoria

*Eu sou aquele que os passados anos
Cantei na minha lira maldizente
Torpezas do Brasil, vícios e enganos.*

Que néscio que eu era então.

I - PESSOAS MUITO PRINCIPAIS

... certa pessoa muito principal ...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*do Céu toda a Majestade
em tão pequeno distrito.*

SALVE RAINHA A VIRGEM SANTÍSSIMA.

Salve, Celeste Pombinha,
Salve, divina Beleza,
Salve, dos Anjos Princesa,
e dos céus, *Salve Rainha.*

Sois graça, luz, e concórdia
entre os maiores horrores,
sois guia de pecadores,
Madre de Misericórdia

Sois divina Formosura,
sois entre as sombras da morte
o mais favorável Norte,
e sois da *vida Doçura*

Sois a peregrina Ave,
pois minha fé vos alcança
sois por ditosa esperança
Esperança nossa Salve

Vosso favor invocamos
como remédio mais raro,
não nos falte vosso amparo,
e vede, que *a vós bradamos*

Os da pátria desterrados
viver na pátria desejam;
quereis vós, que dela sejam
deste mundo *os degradados?*

De Jesus tanto agrado leva
de com os homens viver,
nós somos, bem podeis ver,
os mesmos *Filhos de Eva.*

Humildes vos invocamos
com rogos enternecidos,
e desse amparo rendidos,
Senhora, *a vós suspiramos.*

Se Deus nos perdoa, quando
a nossa culpa é chorada,
estamos por ser perdoada
aqui *gemendo, e chorando.*
Mas vós, por quem mais se vale,
Lírio do Vale, chorais,
e o vosso pranto val mais

neste *de Lágrimas Vale*

Já que tão piedosa sois
não tardeis com vosso rogo,
alcançai o perdão logo,
apressai-vos *eia pois*.

Porque desde agora possa
triunfar qualquer de nós
de inimigo tão atroz
pedi *advogada nossa*

E enquanto nestes abrolhos
do mundo postos estamos,
de nós, que o caminho erramos
não tireis *os vossos olhos*

Sejam sempre piedosos
para nos favorecer,
e para nos socorrer
sejam *misericordiosos*.

Favorecer-nos quereis,
de vossos olhos co'a guia,
gloriosa Virgem Maria
sempre eles *a nós volvei*.

Livrai-nos de todo erro,
para que assim consigamos
graça, enquanto aqui andamos,
e depois deste desterro

Pois vosso Filho é a luz,
e alumiar-nos quereis,
para que esta luz mostreis
nos amostrai a Jesus.

E se como raio bruto
o fruto vemos vedado,
noutro Paraíso dado
veremos o *bento Fruto*.

Em nossos corações entre
seu amor, pois é razão,
seja meu de coração,
o que foi *do vosso ventre*.

De Jericó melhor Rosa,
puro, e cândido Jasmim,
quereis vós, que seja assim
ó clemente, ó piedosa.

Tenhamos esta alegria,
esta doçura tenhamos,
pois que tanta em vós achamos,
ó doce Virgem Maria

Pois quem mais pode, sois vós,
chegando a Deus a pedir,
para melhor vos ouvir,
pedi, e *rogai por nós.*

Que então os favores seus
muito melhor seguramos,
pois que neles empenhamos
a *Santa Madre de Deus.*

Fazei-nos sempre benignos
entre deste mundo os sustos,
para que sejamos justos,
para que sejamos dignos.

E se nos concedeis isto,
que vos pede o nosso rogo,
mui dignos nos fareis logo
ser *das promessas de Cristo*

Seja pois, divina luz,
melhor Estrela, assim seja,
para que por nós se veja
Vosso amparo. *Amém Jesus.*

A N. SENHORA DA MADRE DE DEUS INDO LÁ O POETA.

Venho, Madre de Deus, ao Vosso monte,
E reverente em vosso altar sagrado,
Vendo o Menino em berço argenteado
O sol vejo nascer desse Horizonte.

Oh quanto o verdadeiro Faetonte
Lusbel, e seu exército danado
Se irrita, de que um braço limitado
Exceda na soltura a Alcidemonte.

Quem vossa devoção não enriquece?
A virtude, Senhora. é muito rica,
E a virtude sem vós tudo empobrece.

Não me espanto, que quem vos sacrifica
Essa hóstia do altar, que vos oferece,
Que vós o enriqueçais, se a vós a aplica.

AO MENINO JESUS DE N. SENHORA DAS MARAVILHAS,
A QUEM INFIÉIS DESPEDAÇARAM ACHANDO-SE A PARTE DO PEITO.

Entre as partes do todo a melhor parte
Foi a parte, em que Deus pôs o amor todo
Se na parte do peito o quis pôr todo
O peito foi do todo a melhor parte.

Parta-se pois de Deus o corpo em parte,
Que a parte, em que Deus fiou o amor todo
Por mais partes, que façam deste todo,
De todo fica intacta essa só parte.

O peito já foi parte entre as do todo,
Que tudo mais rasgaram parte a parte;
Hoje partem-se as partes deste todo:

Sem que do peito todo rasguem parte,
Que lá quis dar por partes o amor todo,
E agora o quis dar todo nesta parte.

AO BRAÇO DO MESMO MENINO JESUS QUANDO APARECEU.

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

AO MENINO JESUS DO COADJUTOR DE S. ANTÔNIO QUE
SENDO ANTIGO E MUITO BELO.

Oh, quanta divindade, oh quanta graça,
Menino, em vosso vulto sacro, e belo
Infunde a mão de tal gentil modelo,
Inspira o Autor de tão divina traça!

Se o tempo aos mais vultos desengraça
Na vossa Imagem não deslustra um pêlo:
Reverente o tratou com tal desvelo,
Que o que eleva menino, velho embaça.

Quanto a idade usurpa de beleza
Nós que somos mortais, paga em respeito,
Venerações, que atraí a antiguidade.

Mas de vossa escultura a gentileza
Tem trocado do tempo o edaz efeito,
Venera-se a beleza, ama-se a idade.

A N. SENHOR JESUS CRISTO COM ATOS DE ARREPENDIDO
E SUSPIROS DE AMOR.

Ofendi-vos, Meu Deus, bem é verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pertendo em tais abraços,
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.

A CRISTO S. N. CRUCIFICADO ESTANDO O POETA NA
ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA.

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme, e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO.

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO ESTANDO PARA COMUNGAR.

Tremendo chego, meu Deus,
Ante vossa divindade,
que a fé é muito animosa,
mas a culpa mui cobarde.
À vossa mesa divina
como poderei chegar-me,
se é triaga da virtude
e veneno da maldade?
Como comerei de um pão,
que me dais, porque me salve?
um pão, que a todos dá vida,
e a mim temo, que me mate.
Como não hei de ter medo
de um pão, que tão formidável
vendo, que estais todo em tudo,
e estais todo em qualquer parte?
Quanto a que o sangue vos beba,
isso não, e perdoai-me:
como quem tanto vos ama,
há de beber-vos o sangue?
Beber o sangue do amigo
é sinal de inimizade;
pois como quereis, que o beba,
para confirmarmos pazes?
Senhor, eu não vos entendo;
vossos preceitos são graves,
vossos juízos são fundos,
vossa idéia inescrutável.
Eu confuso neste caso
entre tais perplexidades
de salvar-me, ou de perder-me,
só sei, que importa salvar-me.

Oh se me déreis tal graça,
que tenho culpas a mares,
me virá salvar na tábua
de auxílios tão eficazes!
E pois já à mesa cheguei,
onde é força alimentar-me
deste manjar, de que os Anjos
fazem seus próprios manjares:
Os Anjos, meu Deus, vos louvem,
que os vossos arcanos sabem,
e os Santos todos da glória,
que, o que vos devem, vos paguem.
Louve-vos minha rudeza,
por mais que sois inefável,
porque se os brutos vos louvam,
será a rudeza bastante.
Todos os brutos vos louvam,
troncos, penhas, montes, vales,
e pois vos louva o sensível,
louve-vos o vegetal.

ATO DE CONTRIÇÃO QUE FEZ DEPOIS DE SE CONFESSAR.

- 1 Meu amado Redentor,
Jesu Cristo soberano
Divino Homem, Deus Humano,
da terra, e céus criador:
por seres, quem sois, Senhor,
e porque muito vos quero,
me pesa com rigor fero
de vos haver ofendido,
do que agora arrependido,
meu Deus, o perdão espero.

- 2 Bem sei, meu Pai soberano,
que na obstinação sobejo
corri sem temor, nem pejo
pelos caminhos do engano:
bem sei também, que o meu dano
muito vos tem agravado,
porém venho confiado
em vossa graça, e amor,
que também sei, é maior,
Senhor, do que meu pecado.

- 3 Bem não vos amo, confesso,
várias juras cometi,
missa inteira nunca ouvi,
a meus Pais não obedeco:
matar alguns apeteço,
luxurioso pequei,
bens do próximo furtei,
falsos levantei às claras,
desejei mulheres raras,

cousas de outrem cobicei.

4 Para lavar culpas tantas,
e ofensas, Senhor, tão feias
são fontes de graças cheias
essas chagas sacrossantas:
sobre mim venham as santas
correntes do vosso lado;
para que fique lavado,
e limpo nessas correntes,
comunica-me as enchentes
da graça, meu Deus amado.

5 Assim, meu Pai, há de ser,
e proponho, meu Senhor,
com vossa graça, e amor
nunca mais vos ofender:
prometo permanecer
em vosso amor firmemente,
para que mais nunca intente
ofensas contra meu Deus,
a quem os sentidos meus
ofereço humildemente.

6 Humilhado desta sorte,
meu Deus do meu coração,
vos peço ansioso o perdão
por vossa paixão, e morte:
à minha alma em ânsia forte
perdão vossas chagas dêem,
e com o perdão também
espero o prêmio dos Céus,
não pelos méritos meus,
mas do vosso sangue: amém.

A UMAS CANTIGAS, QUE COSTUMAVAM CANTAR OS CHULOS
NAQUELE TEMPO: “BANGUÉ, QUE SERÁ DE TI?” E OUTROS
MAIS PIEDOSOS CANTAVAM: “MEU DEUS, QUE SERÁ DE MIM?”
O QUE O POETA GLOSOU ENTRE A ALMA CRISTÃ RESISTINDO
ÀS TENTAÇÕES DIABÓLICAS.

MOTE

*Meu Deus, que será de mim?
Bangüê, que será de ti?*

1
Alma Se o descuido do futuro,
e a lembrança do presente
é em mim tão continente,
como do mundo murmuro?
Será, porque não procuro
temer do princípio o fim?
Será, porque sigo assim
cegamente o meu pecado?
mas se me vir condenado,
Meu Deus, que será de mim?

2
Demônio Se não segues meus enganos,
e meus deleites não segues,
temo, que nunca sossegues
no florido dos teus anos:
vê, como vivem ufanos
os descuidados de si;
canta, baila, folga, e ri,
pois os que não se alegraram,
dous infernos militaram.
Bangüê, que será de ti?

3
Alma Se para o céu me criastes,
Meu Deus, à imagem vossa,
como é possível, que possa
fugir-vos, pois me buscastes:
e se para mim tratastes
o melhor remédio, e fim,
eu como ingrato Caim
deste bem tão esquecido
tenho-vos tão ofendido:
Meu Deus, que será de mim?

4
Demônio Todo o cantar alivia,
e todo o folgar alegre
toda a branca, parda e negra
tem sua hora de folia:
só tu na melancolia
tens alívio? canta aqui,
e torna a cantar ali,
que desse modo o praticam,
os que alegres prognosticam,
Bangüê, que será de ti?

5
Alma Eu para vós ofensor,
vós para mim ofendido?
eu já de vós esquecido,
e vós de mim redentor?
ai como sinto, Senhor,
de tão mau princípio o fim:
se não me valeis assim,
como àquele, que na cruz
feristes com vossa luz,
Meu Deus, que será de mim?

6
Demônio Como assim na flor dos anos
colhes o fruto amargoso?
não vês, que todo o penoso
é causa de muitos danos?
deixa, deixa desenganos,
segue os deleites, que aqui
te ofereço: porque ali
os maís, que cantando vão,
dizem na triste canção,
Bangüê que será de ti?

7
Alma Quem vos ofendeu, Senhor?
Uma criatura vossa?
como é possível, que eu possa
ofender meu Criador?
triste de mim pecador,
se a glória, que dais sem fim
perdida num serafim
se perder em mim também!
Se eu perder tamanho bem,
Meu Deus, que será de mim?

8
Demônio Se a tua culpa merece
do teu Deus a esquivança
folga no mundo, e descansa,

que o arrepender aborrece:
se o pecado te entristece,
como já em outros vi,
te prometo desde aqui,
que os mais da tua facção,
e tu no inferno dirão,
Bangüê, que será de ti?

AO MISTERIOSO EPÍLOGO DOS INSTRUMENTOS DA PAIXÃO
RECOPIADO NA FLOR DO MARACUJÁ.

Divina flor, se en essa pompa vana
Los martirios ostentas reverente,
Corona con los clavos a tu frente,
Pues brillas con las llagas tan losana.

Venera essa corona altiva, y ufana,
Y en tus garbos te ostenta floreciente:
Los clavos enarbola eternamente,
Pues Dios com sus heridas se te hermana.

Si flor nasciste para mas pomposa
Desvanecer floridos crescimientos,
Ya, flor, te reconocen mas dichosa.

Que el cielo te ha gravado en dos tormentos
En clavos la corona mas gloriosa,
Y en llagas sublimados luzimientos.

RENDE-SE A PESSOA DE BERNARDO VIEIRA RAVASCO
NESTE SONETO, PELOS MESMOS CONSOANTES DE OUTRO FEITO À FLOR DO
MARACUJÁ PARA CONSTAR DO DITO QUE ERAM ESTAS
RESPOSTAS DO NOSSO POETA.

Ya rendida, y prostrada mas que vana
A vuestros pies mi Musa reverente
Por coronar com ellos a su frente
Del suelo sube al cielo mas losana.

Por convencido ostenta gloria ufana,
Que tiene por corona floreciente
El quedar-se rendida eternamente,
Porque humilhada al triumpho se germana.

Rendimiento fiel haze pomposa,
Que en beber los castalios crescimientos
Se adquire la ventura mas dichosa.

A que Phenix nos causa mil tormentos
Ver, que triumpha humilhada, y tan gloriosa
Por ser rendida a vuestro luzimiento.

AFIRMA QUE A FORTUNA E O FADO NÃO É OUTRA
COISA MAIS QUE A PROVIDENCIA DIVINA.

Isto, que ouço chamar por todo o mundo
Fortuna, de uns cruel, d'outros impia,
É no rigor da boa teologia
Providência de Deus alto, e profundo.

Vai-se com temporal a Nau ao fundo
carregada de rica mercancia,
Queixa-se da Fortuna, que a envia,
E eu sei, que a submergiu Deus iracundo.

Mas se faz tudo a alta Providência
De Deus, como reparte justamente
À culpa bens, e males à inocência?

Não sou tão perspicaz, nem tão ciente,
Que explique arcanos d'alta Inteligência,
Só vos lembro, que é Deus o providente.

NO SERMÃO QUE PREGOU NA MADRE DE DEUS D. JOÃO FRANCO
DE OLIVEIRA PONDERA O POETA A FRAGILIDADE HUMANA.

Na oração, que desaterra.....aterra
Quer Deus, que, a quem está o cuidado.....dado
Pregue, que a vida é emprestado.....estado
Mistérios mil, que desenterra.....enterra.

Quem não cuida de si, que é terra.....erra
Que o alto Rei por afamado.....amado,
E quem lhe assiste ao desveladolado
Da morte ao ar não desaferra.....aferra.

Quem do mundo a mortal loucura.....cura,
A vontade de Deus sagrada.....agrada,
Firmar-lhe a vida em atadura.....dura.

Ó voz zelosa, que dobrada.....brada,
Já sei, que a flor da formosura.....usura
Será no fim desta jornada.....nada.

CONTINUA O POETA COM ESTE ADMIRÁVEL A QUARTA FEIRA DE CINZAS.

Que és terra Homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua Igreja,
De pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.

Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te,
E como o teu baixel sempre fraqueja
Nos mares da vaidade, onde peleja,
Te põe à vista a terra, onde salvar-te.

Alerta, alerta pois, que o vento berra,
E se assopra a vaidade, e incha o pano,
Na proa a terra tens, amaina, e ferra.

Todo o lenho mortal, baixel humano
Se busca a salvação, tome hoje terra,
Que a terra de hoje é porto soberano.

CONSIDERA O POETA ANTES DE CONFESSAR-SE NA ESTREITA
CONTA E VIDA RELAXADA.

- 1 Ai de mim! Se neste intento,
e costume de pecar
a morte me embaraçar
o salvar-me, como intento?
que mau caminho freqüento
para tão estreita conta;
oh que pena, e oh que afronta
será, quando ouvir dizer:
vai, maldito, a padecer,
onde Lucifer te aponta.

- 2 Valha-me Deus, que será
desta minha triste vida,
que assim mal logro perdida,
onde, Senhor, parará?
que conta se me fará

lá no fim, onde se apura
o mal, que sempre em mim dura,
o bem, que nunca abracei,
os gozos, que desprezei,
por uma eterna amargura.

3 Que desculpa posso dar,
quando ao tremendo júzo
for levado de improviso,
e o demônio me acusar?
Como me hei de desculpar
sem remédio, e sem ventura,
se for para aonde dura
o tormento eternamente,
ao que morre impenitente
sem confissão, nem fé pura.

4 Nome tenho de cristão,
e vivo brutalmente,
comunico a tanta gente
sem ter, quem me dê a mão:
Deus me chama co perdão
por auxílios, e conselhos,
eu ponho-me de joelhos
e mostro-me arrependido;
mas como tudo é fingido,
não me valem aparelhos.

5 Sempre que vou confessar-me,
digo, que deixo o pecado;
porém torno ao mau estado,
em que é certo o condenar-me:
mas lá está quem há de dar-me
o pago do proceder:
pagarei num vivo arder
de tormentos repetidos
sacrilégios cometidos
contra quem me deu o ser.

6 Mas se tenho tempo agora,
e Deus me quer perdoar,
que lhe hei de mais esperar,
para quando? ou em qual hora?
que será, quando traidora
a morte me acometer,
e então lugar não tiver
de deixar a ocasião,
na extrema condenação
me hei de vir a subverter.

AO DIA DO JUÍZO.

O alegre do dia entristecido,
O silêncio da noite perturbado
O resplendor do sol todo eclipsado,
E o luzente da lua desmentido!

Rompa todo o criado em um gemido,
Que é de ti mundo? onde tens parado?
Se tudo neste instante está acabado,
Tanto importa o não ser, como haver sido.

Soa a trombeta da maior altura,
A que a vivos, e mortos traz o aviso
Da desventura de uns, d'outros ventura.

Acabe o mundo, porque é já preciso,
Erga-se o morto, deixe a sepultura,
Porque é chegado o dia do juízo.

A CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA.

Para Mãe, para Esposa, Templo, e Filha
Decretou a Santíssima Trindade
Lá da sua profunda eternidade
A Maria, a quem fez com maravilha.

E como esta na graça tanto brilha,
No cristal de tão pura claridade
A segunda Pessoa humanidade
Pela culpa de Adão tomar se humilha

Para que foi aceita a tal Menina?
Para emblema do Amor, obra piedosa
Do Padre, Filho, e Pomba essência trina:

É logo consequência esta forçosa,
Que Estrela, que fez Deus tão cristalina
Nem por sombras da sombra a mancha goza.

A CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA.

Como na cova tenebrosa, e escura,
A quem abriu o Original pecado,
Se o próprio Deus a mão vos tinha dado;
Podíeis vós cair, ó virgem pura?

Nem Deus, que o bem das almas só procura,
De todo vendo o mundo arruinado,
Permitira a desgraça haver entrado,
Donde havia sair nova ventura.

Nasce a rosa de espinhos coroada
Mas se é pelos espinhos assistida,
Não é pelos espinhos magoada.

Bela Rosa, ó virgem esclarecida!
Se entre a culpa se vê, fostes criada,
Pela culpa não fostes ofendida.

AO MESMO ASSUNTO.

- 1 Antes de ser fabricada
do mundo a máquina digna,
já lá na mente divina,
Senhora, estáveis formada:
com que sendo vós criada
então, e depois nascida
(como é cousa bem sabida)
não podíeis, (se esta sois)
na culpa, que foi depois,
nascer, Virgem, compreendida

- 2 Entre os nascidos só vós
por privilégio na vida
fostes, Senhora, nascida
isenta da culpa atroz:
mas se Deus (sabemos nós)
que pode tudo, o que quer,
e vos chegou a eleger
para Mãe sua tão alta,
impureza, mancha, ou falta
nunca em vós podia haver.
- 3 Louvem-vos os serafins,
que nessa Glória vos vêem,
e todo o mundo também
por todos os fins dos fins:
Potestades, querubins,
e enfim toda a criatura,
que em louvar-vos mais se apura,
confessem, como é razão,
que foi vossa conceição
sacra, rara, limpa, e pura.
- 4 O Céu para coroar-vos
estrelas vos oferece,
o sol de luzes vos tece
a gala, com que trajar-vos:
a lua para calçar-vos
dedica o seu arrebol,
e consagra o seu farol,
porque veja o mundo todo,
que brilham mais deste modo
Céu. estrelas, lua, e sol.

A N. SENHORA DO ROSÁRIO.

A Rainha celestial,
que venceu o seu contrário,
nosso pobre cabedal
hoje do Santo Rosário
lhe faz um arco triunfal.

O arco é de paz, e guerra,
com que sempre há de triunfar,
e tal virtude em si encerra,
que por ele hei de chegar
ao alto céu desde a terra.

Este é o arco dos céus,
que sobre as nuvens se vê,
dado para nós por Deus,
por cujo meio com fé
teremos grandes troféus.

Porque o rosário rezado
quando a alma em graça está,
é sinal, que Deus tem dado,
de que não me afogará
no dilúvio do pecado.

Este é o arco triunfal,
por onde a alma gloriosa
livre do corpo mortal
vai aos céus a ser esposa
do Príncipe celestial.

Tem o homem seu contrário
dentro em sua mesma terra,
que lhe vence de Ordinário,
e a Virgem por esta guerra
dá-lhes as contas do Rosário.

Esta é boa artilharia
para o justo, e pecador,
tirai a alma em pontaria
co fogo do vosso amor,
e co'as balas de Maria.

Toda alma, que fizer conta
de si, e sua salvação,
ouça, o que a Virgem lhe aponta:
suba, que em sua oração
será degrau cada conta.

AS LÁGRIMAS QUE SE DIZ, CHOROU N. SENHORA DE MONSARRATE.

Temor de um dano, de uma oferta indício
Pronta em divina Origem desatado,
Que tendo por horrível ao pecado,
Sois a Deus agradável sacrifício.

Esperança da fé, terror do vício,
Enigma em dois assuntos decifrado,
Que pareceis castigo ameaçado
E sois executado benefício.

Duas cousas qualquer delas possível
Tendes, ó pranto, para ser forçoso,
e envolveis o prodígio para crível.

Tendo um motivo ingrato, outro piedoso,
Um na minha dureza aborrecível,
Outro no vosso amparo generoso.

A S. FRANCISCO TOMANDO O POETA O HÁBITO DE TERCEIRO.

Ó magno serafim, que a Deus voaste
Com asas de humildade, e paciência,
E absorto já nessa divina essência
Logras o eterno bem, a que aspiraste:

Pois o caminho aberto nos deixaste,
Para alcançar de Deus também clemência
Na ordem singular de penitência
Destes Filhos Terceiros, que criaste.

A Filhos, como Pai, olha queridos,
E intercede por nós, Francisco Santo,
Para que te sigamos, e imitemos.

E assim desse teu hábito vestidos
Na terra blasonemos de bem tanto,
E depois para o Céu juntos voemos.

AO GLORIOSO PORTUGUÊS SANTO ANTÔNIO.

MOTE

*Deus, que é vosso amigo d'alma,
na palma se vos vem pôr,
para mostrar, que de amor
só vós levastes a palma.*

- 1 Quando o livrinho perdestes
lá na mata do botão,
Antônio, grande aflição
dentro em vossa alma tivestes:
e se da dor, que vencestes,
levastes vitória, e palma,
bem se colhe, que em tal calma
tal dor, e tal agonia
só aliviar-vos podia
Deus, que é vosso amigo d'alma.

- 2 Fez-vos Deus nessa ocasião
visita bem lisonjeira,
e por não puxar cadeira,
se sentou na vossa mão:
foi larga a conversação,
que o assunto foi de amor,
e porque um Frade menor,
(sendo menor que o Menino)
era de tal palma digno,
Na palma se vos vem pôr.

- 3 Convosco o Menino então
um jogo, Antônio, jogou:
ele a palma vos ganhou,
mas vós ganhastes por mão:
não jogou entonces não
com o seu Servo o Senhor
para mostrar, que o favor
nasceu da ociosidade,
senão por mais majestade
Para mostrar, que de amor.

- 4 Mostrou, que em quererdes bem
a um Deus, a quem imitastes,
não só premissas pagastes,
mas os dízimos também:
e por deixar em refém
deste amor a mais pura alma,
pois todas deixais em calma,
cantam os coros celestes,
que porque a palma a Deus destes
Só vos levastes a palma.

AO MESMO ASSUNTO.

MOTE

*Qual dos dois terá mor gosto,
Antônio em braços com Cristo,
ou Cristo em seus braços posto?*

- 1 Gosta Cristo de mostrar
que é de Antônio amante fino,
por isso se faz menino,
para em seus braços estar:
mas quem poderá falar,
quando está de rosto a rosto
Cristo com Antônio posto,
Antônio com Cristo em braços
em tão amorosos laços
Qual dos dois terá mor gosto?

- 2 Mas sendo Cristo o que vem
para em seus braços se ver,
com razão se há de dizer,
que Cristo mor gosto tem:
mas se ainda houver alguém,
que duvide assim ser isto,
em seus braços bem se há visto
Cristo, porque quis mostrar,
que somente pode estar
Antônio em braços com Cristo.

- 3 Foi tão raro, e peregrino
este Santo Lusitano,
que mereceu, sendo humano,
adorações de divino:
finalmente foi tão digno
de excelências, que em seu rosto
realça de Cristo o gosto:
pois onde Cristo estiver,
logo Antônio se há de ver,
Ou Cristo em seus braços posto.

AO MESMO QUE LHE DERAM A GLOSAR.

MOTE

Bêbado está Santo Antônio

Entrou um bêbado um dia
pelo templo sacrossanto
do nosso Português Santo,
e para o Santo investia:
a gente, que ali assistia,
cuidando, tinha o demônio,
lhe acudiu a tempo idôneo,
gritando-lhe todos, tá,
tem mão, olha, que acolá,
Bêbado, está Santo Antônio.

A CANONIZAÇÃO DO BEATO STANISLAO KOSCA.

Na concepção o sangue esclarecido,
No nascimento a graça, consumada,
Na vida a perfeição mais regulada,
E na morte o triunfo mais devido.

O sangue mal na Europa competido,
A graça nas ações sempre admirada,
A profissão no breve confirmada,
O triunfo no eterno merecido.

Tudo se vincula ao ser profundo
De Estanislau, que a glória do seu norte
Foi ser portento ao céu, prodígio ao mundo.

Por isso teve a fama de tal sorte,
Que o fazem nela unidos sem segundo
Concepção, Nascimento, Vida, e Morte.

SOLILÓQUIO DE ME. VIOLANTE DO CÉU AO DIVINÍSSIMO
SACRAMENTO: GLOSADO PELO POETA,
PARA TESTEMUNHO DE SUA DEVOÇÃO E CRÉDITO DA
VENERÁVEL RELIGIOSA.

MOTE 1

*Soberano Rei da Glória,
que nesse doce sustento
sendo todo entendimento
quisestes ficar memória.*

- 1 Numa cruz vos exaltastes,
meu Deus, para padecer,
e nas ânsias de morrer
ao Eterno Pai clamastes:

sangue com água brotastes
do lado para memória,
e como consta da História,
quisestes morrer constante
por serdes tão fino amante,
Soberano Rei da Glória.

2 Se na glória, em que reinais,
amante vos concedeis
bem mostrais, no que fazeis,
que extremosamente amais:
mas se em pão vos disfarçais,
dando-vos por alimento,
pergunta o entendimento,
onde assistis com mais luz?
mas direis, doce Jesus
Que nesse doce sustento.

3 Sabendo enfim, que morríeis,
amante vos entregastes,
e no Horto, quando orastes,
ânsias de morte sentíeis:
já, divino Amor, sabíeis,
da vossa morte o tormento,
e já desde o nascimento
todo o saber compreendestes,
porque, Senhor, já nascestes
Sendo todo entendimento.

4 Vivas lembranças deixastes
da vossa morte, Senhor,
e para maior amor
mesmo em lembrança ficastes:
numa ceia apresentastes
vosso corpo em tanta glória,
que para contar a história
da vossa morte, e tormento,
no divino Sacramento
Quisestes ficar memória.

MOTE 2

*Sol, que estando abreviado
nesse cândido Oriente,
abonais o mais ardente,
ostentando o mais nevado.*

- 1 Sendo Sol, que dominais
dos céus a máquina fera,
em tão limitada esfera,
como esse Sol ostentais?
creio, que a entender nos dais,
meu Redentor extremado,
que em lugar tão limitado
só o amor caber se atreve
como num círculo breve
Sol, que estando abreviado

- 2 Bem nesse lugar tão breve
vemos com tanto arrebol
abrasar-se tanto sol
nos epiciclos da neve:
muito a vosso amor se deve,
pois como Sol no nascente
pelo cristal transparente
divinamente ilustrais,
e todo vos abrasais
Nesse cândido Oriente.

- 3 Todo neve na brancura,
todo sol, no que brilhais,
como sol nos abrasais,
sendo neve na frescura:
mas tanto o divino apura
no cristal o transparente,
que ali fazendo patente
o quanto estais empenhado,
de fino amor abrasado
Abonais o mais ardente.

- 4 Nascem desempenhos tais
desses divinos primores,
que em requintados amores
todo a nós nos dedicais:
mas bem que vos empenhais,
vejo-vos mui bem trajado
nessa gala de encarnado,
que tomastes de Maria,
agora por bizarria
Ostentando o mais nevado.

MOTE 3

*Emblema de amor mais puro,
enigma de amor mais raro,
que sendo à vista tão claro,
sois também à vista escuro.*

- 1 Depois de crucificado
vos admirei, bom Senhor,
fino retrato do amor,
quando vos vi retratado:
então de um iluminado
sanguinosamente escuro,
se bem que estou mui seguro
das finezas do Calvário,
vos contemplei no sudário
Emblema de amor mais puro

- 2 E suposto o pensamento
se pasma do escuro enigma,
mais o mistério sublima
vendo-vos no Sacramento:
ali meu entendimento
conhecendo-vos tão claro,
melhor esforça o reparo
de que estais tão luzido,
quando melhor compreendido
Enigma de amor mais raro

- 3 Que no Sacramento estais
todo, e toda a divindade,
conheço com realidade,
suposto que o disfarçais:
para que vos ocultais
nesse mistério tão raro,
se a maravilha reparo,
penetrando-vos atento,
mais claro ao entendimento,
Que sendo à vista tão claro?

- 4 Que se de neve coberto
fica o divino admirado,
bem se pode um disfarçado
conhecer melhor ao perto:
porém vós andais tão certo,
e tanto em recatos puro,
que se ver-vos me asseguro
nesse disfarce, em que andais,
inda que patente estais,
Sois também à vista escuro.

*Agora que entre candores
a vosso amor dais a palma,
escutai, Senhor, uma alma,
que por vós morre de amores.*

- 1 Todo amante, e todo digno
vos veio estar neste trono,
prestando ao amor de abono
quilates do ardor mais fino:
porém, Senhor, se contino
abrasado estais de amores,
entre tantos resplandores,
que por fineza ocultais,
vede, que nos abrasais
Agora, que entre candores.

- 2 De amor tão qualificado
digo, ó cordeiro bendito,
que vos aclame infinito
tanto espírito elevado:
que eu vos não louvo ajustado,
bem que supra afetos d'alma,
pois meu amor nesta calma,
sendo do vosso vencido,
reconheço, que subido
A vosso amor dais a palma.

- 3 Mas por amor tão subido
ouvi, como tenro amante,
este pecador constante,
que se chega arrependido:
seja de vós admitido
o pranto, em que se desalma
para crédito da palma,
que dais a vossos amores,
dos humildes pecadores
Escutai, Senhor, uma alma.

- 4 Ouvi desta alma humilhada,
Senhor, um fraco conceito,
e é, que entreis em meu peito
a fazer vossa morada:
achareis de boa entrada
tormentos, ânsias, e dores,
que deram os malfeitores
em toda a vossa paixão,
e vereis um coração,
Que por vós morre de amores.

MOTE 5

Escutai vossos efeitos

*em grosseiras humildades
que para vós as verdades
têm mais valor, que os conceitos.*

1 Já sei, meu Senhor, que vivo
depois que em meu peito entrastes,
porque logo me deixastes
ardendo em um fogo ativo:
agora tenho motivo
para melhorar conceitos,
quando dos vossos respeitos
palpita meu peito o ardor,
e para ver vosso amor
Escutai vossos efeitos

2 Mas se o infinito ardor
pode atalhar, quanto diga,
sempre o meu termo periga
nas eloquências de amor:
cale-se a língua melhor
em tantas dificuldades,
vos intenta ponderar,
mil erros lhe haveis de achar
Em grosseiras humildades.

3 Quem, Senhor, na confissão
andara tão acertado,
que do mais leve pecado
soubera ter contrição:
que de todo o coração
com assaz de realidades
sentira essas propriedades
confessando, o que mandais,
pois sei, que não quereis mais
Que para vós as verdades.

4 Bem advertido, Senhor,
estou, que sois lince vós,
e que penetrais em nós
os movimentos de amor:
tanto conheceis a dor,
que temos em nossos peitos,
que sendo de amor efeitos
os verdadeiros sinais,
convosco verdades tais
Têm mais valor, que os conceitos.

MOTE 6

*Exercite os mais subidos,
quem busca humanos agrados,*

*que sempre são levantados,
os que são de vós ouvidos.*

- 1 Oh quem tivera empregados
em vós, meu Amor divino,
cuidados, que de contino
se multiplicam cuidados:
fazei, que a vós levantados
se acreditem de luzidos
pensamentos, que abatidos
seguem do mundo os enganados,
e que deixando os humanos,
Exercite os mais subidos.

- 2 Quem conquistando, Senhor,
vosso amor, perdera a vida,
porque a dá por bem perdida
quem a perde em vosso amor!
Se eu, terníssimo Pastor,
acudira a vossos brados,
então sim, que os meus cuidados
coroara de alta dita,
já que fino se acredita
Quem busca humanos agrados.

- 3 Porque aqueles, que vos amam,
e em tais delícias se enlevam,
o prêmio consigo levam,
e filhos vossos se aclamam:
que como no amor se inflamam,
os que são vossos amados,
sendo já purificados
por filhos do vosso amor,
quem há de negar, Senhor,
Que sempre são levantados?

- 4 Quem de contino a bradar
por vós no maior rigor
nas enchentes desse amor
não acha de graça um mar?
quero com ânsias mostrar
a dor, a pena, os gemidos;
pois sendo a vós repetidos,
serão de vós bem lembrados,
que são bem-aventurados
Os que são de vós ouvidos.

MOTE 7

*Ai Senhor, quem alcançara
um bem tão alto, e divino,
que de meus ais o contino*

a tais ouvidos chegara!

1 Ai meu Deus, quem merecera
trazer-vos tão dentro d'alma,
que abrasado em viva calma
do vosso amor falecera!
Ai Senhor, quem padecera
por vós, e só vos amara!
ai quem por vós desprezara
tanta enganosa ruína,
e vossa graça divina
Ai Senhor, quem alcançara.

2 Ai quem fora tão ditoso,
que soubera bem amar-vos,
e na ação de conquistar-vos
rejeitara o mais custoso!
quem, Senhor, tão sequioso
todo amante, e todo fino
elevara o seu destino
a beber da fonte clara,
que desta sorte lograra,
Um bem tão alto, e divino.

3 Quem disposto a padecer
por vós buscara os retiros.
onde com ais, e suspiros
soubera por vós morrer!
quem sabendo compreender
desse vosso amor o fino
se elevara peregrino
por um amor de tal porte,
que me dera a melhor sorte,
Que de meus ais o contino!

4 Só então fora feliz,
e fora então venturoso,
se conhecera ditoso,
que meus suspiros ouvis:
se minha dor admitis,
ditoso então me chamara;
oh se de uma dor tão rara
ouvísseis um só gemido,
e se um ai enternecido
A tais ouvidos chegara!

MOTE 8

*Porém justamente espera
cada qual chegar-vos logo,
porque a suspiros de fogo
nunca vos negais esfera.*

- 1 Esta alma, meu Redentor,
que vos busca peregrina,
por vossa graça divina
suspira em contínua dor:
diz, e protesta, Senhor,
que se mil vidas tivera,
todas por vós as perdera,
e não só não se embaraça
no pedir da vossa graça,
Porém justamente espera.

- 2 Espera, e não estranheis
o confiar de um perverso,
que pertende já converso,
que a todos, Senhor, salveis:
peço-vos, que nos livreis
desse dilúvio de fogo;
ouvi por todos meu rogo,
inda que vos não compete,
que todos juntos, promete
Cada qual chegar-vos logo.

- 3 Porque se abrasado o peito
vosso amor está chamando,
não é muito, que chorando
seja cada qual desfeito:
bem posso formar conceito
desta causa, Senhor, logo,
pois vós ouvistes meu rogo,
e atendeis à minha mágoa,
porque vós venceis com água
Porque a suspiros de fogo.

- 4 Arde meu peito em calor,
se bem estou anelando,
quando me estou abrasando
em tanto fogo de amor:
se se realça o ardor,
que um peito amante verbera
quem o favor não espera
de tanto carinho ao rogo,
se a chamais de ativo fogo
Nunca vos negais esfera?

MOTE 9

*Ai meu bem! ai meu Esposo!
ai Senhor Sacramentado!
que mal pode o disfarçado
ocultar o poderoso.*

1 Ai meu Deus, que já não sei
vendo, que vos ausentais,
dizer, como me deixais
neste abismo, em que fiquei
ai Senhor! e que farei
para alcançar venturoso,
o que por menos ditoso
perdi, ou talvez de indigno:
ai meu Redentor divino!
Ai meu bem! Ai meu Esposo

2 Ai Senhor, que me deixais
nesta dura soledade
morto na realidade,
bem que vivo me vejais:
mistérios de amor guardais,
porque estais inda encerrado
em dar-me a vida empenhado,
e do vosso amor a palma.
ai amante da minha alma!
Ai Senhor Sacramentado!

3 Se nos disfarces metido
roubar as almas quereis,
que importa, vos disfarceis,
ficando à vista o vestido?
mas de que (já conhecido
pelo vestido encarnado)
vos importa o reбуçado:
pois conhecido o poder,
tanta luz escurecer
Que mal pode o disfarçado.

4 Diáfano, e transparente
esse cristal puro, e fino
com resguardar o divino
declara o onipotente:
tanto nele permanente
está sempre o majestoso,
que então brilha mais lustroso
pelas veias do cristal,
e oculta instrumento tal
Ocultar o poderoso.

MOTE 10

*Ai que bem se deixa ver
nessa Hóstia, Rei Supremo,
que quanto é maior o extremo,
tanto é maior o poder.*

- 1 Cuidei que não permitisse
 vosso poder sublimado,
 que estando assim disfarçado,
 tão claramente vos visse:
 mas porque bem arguísse,
 qual seja o vosso poder,
 breve cheguei a colher
 pelo cristal transparente,
 o que em vós como acidente
 Ai que bem se deixa ver!

- 2 Bendito seja, e louvado,
 pelo que tem de amoroso,
 um Deus, que é tão poderoso,
 um Senhor tão sublimado:
 deixar de ser exaltado
 poder tão grande, não temo,
 pois se vê de extremo a extremo,
 que a grandeza, que se sabe
 cabendo em vós, toda cabe
 Nessa Hóstia, Rei Supremo.

- 3 Exaltada a Majestade
 seja de um Rei tão divino,
 e louvada de contínuo
 tão suprema divindade:
 porque, Senhor, na verdade
 dessas profundezas temo,
 quando a razão, Rei Supremo,
 responde à minha rudeza
 (sobre o subir da grandeza)
 Que quanto é maior o extremo.

- 4 E colhida a admiração
 no Sacramento está visto,
 quando Pão, ser todo Cristo,
 quando Cristo, todo Pão:
 unido na Encarnação
 ao divino e humano ser,
 e sendo imortal morrer
 um Deus, que tanto se humilha,
 sendo grande a maravilha,
 Tanto é maior o poder.

MOTE 11

*Porque, quem em pão se encerra
Ser divino, e Ser humano,
que muito que soberano
fabricasse o céu, e a terra.*

- 1 Se no pão vos disfarçais,

por cobrir vossa grandeza,
já do pão na natureza
toda a grandeza expressais:
melhor no pão publicais
o poder a toda a terra,
pasma o mar, e trema a serra,
e reconheça o percito,
que o Pão é Deus infinito;
Porque quem em pão se encerra?

2 Neste Pão sacramentado,
que dos Anjos é sustento,
têm as almas grande alento
por meio de um só bocado:
perdoa a todo o pecado
por mais torpe, e desumano,
e eu me confesso tirano,
porque me não arrependo
se estou no Pão conhecendo
Ser divino, e ser humano.

3 Na Ceia se apresentou
o Senhor com realidade,
neste Pão da divindade,
que a todos sacramentou:
se a cada um transformou,
passando a divino o humano,
que muito, que o desumano
pecador já convertido
seja aos Anjos preferido?
Que muito, que soberano?

4 Quem assim o permitiu
com tão alta onipotência,
que o pó da suma indigência
sobre as esferas subiu:
quem este pó preferiu
à luz, que luzes desterra,
que muito a contrária guerra
pacifique aos elementos?
que muito, que a seus intentos
Fabricasse o Céu, e a terra?

MOTE 12

*Que muito, que vivo alento
desse a um barro insensível
um Deus, que lhe foi possível
dar-se a si mesmo em sustento.*

1 De um barro frágil, e vil,
Senhor, o homem formastes,

cuja obra exagerastes
por engenhosa, e sutil:
graças vos dou mil a mil,
pois em conhecido aumento
tem meu ser o fundamento
na razão, em que se estriba,
se lhe infundis alma viva,
Que muito, que vivo alento.

2 Depois de feita a escultura,
e por um Deus acabada,
obra não houve extremada
como a humana criatura:
ali para mais ventura
(sendo o barro assaz terrível)
alma lhe deu infalível,
e me admira ver, que aquela
alma, que ali fez tão bela
Desse a um barro insensível.

3 Possível lhe foi fazer
este Arquiteto divino
participando do Trino
aquela alma a seu prazer:
para mais se engrandecer
engrandeceu o insensível,
desatando-se passível
daquele sagrado nó,
que apertava três, e só
Um Deus, que lhe foi possível.

4 Foi grandeza do poder
aquele querer mostrar
sendo divino encarnar
para humano vir nascer:
e foi grandeza o morrer
um Deus, que é todo portento;
e se bem no Sacramento
se adverte grande fineza,
de seu poder foi grandeza
Dar-se a si mesmo em sustento.

MOTE 13

*Ó divina Onipotência!
Ó divina Majestade!
que sendo Deus na verdade
sois também Pão na aparência.*

1 Já requintada a fineza
Nesse Pão sacramentado
temos, Senhor, ponderado

vossa inaudita grandeza:
mas o que apura a pureza
da vossa magnificência
é, quererdes, que uma ausência
não padeça, quem deixais,
pois que partindo ficais,
Ó divina Onipotência.

2 Permitti por vossa cruz,
por vossa morte, e paixão,
que entrem no meu coração
os raios da vossa luz:
clementíssimo Jesus
sol de imensa claridade,
sem vós a mesma verdade,
com que vos amo, periga;
guiiai-me, porque vos siga,
Ó divina Majestade.

3 Na verdade esclarecida
do vosso trono celeste
toda a potência terrestre
de compreender-vos duvida:
porém na forma rendida
de um cordeiro a Majestade
aos olhos da humanidade
melhor a potência informa,
sendo cordeiro na forma,
Que sendo Deus na verdade.

4 Cá neste trono de neve,
onde humanado vos vejo,
melhor aspira o desejo,
melhor a vista se atreve:
aqui sabe, o que vos deve
(vencendo a maior ciência)
amor, cuja alta potência
adverte nesse distrito,
que sendo Deus infinito,
Sois também Pão na aparência.

MOTE 14

*Ó Soberana Comida!
Ó maravilha excelente!
pois em vós é acidente,
o que em mim eterna vida.*

1 À mesa do Sacramento
cheguei, e vendo a grandeza
admirei tanta beleza,
dei graças de tal portento:

com santo conhecimento
só então folguei ter vida,
pois vendo-a convosco unida
na flama de tanta calma
disse (recebendo-a n'alma)
Ó Soberana Comida!

2 Naquela mesa admirando
anda a graça tanto a rodo,
que dando-se a todos, todo
vos estais comunicando:
e de tal modo exaltando
vosso ser onipotente,
que quando estais tão patente
nessa nevada pastilha,
vos louvam por maravilha,
Ó maravilha excelente!

3 Como num excelso trono
realmente verdadeiro,
na Hóstia estais todo inteiro,
Senhor, por maior abono:
se por ser das almas dono
vos empenhais tão patente,
hei de apelidar contente
com a voz ao céu subida,
que esse Pão me seja vida,
Pois em vós é acidente.

4 Neste excesso do poder
só podia o majestoso
obrar ali de amoroso,
o que chegou a emprender:
eu, que venho a merecer
lograr a Deus por comida,
tenho por cousa sabida
neste excesso do Senhor
serem delíquios do amor,
O que em mim eterna vida.

MOTE 15

*Ó poder sempre infinito,
que o céu admira suspenso,
pois se encerra um Deus imenso
em tão pequeno distrito.*

1 Três vezes grande, Senhor,
o mesmo céu nos publica,
e este louvor multiplica
com repetido clamor:
não cessa o santo louvor,

porque não cessando o grito
de tanto elevado espírito,
isso mesmo é propriedade,
que defende a majestade
O poder sempre infinito.

2 Quem chegar a compreender
essa grande imensidade,
há de pasmar na verdade
reconhecido o poder:
porém eu hei de dizer,
que nesse globo *in extenso*
vejo aquele sol imenso,
que tantos pasmos conduz,
vejo aquela imensa luz,
que o Céu admira suspenso.

3 Tal a meus olhos exposto
vos vejo no Sacramento.
que supre esse entendimento
os delírios do meu gosto:
porém se encobris o rosto,
já desanimo suspenso,
e vós sabeis por extenso
da águia, que se vos aplica,
qual se desmaia, e qual fica,
Pois se encerra um Deus imenso.

4 Quando em partes dividido
vos creio nas partes todo,
e vos vejo em raro modo
todo nas partes unido:
e de empenho tão subido
a inteligência repito,
pois me informa o infinito,
que estar pode na verdade
do Céu toda a majestade
Em tão pequeno distrito.

MOTE 16

*Com razão, divina neve,
a vós se prostram coroas,
pois inclue três pessoas
a partícula mais breve.*

1 Sol de justiça divino
sois, Amor onipotente,
porque estais continuamente
no luzimento mais fino:
porém, Senhor, se o contínuo
resplandecer se vos deve,

fazendo um reparo breve
desse sol no luzimento,
sois sol, mas no Sacramento
Com razão divina neve.

2 Só em vós, meu Redentor,
tanta grandeza se encerra:
porque dos céus, e da terra
sois absoluto Senhor:
da terra o poder maior
um tempo em ardentes loas
humilharam três pessoas,
prostrando-se ao vosso pé
bem advertidos, de que
A vós se prostram coroas.

3 Mas porém se o disfarçado
não diminui o valor,
como ocupais, meu Senhor,
um lugar tão limitado?
de maior porém penhado
nos dais advertências boas;
mas convencendo as coroas,
mostrais ao peito arrogante
que esse lugar é bastante,
Pois inclui três pessoas.

4 A maravilha maior,
que causa o vosso portento,
é, que estais no Sacramento
todo em partes por amor:
porém se o maior valor
ao mais humilde se deve,
e só quem menos se atreve,
esse voz goza, e vos prende,
com razão vos compreende
A partícula mais breve.

MOTE 17

*Ora quereis doce Esposo,
quereis, luz dos meus sentidos,
que fiquemos sempre unidos
em um vínculo amoroso?*

1 Agora, Senhor, espero,
que consintais, no que digo;
quereis vós ficar comigo,
que eu partir convosco quero?
que o permitais considero
fazendo-me a mim ditoso,
pois vos prezais de amoroso:

já quero as entranhas dar-vos,
e vede se assim tratar-vos,
Ora quereis, doce Esposo.

2 Já, Senhor, seguir-vos posso,
pois vosso amor me rendeu,
ser todo vosso, e não meu,
nada meu, e todo vosso:
permiti como Pai nosso,
não andemos divididos,
mas antes que muito unidos
estejamos entre nós,
porque eu já quero, o que vós
Quereis, luz dos meus sentidos.

3 Façamos, Senhor, um laço
entre nós tão apertado,
que de vós mais apartado
não possa mudar um passo:
porque com este embaraço
andemos tão prevenidos,
que não ousem meus sentidos
sair de vossos cuidados,
e de tal sorte ajustados,
Que fiquemos sempre unidos.

4 Seja pois este querer-nos
de tal sorte requintado,
que fique todo admirado,
quem assim chegar a ver-nos:
onde possa conhecer-nos
o mundo de curioso
me inveje pelo ditoso,
vendo, que comigo amante
vos ajustais mui constante
em um vínculo amoroso.

MOTE 18

*Levantai minha humildade
humilhai vossa grandeza,
porque em vós seja fineza,
o que em mim felicidade*

1 Não é minha voz ousada
a pedir-vos: mas prossigo,
que queirais estar comigo,
inda que, Senhor, sou nada:
e se minha alma ilustrada
quereis, que fique em verdade,
pois que sem dificuldade
me podeis engrandecer,

ao auge do vosso ser
Levantai minha humildade.

- 2 Tenho, Senhor, no sentido
para duvidar de ousado,
que mal pode o desairado
pretender o esclarecido:
de minhas culpas tolhido
na abominável torpeza,
vendo em vós tanta beleza,
mal posso, Senhor, chegar-vos,
e para poder lograr-vos
Humilhai vossa grandeza.
- 3 Fazei por mim, meu Senhor,
tudo quanto possa ser,
e pois tendes tal poder
me podeis dar vosso amor:
uni o vosso valor
com a minha singeleza,
e fique a vossa grandeza
unida, Senhor, comigo;
fazei isto, que vos digo,
Porque em vós seja fineza.
- 4 Vosso corpo por inteiro
introduzi no meu peito,
porque assim ficarei feito
um sacrário verdadeiro:
ostentai, manso cordeiro,
com a minha indignidade
vossa grande Majestade,
suposto que o não mereça,
porque traça em vós pareça
O que em mim felicidade.

MOTE 19

*Uni meu sujeito indigno
a esse objeto soberano,
fareis do divino humano,
fareis do humano divino.*

- 1 Mostrai, Senhor, a grandeza
de tão imenso poder,
unindo este baixo ser
a tão suprema beleza:
uni, Senhor, com firmeza
a este barro nada fino
o vosso ser tão divino,
ligai-vos comigo amante,

convosco em laço constante
Uni meu sujeito indigno.

- 2 Fazei, Senhor, com que fique
desta união tal memória,
que tão peregrina história
a vosso amor se dedique:
justo será, que publique
em seu pergaminho lhano
vossa glória o peito humano,
e que o mundo suspendido
veja um pecador unido
A esse objeto soberano.

- 3 Como da vossa grandeza
não há mais onde subir,
será realce o vestir
as túnicas da vileza:
muito o vosso amor se preza
de abater o soberano;
serei eu o Publicano
indigno do vosso amor:
vinde a meu peito, Senhor,
Fareis do divino humano.

- 4 Fareis humanado em mim
créditos à divindade,
porque o vosso incêndio há de
transformar-me em serafim:
fareis deste barro enfim
fráguas de incêndio mais digno,
fareis do grosseiro o fino,
que isso é glória do saber
e por timbre do poder
Fareis do humano divino.

MOTE 20

*Ai quem tal bem merecera!
que de vós não se apartara!
ai quem melhor vos amara!
ai quem só em vós vivera!*

- 1 Ai quem bem considerara
na glória só de vos ver,
que abrasado em seu querer
salamandra vos buscara!
ai quem tanto vos amara,
que tudo por vós perdera!
ai quem por vós padecera!
ai quem já pudera ver-vos!
ai quem soubera querer-vos!

Ai quem tal bem merecera!

- 2 Quem bem convosco se unira,
meu Senhor, e por tal arte,
que juntos em qualquer parte
um, e outro amor se vira!
quem tanto bem conseguira,
e quem tanto vos amara,
que um instante não deixara
de assistir-vos cuidadoso!
e quem fora tão ditoso
Que de vós não se apartara!
- 3 Ai quem soubera adorar-vos
de tal sorte, meu Senhor,
que deixara o próprio amor
nas pretendências de amar-vos!
quem, a alma querendo dar-vos,
o coração não deixara,
que desse modo lograra
a glória, Senhor, de ver-vos!
ai quem soubera querer-vos!
Ai quem melhor vos amara!
- 4 Quem morto se imaginara
nas glórias da humana vida!
vida em bonanças perdida,
vida, que a morte prepara:
ai quem tão só vos buscara,
que para o mundo morrera!
quem por ganhar-vos perdera
todas as glórias do mundo!
ai quem morrera ao imundo!
Ai quem só em vós vivera!

MOTE 21

*Ai quem soubera querer-vos!
ai quem soubera agradar-vos!
ai quem soubera explicar-vos!
quanto anela o bem de ver-vos.*

- 1 Quem fora tão fino amante,
que mostrara a seu objeto
bem nas entranhas do afeto
prendas do amor palpitante:
quem nessa pira flamante
purificara o temer-vos!
ai quem temera ofender-vos
só por amor de agradar-vos!
ai quem soubera pagar-vos!
Ai quem soubera querer-vos!

2 Quem submergido na pena
prantos a mares vertera,
que outro Pedro parecera,
ou qual outra Madalena!
mas se contudo é pequena
para em justiça obrigar-vos
ai quem no rumo de amar-vos,
que de outro amor me desterra,
fora cos olhos na terra!
Ai quem soubera agradar-vos!

3 Se a vossa divina mão,
amantíssimo Pai nosso,
(como a de Tomé o vosso)
palpara o meu coração:
ai que delícias então
sentira a razão de amar-vos!
ai quem pudera mostrar-vos
o fino do meu amor!
e as circunstâncias da dor
Ai quem soubera explicar-vos!

4 Entrai, Senhor, no meu peito,
onde ao ver-vos retratado
causa sereis, meu amado,
inseparável do efeito:
entrai, que sois bem aceito,
pelo que sei já querer-vos,
e se dentro chego a ter-vos
desta minha indignidade
haveis de ver na verdade,
Quanto anela o bem de ver-vos.

MOTE 22

*Mas se sois lince divino,
que o mais oculto estais vendo:
se estais, luz minha, sabendo
o mesmo, que eu imagino.*

1 Bem sei, meu amado objeto,
fazendo um breve conceito,
que penetrais do meu peito
o mais oculto, e secreto:
bem vê meu constante afeto
da vossa potência o fino,
porque neste vidro indigno
raiano desse Oriente,
se sois sol, não só persente,
Mas se sois lince divino.

2 Deixo à parte haver gerado
vosso justo entendimento
os astros, o firmamento,
e todo o demais criado:
e fico como elevado
no poder, a que me rendo,
admirando: porém vendo
vossa grandeza, e poder,
quando chego a compreender,
Que o mais oculto estais vendo.

3 Quando isento o pensamento
de toda a minha maldade,
vós lá dessa imensidade
vedes também meu intento:
se um oculto movimento
patente, e claro estais vendo,
fico por fé conhecendo
desse poder penetrante,
que não obsta estar distante,
Se estais, luz minha, sabendo.

4 E posto encubrais o rosto
no acidental Sacramento,
mui bem vedes meu intento,
pois a tudo estais exposto:
muda a língua, e fixo o gosto
em vós, meu lince divino,
já reconheço, que o fino
deste arnor penetrareis,
porque, Senhor, bem sabeis
O mesmo, que eu imagino.

MOTE 23

*Que importa, que meus cuidados
não sejam bem referidos,
se para serem sabidos
não dependem de explicados.*

1 Se todo a vós me dedico,
quando todo a mim vos dais,
porque vós em mim ficais,
eu também em vós me fico:
vosso querer justifico,
tendo em vós assegurados
afetos tão requintados;
e se amor é compaixão,
a culpa, meu coração,
que importa? que? meus cuidados.

2 Deus amado, e Deus amante,
oh quem trouxera ajustados
seus amorosos cuidados,
que sem vós nem um instante!
mas pois que o mundo inconstante
perturba amantes sentidos,
valham ardentes gemidos
de afetos interiores
pelo instante, em que os amores
não sejam bem referidos.

3 Fazei, que eu logre a vitória
de uns atrevidos cuidados,
que quando quero explicados
perturbam minha memória:
oh se me alcançara a glória
de ter estes atrevidos
na confissão oprimidos,
onde não posso explicar,
se os conduzo a castigar,
Se para serem sabidos.

4 Sempre nesta explicação
de meus cuidados secretos
quero mostrar uns afetos
de anelante coração:
vaidosa demonstração
de amores mal informados
que repetir meus cuidados
é nescidade de amor,
quando convosco, Senhor,
Não dependem de explicados.

MOTE 24

*Assim pois vós sabeis tudo
ó diviníssimo objeto,
valha-se só meu afeto
de estilo, que fala mudo.*

1 Nada, meu Senhor, vos digo,
nada quisera dizer-vos,
porque os atos de querer-vos,
têm pelas vozes perigo:
tanto, Senhor, que comigo
hei de acabar de ser mudo,
e de tal maneira rudo,
que quando me perguntares
responderei (se escutares)
Assim, pois vós sabeis tudo.

2 Porém calar-me não quero,

quero convosco explicar-me,
vede, se quereis levar-me,
onde louvar-vos espero:
porque se bem considero
distante o golpe secreto,
levando-me vós o afeto,
de que servem meus sentidos
prostrados, e desunidos,
Ó diviníssimo objeto.

3 Convosco meu ser se abraça,
e não pareçam delírios
procurar cândidos lírios
da vossa divina graça:
pois neles a alma se enlaça,
e convosco, amado objeto,
diz, que quer ir em secreto
purificar seu valor:
aqui do vosso favor
Valha-se só meu afeto.

4 Finalmente os meus cuidados
ordenai, Amor, de sorte,
que aos círculos de seu norte
correspondam empenhados:
meus sentidos desvelados
com excesso sobreagudo
vos venerem mais que tudo
em finíssimos extremos:
porém, meu Senhor, mudemos
De estilo, que fala mudo.

2 — PESSOAS BENEMÉRITAS

...pessoas beneméritas...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei

A EL REI D. PEDRO II COM UM ASTROLÁBIO DE TOMAR O SOL,
QUE MANDOU O Pe. VALENTIM STANCEL DEDICADO AO
RENASCIDO MONARCA.

Este, Senhor, que fiz leve instrumento
Para pesar o sol a qualquer hora,
Dedico a aquele Sol, a cuja aurora
Já destinam dous mundos rendimento.

Desta minha humildade, e desalento,
Que a sua quarta esfera não ignora,
subindo a oitavo céu, pretende agora
A estrela achar no vosso firmamento.

Eu, que outro sol no seu zenith pondero
Aos do Nascido Soberanos Raios,
Pesando-me eu a mim me desespero.

Mas vós, Águia Real, esses ensaios
Entre os vossos levai, pois considero,
Que nunca em tanta sombra houve desmaios.

A MORTE DA AUGUSTA SENHORA RAINHA D. MARIA, FRANCISCA,
ISABEL DE SABÓIA, QUE FALECEU EM 1683.

Hoje pó, ontem Deidade soberana,
Ontem sol, hoje sombra, ó Senadores,
Lises imperiais enfim são flores,
Quem outra cousa crê, muito se engana.

Nas cinzas, que essa urna guarda ufana,
Vejo, que os aromáticos licores
são de seu mortal ser descobridores,
Porque, o que a arte esconde, o júízo alhana.

A Real Capitânia submergida!
Olhos à gávea, ó tu Naveta ousada,
Que ao mar te engolfas de ambição vencida:

Pois em terra a Real está encalhada,
Alerta, altos Baixéis, porque anda a vida
Da mortal tempestade ameaçada.

A SERENÍSSIMA INFANTA DE PORTUGAL D. ISABEL, LUÍSA,

JOSEFA NASCENDO EM DIA DE REIS.

Nasces, Infanta bela, e com ventura
Tão desigual a toda a gentileza,
Que vencendo o poder da natureza,
Venturosa fizeste à formosura.

Com tal estrela sobe a tal altura
A formosura posta em tanta alteza,
Que por nasceres pasmo da beleza,
Da pensão de formosa estás segura.

Nascestes Filha enfim da bela Aurora
Com graça singular, ventura clara,
Com estrela nascestes, ó feliz hora!

Nascer bela, e feliz é cousa rara:
Mas em ti Portugal venera agora
Uma estrela na dita, um sol na cara.

NA MORTE DA MESMA SENHORA RATIFICA O POETA AS VENTURAS,
QUE PROMETE O SONETO ANTECEDENTE.

Bem disse eu logo, que éreis venturosa
Quando nascestes, com nascer tão bela,
E me lembra dizer já com cautela,
Cousa rara é ser bela, e ser ditosa.

O nascer com estrela, e ser formosa
Raro prodígio é, que mais se anela;
Mas ser na terra flor, nos céus estrela,
Só em vós foi ventura prodigiosa.

Fostes, e sois estrela enfim do Norte,
Do céu girando o Norte mui segura,
Girando sempre a tão felice corte.

Hoje lograis mais bela formosura,
Possuindo na glória dita, e sorte,
Que em ser do Céu consiste o ter ventura.

CONTINUA A MESMA RATIFICAÇÃO NA ESTRELA DOS MAGOS
POR HAVER NASCIDO ESTA SENHORA EM DIA DE REIS.

Nascestes bela, e fostes entendida
Uniu-se em vós saber, e formosura:
Não se pode lograr tanta ventura,
Em quem com tal estrela foi nascida.

Quem viu co' a formosura a sorte unida,
Que julgasse essa vida por segura?
Muito esperou por vós a sepultura,
Que, em quem é tão feliz, não dura a vida.

Quem dissera no vosso nascimento,
Que em tal estrela haviam tais enganos,
Para ser maior hoje o sentimento!

Porém nestes prodígios soberanos,
Tendo dos Magos vós o entendimento,
Não podiam ser muitos vossos anos.

SENTIMENTOS D'EL REY D. PEDRO II À MORTE DESTA SERENÍSSIMA
SENHORA, SUA FILHA PRIMOGÊNITA.

Se a dar-te vida a minha dor bastara,
Filha Isabel, de minha dor morrera,
E porque minha dor tudo excedera,
Gêneros novos de sentir buscara.

Se uma vida se dera, ou se emprestara,
A metade da minha te oferecera,
Ou toda, porque inveja não tivera
Outra a metade, que órfã me ficara.

E se a minha alma enfim tua agonia
Substituir pudera com a sua,
Tua vida animando a cinza fria:

Inda que a arrojio o mundo o atribua,
Não só a vida, a alma te daria
Por melhorá-la com fazê-la tua.

- 1 Filha minha Isabel, alma ditosa,
Que do corpo as prisões deseparaste,
E qual cândida flor, ou fresca rosa
De teus anos a flor em flor cortaste:
De minha dor a mágoa saudosa,
Que por herança d'alma me deixaste,
Deves crer, que até agora não durara,
Se a dar-te vida a minha dor bastara.
- 2 Não durara até agora a minha mágoa,
Se fora ela bastante a dar-te vida,
Porque, vivendo tu, dos olhos a água
Se enxugara em dous rostos reprimida:
E sendo o peito humano a própria frágua,
Onde a dor em licores derretida
Corre a desafogar: se não correrá,
Filha Isabel, de minha dor morrerá.
- 3 Morrerá, Filha minha, e acabara
De um doce mal, formosa enfermidade:
Todo o poder do mundo me invejara,
Pois falta a seu poder esta verdade:
Com minha morte a vida se trocara,
Da maior, e mais alta majestade
Enjeitara tudo, porque nada era,
E porque a minha dor tudo excedera.
- 4 Ficará tão ufano de seguir-te,
Vivo por te chorar, morto por ver-te,
Que se pudera crer, que por servir-te
A ocasião estimara de perder-te:
E se nesta estranheza de sentir-te
Não chegara um aplauso a merecer-te,
De uma a outra estranheza me passara,
Gêneros novos de sentir buscará.
- 5 Sangue ondeará a margem deste rio,
A rosa adoecera em suas cores,
Da Aurora carmesim fora o rocío,
Não recenderá o âmbar entre as flores:
Fora da natureza um desvario
A ordem natural de seus primores:
Mas nada a minha dor necessitara,
Se uma vida se dera, ou se emprestara.
- 6 Se pudera emprestar-te a minha vida,
Se escusara então meu sentimento:
Mas ai! que nem o dá-la por perdida
Remédio pode ser do meu tormento:
E já, que não é cousa permitida

Celebrar um contrato tão violento,
E dar a vida enfim se não tolera,
A metade da minha te oferecera.

7 E pois a natureza é tão escassa,
Que na esfera da sua potestade
Não cabe por indulto, nem por graça
Uma vida partir pela metade:
E inda que o vença amor, indústria, ou traça,
Me resta outra maior dificuldade,
De que se hão de invejar, metade dera,
Ou toda, porque inveja não tivera.

8 Se a metade da vida, que te ofereço,
Inveja há de causar, à com que fico,
E sobre dar-lhe inveja à que despeço,
Que saudades lhe dê me certifico:
Para livrar-me de um, e outro tropeço,
Com que nesta partida me complico,
Sobre a tua metade te largara
A outra metade, que órfã me ficara.

9 Dera-te enfim a minha vida toda,
Que o mais fora desdouro da firmeza,
Que sempre, quem bem ama, se acomoda
Fazer a vida altar de uma fineza:
Dar tudo nunca a amor desacomoda,
Dera-te a vida, e alma nesta empresa,
Se a minha vida a morte te alivia,
E se a minha alma enfim tua agonia.

10 Ásia filha maior do mar profundo,
A África do mar soberania,
Europa exemplar luz de todo o mundo
E a América do ouro monarquia,
veriam, com quão ledos, e quão jucundos
Rosto por ti minha alma despedia,
Se o calor da minha alma à vida tua
Substituir pudera com a sua.

11 O Rouxinol, que canta docemente
À vista da consorte, que o namora,
A Rola triste, que ao esposo ausente
De dia busca, se de noite o chora:
No ar sutil, na fonte transparente,
Vendo o fino de uma alma, que te adora,
Pasmariam de ver, como supria
Tua vida, animando a cinza fria.

12 A inveja, que do ódio se alimenta,
A detração, que como espada corta,
A calúnia, que a todos ensangüenta,

E a aversão, que os áspides aborta:
Todos a iníqua mão, língua cruenta
Mostrariam pasmada, obtusa, absorta;
Eu só perdera a vida pela tua,
Inda que a arrojo o mundo o atribua.

13 Pasmado de assombro, ou da fineza a terra,
Tremendo do caso, ou da estranheza o monte,
De invejosas as aves se dão guerra
De corrido se muda o Horizonte:
Com as nuvens indignadas choque a serra,
Bramo o mar, soe o Céu, murmure a fonte,
Que eu firme nesta minha fantasia
Não só a vida, a alma te daria.

14 Dá-la-ia não só por imitar-te,
Se cabe em minha dor tão alta sorte,
Senão por despojar-me, e despojar-te
A mim do sentimento, a ti da morte:
Não só daria a alma por mostrar-te,
Que não tenho outro alívio em mal tão forte:
Senão (pois perde tanto em ser tão sua)
Por melhorá-la com fazê-la tua.

AO CONDE DE ERICEIRA D. LUÍS DE MENESES PEDINDO LOUVORES
AO POETA NÃO LHE ACHANDO ELE PRÉSTIMO ALGUM.

Um soneto começo em vosso gabo;
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:
A sexta vá também desta maneira,
Na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.

Nesta vida um soneto já ditei,
Se desta agora escapo, nunca mais;
Louvado seja Deus, que o acabei.

CENSURA QUE FAZ O POETA DESTE TAL CONDE NA SUA DESASTRADA
MORTE, LANÇANDO-SE DA JANELA DO SEU JARDIM, ONDE ACABOU
MISERAVELMENTE POR ALTOS JUÍZOS DE DEUS.

- 1 Tanta virtude excelente
de animoso, e de alentado,
de valeroso soldado,
e de cortesão valente,
viu o mundo, e soube a gente,
que inda que em santo podia
transformar-se a Senhoria,
o Conde o não conseguiu,
porque de noite caiu,
e o Santo cai no seu dia.

- 2 Se o Conde caiu de noite,
como o teremos por Santo,
quando a queda um tanto, ou quanto,
teve do divino açoite:
quis Deus, que o Conde se afoite,
porque visse o bom Soldado,
que o Conde de puro honrado
quis, que o visse a própria terra,
quanto arrojado na guerra,
na paz tão precipitado.

- 3 Ícaro da nossa guerra
ares corta o Conde só,
Ícaro caiu no Pó,
e o Conde caiu na terra:
se, porque o rio o enterra,
o nome lhe ficou dado
de Ícaro ter sepultado:
assim porque a terra dura
deu ao Conde sepultura,
ficou a terra um condado.

- 4 De cera, e pluma se val
Ícaro para viver,
e o Conde para morrer
valeu-se do natural:
quanto a força artificial
da natureza é sobrada
fica a do Conde adiantada,
porque Ícaro quando bóia
faz tragédia de tramóia,
e o Conde de capa, e espada.

- 5 Tinha o Conde de morrer;
todo o mortal nisto pára,
e se ele se não matara,
quem lho havia de fazer?
fez bem o Conde a meu ver,
quando ao jardim se arrojou,
e entre as flores expirou:
vento é a vida em rigor,

e como o Conde era flor,
entre as flores acabou.

- 6 Se ignorou alguns sentidos,
porque tanto mal se urdiu,
era valido, e caiu,
que o cair é dos validos:
tão certos são, e sabidos
no monte, no lar, na praça
estes reveses da graça,
que é já dos Palácios lei,
que quem da graça d’EI-Rei
caí, cai da sua desgraça.

AO MESMO ASSUNTO E PELO MESMO CASO.

- 1 Nesse precipício, Conde,
fostes Ícaro segundo,
bem que a Dédalo no mundo
vossa fama corresponde:
em parte caístes, onde
como Ícaro morrestes,
mas a Dédalo excedestes
nesses labirintos tristes,
em fazer no que caístes,
e em cair, no que fizestes.

- 2 Caiu o Conde, e se diz,
que foi por um caso atroz,
porém já corre outra voz,
que a esta se contradiz:
que foram uns frenesis
do júízo descortês:
mas eu digo desta vez
ouvindo do baque o truz,
que o júízo ao Conde induz
ter caído, no que fez.

ESTRIBILHO

Aqui jaz, em que lhe pes,
quem tudo fez com má sorte,
e só na hora da morte
caiu naquilo, que fez.

A MORTE DO ILUSTRÍSSIMO MARQUÊS DE MARIALVA. GENERAL
DAS ARMAS DE PORTUGAL SOBRE AS PALAVRAS DA ESCRITURA
“PLANDITE ANTE EXÉQUIAS ABNER; FIPSE FLEVIT
DAVID SUPER TUMULUM ABNER”.

Quando a morte de Abner David sentia,
Mandou a seus vassallos, que chorassem,
E que em lágrimas todos publicassem
Quanto o Reino lhe deve, e o Rei devia.

Cada qual seu tormento repetia,
Sem querer, que os dos outros o igualassem
E todos procuravam, que mostrassem
As lágrimas dilúvio, a dor porfia.

Pois se a morte de Abner se sente tanto,
Só por ser General valente, e forte,
Que move o Reino, e Rei a tanto pranto:

Lamente Portugal, e sinta a Corte
A morte de Marialva, porque espanto
Foi do mundo, e o pudera ser da Morte.

EPITÁFIO AO CORAÇÃO DESTE MESMO GENERAL ENTERRADO
AOS PÉS D' EL REI D. JOÃO IV.

Aqui jaz o coração
do mais valente Anibal,
que restaurou Portugal
com a espada de co'a razão:
aos pés do Rei quarto João
lhe mandaram dar jazigo,
para que a todo o perigo
os dous unidos por lei
achasse o vassallo ao Rei,
e tivesse o Rei o amigo.

AO MESMO ASSUNTO E PELOS MESMOS CONSOANTES.

Aqui jaz o coração
do vassallo mais leal,
a quem deve Portugal
o quarto Rei Dom João:
e assim com justa razão
lhe dão a seus pés jazigo,
porque a todo o perigo
unidos os dous por lei
achasse a lealdade o Rei,
tivesse o vassallo amigo.

AO MESMO MARQUÊS SENDO ENTERRADO EM TRÊS PARTES.
O CORPO EM CATANHÉDE; O CORAÇÃO EM S. VICENTE
DE FORA; E OS INTESTINOS EM SÃO JOSÉ DE RIBA MAR.

Em três partes enterrado
está o corpo do Marquês
de Marialva: porque em dez
mil seu nome é venerado:
e foi destino acertado,
que em tanta parte estivesse,
para que o mundo soubesse,
que este valeroso Marte
morto assiste em qualquer parte,
como se ainda vivesse.

3 — HOMENS DE BEM

... homem de bem...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

o roubo, a injustiça, a tirania.

A MORTE DO GOVERNADOR MATIAS DA CUNHA.

Ó caso o mais fatal da triste sorte!
Ó terrível pesar! ó dor imensa!
Quem viu, que em breves dias de doença
Acabasse valor, que era tão forte!

Quem viu prostrar-se a gala de Mavorte,
Que hoje em cinza se ve à morte apensa!
Que como se prostrou, logo a licença
Concedeu livremente ousada à morte.

Já se vê o valor, que esclarecido
Foi, em urnas de pedra sepultado
Do sujeito mais grave, e entendido.

À Parca rigorosa sujeitado,
Acabado já, e em cinzas consumido
o esforço, que se viu mais alentado.

AO MESMO ASSUNTO.

Teu alto esforço, e valentia forte
Tanto a outro nenhum valor iguala,
Que teve o céu cobiça de lográ-lo,
Que teve inveja de vencê-la a morte.

O céu veio a lográ-la, mas por sorte,
Que por poder não pôde conquistá-la;
A morte por haver de contrastá-la
Vigor de lei tomou, e deu-lhe o corte.

Prêmios, que mereceste, e nunca viste,
Todos com teu valor os desprezaste,
E com os merecer lhe resististe.

O cargo, que na vida não lograste,
Esse o mofino é, órfão, e triste,
Pois te não falta a ti, tu lhe faltaste.

AO MESMO ASSUNTO.

Quem há de alimentar de luz ao dia?
Quem de esplendor ilustrará a Nobreza?
Quem há de dar lições de gentileza
A toda a gentileza da Bahia?

Já feneceu do mundo a galhardia,
Melancólica jaz a natureza,
Vendo em pó reduzida a fortaleza,
E em cinzas desatada a fidalguia.

O Marte (digo), que ao combate expunha
O peito sem temor, que ao mundo assombra,
Sendo da paz terror, da guerra espanto.

Foi este o Senhor Matias da Cunha,
Que hoje nos dá tornado em fria sombra
Ao discurso pesar, aos olhos pranto.

DISCRIÇÃO, ENTRADA E PROCEDIMENTO DO BRAÇO DE PRATA
ANTÔNIO DE SOUZA DE MENESES GOVERNADOR DESTE ESTADO.

Oh não te espantes não, Dom Antônio,
Que se atreva a Bahia
Com oprimida voz, com plectro esguio
Cantar ao mundo teu rico feitio,
Que é já velho em Poetas elegantes
O cair em torpezas semelhantes.

Da Pulga acho, que Ovídio tem escrito,
Lucano do Mosquito,
Das Rãs Homero, e destes não desprezo,
Que escreveram matérias de mais peso
Do que eu, que canto cousa mais delgada
Mais chata, mais sutil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata,
Meu Dom Braço de Prata,
Cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua
Mandava a Inquisição alguma estátua
Vendo tão espremida salvajola
Visão de palha sobre um Mariola.

O rosto de azarcão afogueado,
E em partes mal untado,
Tão cheio o corpanzil de godilhões,
Que o julguei por um saco de melões;

Vi-te o braço pendente da garganta,
E nunca prata vi com liga tanta.

O bigode fanado feito ao ferro
Está ali num desterro,
E cada pêlo em solidão tão rara,
Que parece ermitão da sua cara:
Da cabeleira pois afirmam cegos,
Que a mandaste comprar no arco dos pregos.

Olhos cagões, que cagam sempre à porta,
Me tem esta alma torta,
Principalmente vendo-lhe as vidraças
No grosseiro caixilho das couraças:
Cangalhas, que formaram luminosas
Sobre arcos de pipa duas ventosas.

De muito cego, e não de malquerer
A ninguém podes ver;
Tão cego és, que não vês teu prejuízo
Sendo cousa, que se olha com juízo:
Tu és mais cego, que eu, que te sussurro,
Que em te olhando, não vejo mais que um burro.

Chato o nariz de cocras sempre posto:
Te cobre todo o rosto,
De gatinhas buscando algum jazigo
Adonde o desconheçam por embigo:
Até que se esconde, onde mal o vejo
Por fugir do fedor do teu bocejo.

Faz-lhe tal vizinhança a tua boca,
Que com razão não pouca
O nariz se recolhe para o centro
Mudado para os baixos lá de dentro:
Surge outra vez, e vendo a baforada
Lhe fica a ponta um dia ali engasgada.

Pernas, e pés defendem tua cara:
Valha-te; e quem cuidara,
Tomando-te a medida das cavernas
Se movesse tal corpo com tais pernas!
Cuidei, que eras rocim das alpujarras,
E já frisão te digo pelas garras.

Um casaquim trazias sobre o couro,
Qual odre, a quem o Touro
Uma, e outra cornada deu traidora,
E lhe deitou de todo o vento fora;
Tal vinha o teu vestido de enrugado,
Que o tive por um odre esfuracado.

O que te vir ser todo rabadilha
Dirá, que te perfilha
Uma quaresma (chato percevejo)
Por Arenque de fumo, ou por Badejo:
Sem carne, e osso, quem há ali, que creia,
Senão que és descendente de Lampreia.

Livre-te Deus de um Sapateiro, ou Sastre,
Que te temo um desastre,
E é, que por sovela, ou por agulha
Arme sobre levar-te alguma bulha:
Porque depositando-te à justiça
Será num agulheiro, ou em cortiça.

Na esquerda mão trazias a bengala
ou por força, ou por gala:
No sovaco por vezes a metias,
Só por fazer enfim descortesias,
Tirando ao povo, quando te destapas,
Entonces o chapéu, agora as capas.

Fundia-se a cidade em carcajadas,
Vendo as duas entradas,
Que fizeste do Mar a Santo Inácio,
E depois do colégio a teu palácio:
O Rabo erguido em cortesias mudas,
Como quem pelo cu tomava ajudas.

Ao teu palácio te acolheste, e logo
Casa armaste de jogo,
Ordenando as merendas por tal jeito,
Que a cada jogador cabe um confeito:
Dos Tafuis um confeito era um bocado,
Sendo tu pela cara o enforcado.

Depois deste em fazer tanta parvoíce,
Que inda que o povo risse
Ao princípio, cresceu depois a tanto,
Que chegou a chorar com triste pranto:
Chora-te o nu de um roubador de falso,
E vendo-te eu direito, me descalço.

Xinga-te o negro, o branco te pragueja,
E a ti nada te aleija,
E por teu sensabor, e pouca graça
És fábula do lar, riso da praça,
Té que a bala, que o braço te levava,
Venha segunda vez levar-te a cara.

SUTILEZA COM QUE O POETA SATIRIZA À ESTE GOVERNADOR.

- 1 Tempo, que tudo trasfegas,
fazendo aos peludos calvos,
e pelos tornar mais alvos
até os bigodes esfregas:
todas as caras congregas,
e a cada uma pões mudas,
tudo acabas, nada ajudas,
ao rico pões em pobreza,
ao pobre dás a riqueza,
só para mim te não mudas.

- 2 Tu tens dado em mal querer-me,
pois vejo, que dá em faltar-te
tempo só para mudar-te,
se é para favorecer-me:
por conservar-me, e manter-me
no meu infeliz estado,
até em mudar-te hás faltado,
e estás tão constante agora,
que para minha melhora
de mudanças te hás mudado.

- 3 Tu, que esmaltas, e prateias
tanta gadelha dourada,
e tanta face encarnada
descoras, turbas, e afeias:
que sejas pincel, não creias,
senão dias já passados;
mas se esmaltes prateados
branqueiam tantos cabelos,
como, branqueando pêlos,
não me branqueias cruzados?

- 4 Se corres tão apressado,
como paraste comigo?
corre outra vez, inimigo,
que o teu curso é meu sagrado:
corre para vir mudado,
não pares por mal de um triste:
porque, se pobre me viste,
paraste há tantas auroras,
bem de tão infaustas horas
o teu relógio consiste.

- 5 O certo é, seres um caco,
um ladrão da mocidade,
por isso nesta cidade
corre um tempo tão velhaco:
farinha, açúcar, tabaco
no teu tempo não se alcança,
e por tua intemperança
te culpa o Brasil inteiro,
porque sempre és o primeiro

móvel de qualquer mudança.

- 6 Não há já, quem te suporte;
e quem armado te vê
de foice, e relógio, crê,
que és o percussor da morte:
vens adiante de sorte,
e com tão fino artifício,
que à morte forras o ofício;
pois ao tempo de morrer,
não tendo já que fazer,
perde a morte o exercício.
- 7 Se o tempo consta de dias,
que revolve o céu opaco,
como tu, tempo velhaco,
constas de velhacarias?
não temas, que as carestias,
que de ti se hão de escrever,
te darão a aborrecer
tanto as futuras idades,
que, ouvindo as tuas maldades,
a cara te hão de torcer.
- 8 Se, porque penas me dês,
paras cruel, e inumano,
o céu santo, e soberano
te fará mover os pés:
esse azul móvel, que vês,
te fará ser tão corrente,
que não parando entre a gente,
preveja a Bahia inteira,
que há de correr a carreira
com pregão de delinqüente.

A PRISÃO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR À SEU
CRIADO O BRAÇO FORTE.

Preso entre quatro paredes
me tem Sua Senhoria
por golotão de despachos,
por fundidor de mentiras.
Dizem, que sou um velhaco,
e mentem por vida minha,
que o velhaco era o Governo,
e eu sou a velhacaria.
Quem pensara, e quem dissera,
quem cuidara, e quem diria,
que um braço de prata velha
pouca prata, e muita liga!
Tanto mais que o Braço Forte
fosse forte, que poria

um cabo de calabouço,
e um soldado de golilha!
Porém eu de que me espanto,
se nesta terra maldita
pode uma onça de prata
mais que dez onças de alquimia.
Quem me chama de ladrão,
erra o trincho à minha vida,
fui assassino de furtos,
mandavam-me, obedecia.
Despachavam-me a furtar;
eu furtava, e abrangia,
e são boas testemunhas
inventários, e partilhas.
Eu era o ninho de guincho,
que sustentava, e mantinha
com suor das minhas unhas
mais de dez aves rapinhas.
O Povo era, quem comprava,
o General, quem vendia,
eu triste era o corretor
de tão torpes mercancias.
Vim depois a enfadar,
que sempre no mundo fica
aborrecido o traidor,
e a traição muito bem vista.
Plantar de fora o ladrão,
quando a ladroice fica,
será limpeza de mãos,
mas de mãos mui pouco limpas.
Eles cobraram o seu
dinheiro, açúcar, farinha,
até a mim me embolsaram
nesta hedionda enxovia.
Se foi bem feito, ou mal feito,
o sabe toda a Bahia,
mas se a traição ma fizeram,
com eles a traição fica.
Eu sou sempre o Braço Forte,
e nesta prisão me anima,
que se é casa de pecados,
os meus foram ninharias.
Todo este mundo é prisão,
todo penas, e agonias,
até o dinheiro está preso
em um saco, que o oprima.
A pipa é prisão do vinho,
e da água fugitiva
(sendo tão leve, ligeira)
é prisão qualquer quartinha.
Os muros de pedra, e cal
são prisão de qualquer vila,
d'alma é prisão o corpo,
do corpo é qualquer almilha.
A casca é prisão das frutas,
da rosa é prisão a espinha,
o mar é prisão da terra,

a terra é prisão das minas.
É cárcere do ar um odre,
do fogo é qualquer pedrinha,
e até um céu de outro céu
é uma prisão cristalina.
Na formosura, e donaire
de uma muchacha divina
está presa a liberdade,
e na paz a valentia.
Pois se todos estão presos,
que me cansa, ou me fadiga,
vendo-me em casa d'EI-Rei
junto à Sua Senhoria?
Chovam prisões sobre mim,
pois foi tal minha mofina,
que, a quem dei cadeias d'ouro,
de ferro mas gratifica.

A DESPEDIDA DO MAU GOVERNO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR.

Senhor Antão de Sousa de Meneses,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce,
Desanda a roda, e logo o homem desce,
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,
Quando o pisava da fortuna a Roda,
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois vá descendo do alto, onde jazia,
Verá, quanto melhor se lhe acomoda
Ser homem em baixo, do que burro em cima.

SUCEDE A ESTE GOVERNADOR O MARQUÊS DAS MINAS
COM SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DESFAZENDO TODAS
AS SUAS OBRAS E MANDANDO VIR OS PRINCIPAIS DA BAHIA
DO DESTERRO, EM QUE ANDAVAM, PELA MORTE, QUE OUTROS
DERAM AO ALCAIDE - MOR FRANCISCO TELES.

MOTE

*De flores, e pedras finas
floresce, e enriquece o Estado,
floresce sim pelo Prado,
e enriquece pelas Minas:
As Aves, que peregrinas*

*aos montes se retiraram,
nesta manhã já cantaram
com tão doce melodia,
que a noite se tornou dia,
porque as penas se acabaram.*

- 1 Já da Primavera entrou
a alegre serenidade,
com que toda a tempestade
do triste inverno acabou:
já Saturno declinou
nas operações malignas,
com influências benignas
Júpiter predominante
nos promete ano abundante
De flores, e pedras finas.

- 2 Se destes aspectos tais
bem se calcula a figura,
teremos grande fartura,
não há de haver fome mais:
mostras temos, e sinais
de um tempo muito abastado:
porque bem considerado
dele tem o próprio efeito;
já vemos, que a seu respeito
Floresce, e enriquece o Estado.

- 3 Para ser enriquecido
este Estado, e florescente,
temos a causa patente
no Planeta referido:
nem se equivoca o sentido
no efeito aqui declarado:
porque sendo bem notado
o estado, como parece,
se pelo mais não floresce,
Floresce sim pelo Prado.

- 4 Pelo Prado flor a flor
se vai a terra esmaltando,
com que o clima está mostrando
temperamento melhor:
do Luminar superior
por tais influências dignas
sendo as pedras, e boninas
da terra únicos primores
pois se esmalta pelas flores,
E enriquece pelas Minas.

- 5 Na terra já se experimentam
virações tão temperadas,

que as aves determinadas
tornar aos ninhos intentam:
já não sentem, nem lamentam
tempestuosas ruínas,
pois com salvas matutinas
se mostram tão prazenteiras,
que mais parecem caseiras
As aves, que peregrinas.

6 Sua peregrinação
influxo foi de Saturno,
Planeta sempre noturno,
e muito importuno então:
todas nessa conjunção
seus doces ninhos deixaram,
e tanto se recearam
do nocivo temporal,
que escolhendo o menor mal,
Aos montes se retiraram.

7 Porém tanto que sentiram
haver no tempo mudança,
sem receio, e sem tardança
aos ninhos se reduziram:
outros ares advertiram,
outra clemência notaram,
com que alegres publicaram
dos astros os movimentos,
e com festivos acentos
Nesta manhã já cantaram.

8 Cantaram para mostrar
com repetidas cadências
singulares excelências
de um Planeta singular:
tal doçura no cantar
não se ouviu nesta Bahia,
ouvindo-se na harmonia
modulações tão suaves,
que nunca cantaram aves
com tão doce melodia.

9 Cada qual com voz sonora
nos mutetes, que cantavam,
por mil modos explicavam
de todo estado a melhora:
cada instante, e cada hora
a música mais se ouvia;
no Prado resplandecia
por modo maravilhoso
um lustre tão luminoso
que a noite se tornou dia.

10 Entre as aves modulantes,
que este nosso País tem
todas cantavam o bem,
de que são participantes:
dos males, que foram dantes,
todas também se queixaram;
assim que todas mostraram
com alegrias notórias,
que começaram as glórias,
Porque as penas se acabaram.

A SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DE QUEM ERA O POETA
BEM-VISTO, ESTANDO RETIRADO NA PRAIA GRANDE, LHE
DÁ CONTA DOS MOTIVOS, QUE TEVE PARA SE RETIRAR DA
CIDADE, E AS GLÓRIAS, QUE PARTICIPA NO RETIRO.

Daqui desta Praia grande,
Onde à cidade fugindo,
conventual das areias
entre os mariscos habito:
A vós, meu Conde do Prado,
a vós, meu Príncipe invicto,
Ilustríssimo Mecenas
de um Poeta tão indigno.
Enfermo de vossa ausência
quero curar por escrito
sentimentos, e saudades,
lágrimas, penas, suspiros.
Quero curar-me convosco,
porque é discreto aforismo,
que a causa das saudades
se empenhe para os alvíos.
Ausentei-me da Cidade,
porque esse Povo maldito
me pôs em guerra com todos,
e aqui vivo em paz comigo.
Aqui os dias me não passam,
porque o tempo fugitivo,
por ver minha solidão,
pára em meio do caminho.
Graças a Deus, que não vejo
neste tão doce retiro
hipócritas embusteiros,
velhacos entremetidos.
Não me entram nesta palhoça
visitadores prolixos,
políticos enfadonhos,
cerimoniosos vadios.
Uns néscios, que não dão nada,
senão enfado infinito,
e querem tirar-me o tempo,
que me outorga Jesus Cristo.
Visita-me o lavrador
sincero, simples, e liso,

que entra co' a boca fechada,
e sai co queixo caído.
En amanhecendo Deus,
acordo, e dou de focinhos
co sol sacristão dos céus
toca aqui, toca ali signos.
Dou na varanda um passeio,
ouço cantar passarinhos
docemente, ao que eu entendo,
exceto a letra, e o tonilho.
Vou-me logo para a praia,
e vendo os alvos seixinhos,
de quem as ondas murmuram
por mui brancos, e mui limpos:
os tomo em minha desgraça
por exemplo expresso, e vivo,
pois ou por limpo, ou por branco
fui na Bahia mofino.
Queimada veja eu a terra,
onde o torpe idiotismo
chama aos entendidos néscios,
aos néscios chama entendidos.
Queimada veja eu a terra
onde em casa, e nos corrilhos
os asnos me chamam d'asno,
parece cousa de riso.
eu sei um clérigo zote
parente em grau conhecido
destes, que não sabem musa,
mau grego, e pior latino:
Famoso em cartas, e dados
mais que um ladrão de caminhos,
regatão de piaçavas,
e grande atravessa-milhos:
Ambicioso, avarento,
das próprias negras amigo
só por fazer *a gaudere*,
o que aos outros custa jimbo.
Que se acaso em mim lhe falam,
torcendo logo o focinho,
ninguém me fale nesse asno,
responde com todo o siso.
Pois agora (pergunto eu)
se Job fora ainda vivo
sofrera tanto ao diabo,
como eu sofro este percito?
Também sei, que um certo Beca
no pretório presidindo,
onde é salvagem em cadeira,
me pôs asno de banquinho.
Por sinal que eu respondi,
a quem me trouxe este aviso,
se fosse asno, como eu sou,
que mal fora a esse Ministro.
Eu era lá em Portugal
sábio, discreto, e entendido,
Poeta melhor, que alguns,

douto como os meus vizinhos.
Chegando a esta cidade,
logo não fui nada disto:
porque o direito entre o torto
parece, que anda torcido.
Sou um herege, um asnote,
mau cristão, pior ministro,
mal entendido entre todos,
de nenhum bem entendido.
Tudo consiste em ventura,
que eu sei de muitos delitos
mais graves que os meus alguns,
porém todos sem castigo.
Mas não consiste em ventura,
e se o disse, eu me desdigo;
pois consiste na ignorância
de Idiotas tão supinos.
De noite vou tomar fresco,
e vejo em seu epiciclo
a lua desfeita em quartos
como ladrão de caminhos.
O que passo as mais das noites,
não sei, e somente afirmo,
que a noite mais negra, escura
em claro a passo dormindo.
Faço versos mal limados
a uma Moça como um brinco,
que ontem foi alvo dos olhos,
hoje é negro dos sentidos.
Esta é a vida, que passo,
e no descanso, em que vivo,
me rio dos Reis de Espanha
em seu célebre retiro.
Se, a quem vive em solidão,
chamou beato um gentio,
espero em Deus, que hei de ser
por beato inda benquistado.
Mas aqui, e em toda a parte
estou tão oferecido
às cousas do vosso gosto,
como de vosso serviço.

AO CONDE DO PRADO EMBARCANDO-SE PARA PORTUGAL
EM COMPANHIA DE SEU PAI, DEPOIS DE TER ACABADO
O TEMPO DE SEU GOVERNO LHE FAZ O POETA ESTAS SAUDOSAS DESPEDIDAS.

Generoso Dom Francisco,
mais que Conde Rei do prado,
porque se a Rosa é Rainha,
rei sois vós, pois sois o Cravo.
Majestoso ramilhete
por cuja causa logramos
trinta e seis meses de flores,

que um mês fizeram de Maio.
Luminar esclarecido,
em quem tanto estão brilhando
as luzidas excelências
desses ascendentes Astros.
Ouvi de meus sentimentos
a voz, inda que o reparo
note, que para a matéria
o instrumento é mui baixo.
Ouvi meus saudosos tonos,
que é bem, Senhor Soberano,
que, quem deu assunto à solfa,
se digne de ouvir os cantos.
Neste papel ponde os olhos,
pois já quisestes dignar-vos
de verdes da minha Musa
noutro tempo outro traslado.
Naquele tempo, então digo,
quando escapei são, e salvo
por vosso bom patrocínio
de mil testemunhos falsos.
Quando viu toda a Bahia
no decurso de três anos
sempre em flor vosso carinho,
nunca murcho o vosso agrado
Aqui mil órgãos quisera,
para que com mil meatos
sempre ferisse os encômios,
onde soam os aplausos.
Mas inda assim não podiam
entender-se os vôos tanto,
que não ficassem sucintos
para elogios tão altos.
Aquele ligeiro monstro,
que nas presunções de alado
pelas plumas marca os vôos,
pelos vôos mede os passos.
Só pode com nova tuba
referir em pregões altos
os timbres da vossa pompa,
as prendas do vosso garbo.
Referirá, Senhor Conde,
que sempre os feitos preclaros
têm por doação dos tempos
da Fama os maiores brados.
Esta vai com grande empenho
desta Praça, para dar-vos
sobre as aras do meu trono
da memória os holocaustos.
Digo, que vai desta Praça,
onde em público teatro
vemos do melhor governo
os mais heróicos ensaios.
Do Mestre as prerrogativas
toquei em hino mais amplo
por ver-se nas lições suas
da pena o primeiro aparo.

Aqui dos seus documentos
nada digo, nada trato,
que pois o assunto é só vosso,
só convosco agora falo.
Só convosco, porque o gênio,
que é para pouco trabalho,
mal pode ser juntamente
Jardineiro, e Lapidário.
Tanto que vos embarcastes,
logo então fiquei notando,
que na falta do presente
se conhece o bem passado.
Por vossa ausência às escuras
fica a terra, e não me espanto,
de que quando o sol se ausenta,
se ausente da Luz os raios.
A vista dos nossos olhos
éreis; com que fica claro,
pois, meu Senhor, vos perdemos,
que sem vós cegos ficamos.
A vossa falta sentimos
geralmente neste estado,
que sentir-se a grande perda
efeito é muito ordinário.
Sente o grande, que não tem
o Prado alegre em Palácio,
o gentil Cravo na rua,
a Flor brilhante no Campo.
Sente igualmente o pequeno
não ter em seus desamparos
abrigo para a tormenta
e tábua para o naufrágio.
Eu sinto, e sentimos todos,
que fosse tão breve o prazo
dos objetos para a vista,
da vista para os regalos.
Mas não podia o triênio,
sendo um bem dos bens humanos,
deixar de incluir o logro
nos termos de momentâneo.
Nesta suposição nossa
concorrem motivos vários
uns por parte dos alvíos,
outros em favor dos prazos.
Mas prevalecem as penas,
que os corações magoados,
quando a dor mais dissimulam,
então estão mais penando.
Não permita vossa ausência,
no sentimento intervalos,
que no mal sempre contínuo
nunca desconsolos faltam.
Vossa saudade gememos
nossa solidão choramos
se na solidão chorosos,
na saudade solitários.
Nesta assistência tão breve

nos mostrou o desengano
não ser para pecadores
o comércio de tal Anjo.

A MORTE DESTE CONDE SUCEDIDA NO MAR QUANDO
SE RETIRAVA PARA LISBOA.

Do Prado mais ameno a flor mais pura,
Que em fragrâncias o alento há desatado,
Hoje a fortuna insípida há roubado
A pompa, o ser, a gala, a formosura.

Flor foste, ó Conde, a quem a desventura
Por decreto fatal do iníquo fado
Quis dar-te como flor do melhor Prado
Tumba no mar, nas águas sepultura.

Porque menos decente o monumento
Poderias achar no infeliz caso
De ver extinto tanto luzimento.

Por magnânimo herói no final prazo
Somente na extensão desse elemento
Terias como sol decente ocaso.

AO MESMO ASSUNTO.

Em essa de cristal campanha errante
Da morte um peito ilustre foi vencido,
Mágoa, que o mar chorava fementido
Com lágrimas de neve, ou de diamante.

Neste teatro horrível, e inconstante
Aos rigores do tempo pôs rendido
A sua pompa o Prado mais florido,
Fim a seu curso o sol mais rutilante.

Como Prado em tormentas inundado,
Como sol, que apressado a esfera corre,
Teve o seu fim nas águas destinado.

Por que se bem se adverte, ou se discorre,
Se o mar inunda, se sepulta o prado,
E se fenece o sol, nas ondas morre.

AO MESMO ASSUNTO.

No Reino de Netuno submergido
Nos campos de Anfitriote sepultado
Tem a Sorte a mais bela Flor, que o Prado
Em sua amenidade há produzido.

Os realces ilustres tem perdido,
porque a Parca os alentos lhe há roubado,
cuja memória os mares têm chorado,
cuja lembrança as águas têm sentido.

Mas se de flor, ó Conde a preminência
Gozavas em teu florido viver,
Que muito não tivesses existência!

Pois a flor, que mais pompa vem a ter
Se pondera em uma hora sem falência
Sujeita à pensão fera de morrer.

AO MESMO ASSUNTO.

Nasce el sol de los astros presidente
Príncipe en las esferas conocido,
Y aunque el dia le mira el mas luzido,
La noche se le atreve irreverente.

Sirve le de sepulchro transparente
El mar, pension fatal de haver nascido,
Pues el que en todo un ciclo nó ha cabido,
Le viene a ser el mar urna decente.

Sol fuiste, Conde ilustre, en la nobleza,
A quien la triste noche se le atreve,
Pues es el morir del sol naturaleza.

Hallaste como el sol tumba de nieve,
Pues siendo corto el sol à tu grandeza,
Solo à tal sol tal urna se le deve.

AO GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS GLZ. DA CÂMARA COUTINHO
EM DIA DE REIS OBSEQUIA O POETA PEDINDO-LHE EM NOME
DE UM AMIGO UMA DAQUELAS ESMOLAS,
QUE SUA MAJESTADE CONSIGNA DO REAL TESOURO CADA UM ANO
PARA OS HOMENS DE BEM, A QUE CHAMAM MERCÊ ORDINÁRIA.

Num dia próprio a liberalidades,

No qual o Rei dos Reis aos Reis aceita,
Não é muito, que quem Rei vos respeita,
Vos troque a Senhoria em majestades.

Obriga-me a pedir calamidades
A que o meu fado triste me sujeita,
Obriga-vos a dar a mão perfeita,
Com que sabeis matar necessidades.

Chegaram hoje os Reis do diversório
A tributar incenso, mirra, e ouro,
Fazendo do presépio um oratório:

Se guiou aos três Reis Planeta Louro,
Guie-me a minha estrela o peditório,
Com que na vossa mão ache um tesouro.

EMPENHA O POETA PARA CONSEGUIR ESTA MERCÊ AO CAPITÃO DA
GUARDA LUÍS FERREIRA DE NORONHA SEU PARTICULAR CRIADO.

- 1 Senhor: se quem vem, não tarda,
vim eu em boa ocasião,
pois da Guarda o capitão
é Anjo da minha guarda:
vossa presença galharda,
vossa dócil natureza
bem mostram, que sois na empresa
da minha fortuna imensa
capitão pela defesa
Anjo pela gentileza.
- 2 Obrigado a tão bom trato,
que em mim é lance infalível,
o desempenho impossível
temo, que me faça ingrato:
mas como já me precató
de tão previsto desar,
que eu não basto a desviar,
sirva de escusa, ou perdão,
que não falta à gratidão,
quem se peja de faltar.
- 3 Na Corte em era oportuna
vistes a minha abastança,
hoje vereis a mudança
da minha infausta fortuna:
de estrela tão importuna
dera uma justa querela,
porque hajais de corrigi-la:
mas no mundo é já patente,

que como sábio, e prudente
dominastes minha estrela.

- 4 Mudei-me de ponto a ponto
de Portugal ao Brasil,
lá deixo infortúnios mil,
acho cá ditas sem conto:
co'as ditas é, que de ponto
a desgraça lá passada,
e a graça considerada
está em vós, meu capitão,
que a dita está na eleição
da sombra, a que está chegada.

A PEDITÓRIO DOS PRETOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
FEZ O POETA O SEGUINTE MEMORIAL PARA O MESMO GOVERNADOR,
IMPETRANDO LICENÇA PARA SAÍREM MASCARADOS À UMA OSTENTAÇÃO
MILITAR, A QUE CHAMAVAM ALARDE.

- 1 Senhor: Os Negros Juízes
da Senhora do Rosário
fazem por uso ordinário
alarde nestes Países:
como são tão infelizes,
que por seus negros pecados
andam sempre emascarados
contra a lei da polícia,
ante Vossa Senhoria
pedem licença prostrados.
- 2 A um General Capitão
suplica a Irmandade preta,
que não irão de careta,
mas descarados irão:
todo o negregado Irmão
desta Irmandade bendita
pede, que se lhe permita
ir ao alarde enfrascados,
não de pólvora atacados,
calcados de jeribita.

OUTRO MEMORIAL POR UM SEU SOBRINHO, QUE DESEJAVA
SENTAR PRAÇA DE SOLDADO.

- 1 Senhor: deste meu Sobrinho
afirmou um Padre tolo,
que é furado do miolo,
sendo o tal Padre o tolinho:
não é doido, nem doidinho,
falando na realidade,
mas se hei de dizer verdade,

e nada hei de encobrir,
anda morto por servir
aqui Sua Majestade.

2 Pode Vossa Senhoria,
se nisto acertar deseja,
permitir, que o Moço seja
soldado de Infantaria:
e se alcançar algum dia,
que falei afeiçoado,
eu me dou por condenado,
e sem recurso nenhum
a servir sem soldo algum
em lugar deste Soldado.

AO MESMO GOVERNADOR SUTILMENTE REMOQUEIA O POETA
O DESCUIDAR-SE DE SUA HONRADA SÚPLICA SOBRE A
MERCÊ ORDINÁRIA, LEMBRANDO-LHE, QUE A DERA A UM
SOLDADO RIDÍCULO CHAMADO O FARIA, POR QUEM NAQUELE TEMPO
CANTAVAM OS CHULOS
«A MULHER DO FARIA VAI PARA ANGOLA».

Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria
Mandou dar ao Faria um bom vestido,
Sendo, que mais o tinha merecido
A mulher do mesmíssimo Faria

Provo: todo o prazer, gosto, e alegria,
Que se tem do Faria deduzido,
O deu sempre a Mulher, nunca o Marido.
Que ela ia pra Angola, e ele não ia.

Assim que se a Mulher vai para Angola,
E ele fica na infame lupanária,
Sua ausência cruel pondo à viola:

Tiro por consequência temerária,
Que à Mulher se lhe deve dar a esmola,
Que em crítico se diz mercê ordinária.

TORNA O POETA A INVOCAR LUÍS FERREIRA DE NORONHA.

Se da Guarda pareceis
Anjo sobre capitão,
não é novidade não,
que de males nos livresis:
dobrado ofício fazeis
em qualquer nossa aflição,
pois com nobre coração

nos livrais amante interno,
se como Anjo do inferno,
do mais como capitão.

ATÉ AQUI NÃO ERA AINDA VINDA A MERCÊ ORDINÁRIA
E NO DIA EM QUE O GOVERNADOR FEZ ANOS LHE MANDOU
O SEGUINTE SONETO.

Quem, Senhor, celebrando a vossa idade,
Os anos com prazer vos vai contando,
Parece, que vos vai aproximando
Para lograr tal dia a vossa herdade.

Se a conta vos chegara a eternidade,
Contente vo-la iria numerando,
Mas dá-me desprazer a conta, quando
Temo a raia tocar da mortandade.

Com olhos sempre postos na Ordinária
Vos dou os parabéns sem falso engano
De ver-vos contrastando a sorte vária.

Mas se por fim me dais o desengano
(que em vós seria cousa extraordinária)
Direi, que em tal dia fará um ano.

A D. JOÃO DE ALENCASTRO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA,
ASSISTINDO NO MESMO PALÁCIO, QUEIXANDO-SE DE QUE O
POETA O NÃO VISITASSE E PEDINDO-LHE UMA
SÁTIRA POR OBSÉQUIO.

- 1 A quem não dá aos fiéis
perdão, se lhe há de outorgar,
eu hoje vos hei de dar,
pedindo me perdoeis:
dou-vos, o que mais quereis,
e o que pedis por favor,
que quando chega um Senhor
a pedir, por não mandar,
mal lhe podia eu faltar
cuma sátira em louvor.

- 2 Não fui beijar-vos a mão,
e dar-vos a bem chegada,
porque nessa alta morada
nunca tive introdução:
até agora a indignação
não quis tão altivo trato,
mas hoje é quase distrato,
porque em todo mundo inteiro

de fidalgo, e de escudeiro
são brincos de cão com gato.

- 3 Os Fidalgos, e os Senhores
faltos de jurisdição
fazem tudo, e tudo dão
a amigos, e servidores:
os que jogam de maiores
por sangue, e não por poder
fazem jogo de entreter:
porque o sangue desigual
sempre brota ao natural,
e o mando bota a perder.
- 4 Perdoai a digressão,
porque esta prolixidade
é boa luz da verdade,
e escusa a sátira então:
quando se ofereça ocasião,
meu Senhor, de que eu vos veja
(na Igreja, ou na rua seja)
hei de prender-vos os pés,
e estai certo, que essa vez
vos não valerá a Igreja.
- 5 Estou na minha quintinha,
que é chácara soberana,
ora comendo a banana,
jogando ora a laranjinha:
nem vizinho, nem vizinha
tenho, porque sempre cansa
quem vê tudo, e nada alcança,
e na cidade são raros
os olhos, que não são claros,
se olhos são de vizinhança.
- 6 Mas inda que desterrado
me tem o fado, e a sorte
por um Juiz de má morte,
de quem não tenho apelado:
é hoje, que sois chegado,
Senhor, o tempo, em que apele;
fazei, que El-Rei o desvele
pagar o serviço meu,
pois é bizarro, e só eu
não vim muito pago dele.

A JOÃO PLZ. DA CÂMARA COUTINHO FILHO DO MESMO GOVERNADOR
TOMANDO POSSE DE UMA GINETA EM DIA DE S. JOÃO
BATISTA E LHE ASSISTIU DE SARGENTO D. JOÃO
DE ALENCASTRO SEU TIO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA.

- 1 No culto, que a terra dava,
equivocava-se a vista,
se celebrava o Batista,
se ao Coutinho festejava:
um e outro João estava
arrojando à sua planta
tanto aplauso, e festa tanta:
mas viu-se, que ao mesmo dia,
em que o Batista caía,
o Coutinho se levanta.

- 2 Viu-se, que um João Batista
na terça-feira caíra,
e que outro João subira
a imperar esta conquista:
mas não se enganou a vista
por desacerto, ou desgraça,
antes com divina traça
se notou, e se advertiu,
que se um com graça caiu,
outro nos caiu em graça.

- 3 Braba ocorrência se achou
no martirólogo então,
o dia era de um João,
e outro João lhe levou:
toda a cidade assentou
por razão, se por carinho
ser mais acerto, e alinhio
preferir entre dous grandes
como um Silva a um Fernandes
a um Batista um Coutinho.

- 4 Mais ocorrências se leram,
porque pasmasse a Bahia,
dous num dia há cada dia,
mas três nunca concorreram:
três de um nome então vieram,
e qual mais para aplaudido,
e assim confuso, e sentido
ficou com tão nova traça
restaurada a nossa Praça
e o Calendário aturdido.

- 5 Se de um só João no dia
se abalava a cristandade,
por três de tal qualidade
quem se não abalaria!
tudo quanto então se via,
se via com grande abalo,
um mar de fogo a cavalo,
a pé um Etna de flores,
e por ver tantos primores
o Céu dava tanto estalo.

6 A ver o grande Alencastro
quem não fez do aperto graça:
se saiu o sol à praça
fazer praça a tanto Astro?
o bronze pois, e alabastro
por solenizar a glória
consentirão, que esta história
fique por mais segurança
nos arquivos da lembrança
nos volumes da memória.

AO MESMO ASSUNTO.

Entre aplausos gentis com luz preclara
Resplandece do sol a monarquia,
E o Príncipe da Luz, que o céu regia
Estático a carroça ardente pára.

E com razão: pois vê, se bem repara,
outro novo Faetonte neste dia,
E sente arder o mundo, como ardia,
Quando ao filho o governo delegara.

Pare pois, e repare, que o decreta
Astréia, porque aprenda no alto pólo
Ditames de luzir deste Planeta.

Sua fama andaré de pólo a pólo,
Pois o Jove, que empunha uma gineta,
Faetonte é na luz, no garbo Apolo.

GENEALOGIA QUE O POETA FAZ DO GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS
DESABAFANDO EM QUEIXAS DO MUITO, QUE AGUARDAVA
NA ESPERANÇA DE SER DELE FAVORECIDO
NA MERCÊ ORDINÁRIA.

1 Veio ao Espírito Santo
da Ilha da Madeira Alz.
um Escudeiro Gonçalves
mais pobretão, que outro tanto:
e topando a cada canto
as Tapuias do lugar
havendo uma de tomar
para a bainha da espada,
tomou Vitória agradada,
que então lhe soube agradar.

- 2 A tal era uma Tapuia
grossa como uma jibóia,
que roncava de tipóia,
e manducava de cuia:
tocando ela a Aleluia,
tirava ele a culumbrina
com tal estrago, e ruína,
que chegando a conjunção
lhe encaixou a opilação
por entre as vias da urina.
- 3 Pariu a seu tempo um cuco,
um monstro (digo) inumano,
que no bico era tucano
e no sangue mamaluco:
mas não tendo bazaruco,
com que faça o batizado
lhe assistiu sem ser rogado
um troço de fidalguia
pedestre cavalaria
toda de beíço furado.
- 4 O Cura, que não curou
de buscar no Calendário
nome de Santo ordinário,
por Antônio o batizou:
tanto o colomim mamou,
e tais forças tomou, que
antes de se pôr de pé,
e antes de estar já de vez,
não falava o português,
mas dizia o seu cobé.
- 5 Cansado de ver a Avoa
co'as cuias à dependura,
tratou de buscar ventura,
e embarcou numa canoa:
vindo aportar a Lisboa,
presumiu de fidalguia,
cuidou, que era outra Bahia,
onde basta a presunção
para fazer-se a um cristão
muchísssima cortesia.
- 6 Casou com uma rascoa,
que por ele ardia em chamas,
e era criada das Damas
da Rainha de Lisboa:
era uma grande pessoa,
porque tinha um cartapácio,
onde estudava de espácio
todo o primor cortesão,
que até um sujo esfregão

cheira a primor em Palácio.

- 7 Nasceu deste matrimônio
um Anjo, digo, um Marmanjo,
que era no simples um Anjo,
e no maligno um demônio:
deram-lhe por nome Antônio;
oh se o Santo tal cuidara!
creio eu, que se irritara
o grande Português tanto,
que deixara de ser Santo,
e o nome lhe não sujara.
- 8 Este pois por exaltar-se
veio reger a Bahia:
que bom governo faria,
quem não sabe governar-se!
se ele quisera enforçar-se
pelos que enforçar fazia,
que bom dia nos daria!
mas ele tão mal se salva,
que quando dava a mão alva
então tomava o bom dia.
- 9 O Ministro há de ser são,
justo, e não desobrigado,
há de ter ódio ao pecado,
e ao pecador compaixão:
que se tem má propensão,
faz justiça, mas com vício,
e se maior malefício
tem, e pode condenar-me,
livre-me Deus de julgar-me
oficial do meu ofício.
- 10 Que, porque furto, o que coma,
me enforcem, pode passar,
mas que me mande enforçar
a bengala de um Sodoma!
quem sofrerá, que Mafoma
me queime por mau cristão,
vendo, que Mafoma é cão,
velhaco, e de suja alparca,
e o mais torpe heresiarca,
que houve entre os filhos de Adão.
- 11 Quem na terra sofreria,
que o fedor de um ataúde
com bioco de virtude
disfarçasse a Sodomia?
e de feito em cada dia
desse ao povo um enforcado,
e que de puro malvado
desse esse dia um banquete,
e alegrasse o seu bofete

com bom vinho, e bom bocado?

- 12 O bem, que os mais bens encerra,
e as glórias todas contém,
é reinar, quem reina bem,
pois figura a Deus na terra:
eu cuido, que o mundo erra
nesta alta reputação,
que se o Rei erra uma ação,
paga a seu alto atributo
um tristíssimo tributo,
e misérrima pensão.
- 13 O Príncipe soberano
bom cristão temente a Deus,
se o não socorrem aos céus,
pensões paga ao ser humano:
está sujeito ao tirano,
que adulando ambicioso
é áspide venenoso,
que achacando-lhe os sentidos,
turbado o deixa de ouvidos,
de olhos o deixa ludoso.
- 14 Se fosse El-Rei informado,
de quem o Tucano era,
nunca à Bahia viera
governar um povo honrado:
mas foi El-Rei enganado,
e eu com o povo o paguei,
que é já costume, e já lei
dos reinos sem intervalo,
que pague o triste vassalo
os desacertos de um Rei.
- 15 Pagamos, que um figurilha
corcova de canastrão
com nariz de rebecão
em cara de bandurilha,
descompusesse a quadrilha
dos homens mais bem nascidos,
e que dos mal procedidos
tal estimação fizesse,
que honras, e postos lhes desse
por lhe encherem os ouvidos.
- 16 Pagamos ver esta Hiena,
que com a voz nos engana,
pois fala como putana,
e como fera condena:
que uma terra tão amena,
tão fértil, e fã fecunda
a tornasse tão imunda

falta de saúde, e pão;
mas foi força, que tal mão
peste, e fome nos infunda.

- 17 Pagamos que um homem bronco
racional como um calhau,
mamaluco em quarto grau,
e maligno desde o tronco:
apenas se dá um ronco,
em briga apenas se fala,
quando os sargentos a escala
prendem com descortesia
aos honrados na enxovia,
todo o patifão na sala.
- 18 Pagamos, que um Sodomita,
porque o seu vício dissesse,
todo o homem aborrecesse,
que com mulheres coabita:
e porque ninguém lhe quita
ser um vigário-geral
com pretexto paternal,
aos filhos, e aos criados
tenha sempre aferrolhados
para o pecado mortal.
- 19 Pagamos, que o tal jumento
isento de mãos gadunhas
não furtasse pelas unhas,
senão por consentimento:
e que os quatro vezes cento,
que se vieram trazer
ao seu capitão mulher,
porque o pão suba mais dez,
não foi furto, que ele fez,
mas deu jeito a se fazer.
- 20 Pagamos ver o Prelado,
que se peca, é de prudente,
dos serventes de um agente
descortesmente ultrajado:
o sobrinho amortalhado
com tão fidalgos brasões
pela Puta dos calções,
que fiado em ser valido
fez do sangue esclarecido
tão lastimosos borrões.
- 21 Pagamos com dor interna,
que nos passos da Paixão
tão devoto é da prisão,
que quer levar a lanterna:

se entende, que a glória eterna
prendendo há de merecer,
fora melhor entender,
que o céu lhe dá mais ganhado,
não dormir-se co criado,
que desvelar-se em prender.

22 Pagamos vê-lo esperar,
e estar com expectativas
de ser Conde das Maldivas
por serviços de enforçar:
e como mandou tirar
um rol dos quatro maraus,
que enforcou por vaganaus,
cuidei (assim Deus me valha)
que entre os Condes da baralha
fosse ele o Conde de paus.

23 Porém Sua Majestade,
Qual Príncipe Soberano,
que não se indigna de humano
sem dano da dignidade:
conhecida esta verdade,
que é verdade conhecida,
fará justiça cumprida,
para que se lhe agradeça,
que o mau na própria cabeça
traga a justiça aprendida.

24 E porque nós de antemão
a seus favores mostremos,
quanto lhos agradecemos,
lhe agradecemos D. João:
era justo, era razão,
conforme o direito e lei,
quando o Rei dá Juiz a Grei,
outro em seu lugar dispor,
que seja o Governador
tão fidalgo como El-Rei.

CONTINUA O POETA SATIRIZANDO-O COM O SEU CRIADO
LUÍS FERREIRA DE NORONHA.

Estas as novas são de Antônio Luí =
No que passa sobre um gato de algá =,
Que algália tira com colher de Itá = .
que coze e corcoja em fonte Rabi = .

Se lhe escalda ou não a serventi =
Isto tem já provado o mesmo ga =
Porque passando os rios de cuá =
O caso tocou logo a Inquisi =

Há cousa mais tremenda e mais atró =,
Que em terra, onde há tanta fartu =,
E haja que por um cu enjeite um có = ?

E que por mau gosto seja um pu = ?
Eu me benzo, e arrenego do demô =
E do pecado, que é contra a natu = .

AOS MESMOS AMO E CRIADO.

Que aguarde Luís Ferreira de Norô =
Tão grande pespegar pelo besbê =!
Para o Puto, que aguarda tal pespê =,
E faz servir seu cu de cocó = .

Subverteu-se a cidade de Sodô =
Pelo muito, que andou de caranguê =:
A Palácio também creio, sucé =
O mesmo, que à cidade de Gomô =.

Que desse em pescador Antônio Luí = ?
Nefando gosto tem o seu cará =,
Em não querer topar ponta de cri = .

Pois tanto se namora do pescá =,
A cuama se vá pescar lombri =,
E em castigo de Deus morra queimá =.

PROSSEGUE O MESMO ASSUNTO.

- 1 No *beco do cagalhão*,
 no de *espera-me rapaz*,
 no de *cata que farás*
 e em *quebra-cus* o acharam,
 que tirando ao *come-em-vão*
 que era esperador de cus,
 lhe arrebentou o arcabuz
 no *beco de lava-rabos*,
 onde lhe cantam diabos
 três ofícios de catruz.

- 2 Tomem pois exemplo aqui
 o Tucano e o Ferreira,
 pois lhos diz esta caveira,
 aprended, flores, de mi:
 mais aqui, ou mais ali

sempre os demônios são artos
sempre bichos, e lagartos,
e dar-lhe-ão sobre beijus,
a comer sempre cuscuz,
a ver se se dão por fartos.

REPETE A MESMA SÁTIRA.

Quem aguarda a luxúria do Tucano
Também pode esperar a do Lagarto,
Se acaso conceber, verá no parto
A substância que leva do tutano.

Estes, que se debreiam mano a mano,
Disciplinar-se-ão de quarto em quarto,
E o que de mais substância estiver farto,
A via busque, que o negócio é cano.

Conheça a Inquisição estas verdades,
E como é certo, o que o soneto diz,
Paguem-se em vivo fogo estas maldades,

Ardendo morram já como Solis,
E como arderam já duas cidades,
Ardam Luís Ferreira, e Antônio Luís.

AO MESMO ASSUNTO.

MOTE

*Quem sai a mijar de Beja
por fora de Vidigueira
Dá c'o piçalho em Ferreira.*

- 1 Senhora velha roupeira
pois todo Alentejo andou
não me dirá, quanto achou,
que vai de Beja a Ferreira:
porque outra velha embusteira,
com profia, e com inveja,
não quer que uma légua seja,
e por palmos de cará
diz, que só um palmo achará
quem sai a mijar de Beja.
- 2 Isto a velha quer, que seja,
e do seu querer colijo,
que vai a beber do mijo,
quem sai a mijar de Beja:

porém quem saber deseja
a conclusão verdadeira,
deste caminho, ou carreira,
pelos passos do pismão
quer saber, que passos vão
por fora da Vidigueira.

- 3 Porque parvoice fora
não ver entre boca, e centro,
que uma cousa é mijar dentro
outra cousa andar por fora:
e assim vós, minha Senhora
velha, que nesta carreira
já sois useira, e vezeira
desmenti da velha a inveja,
pois diz, que quem sai de Beja,
dá co piçalho em Ferreira.

DIZ MAIS COM O MESMO DESENFADO:

Sal, cal, e alho
caíam no teu maldito caralho. Amém.
O fogo de Sodoma e de Gomorra
em cinza te reduzam essa porra. Amém.
Tudo em fogo arda,
Tu, e teus filhos, e o Capitão da Guarda.

DEDICATÓRIA EXTRAVAGANTE QUE O POETA FAZ DESTAS OBRAS
AO MESMO GOVERNADOR SATIRIZADO.

Desta vez acabo a obra,
porque é este o quarto tomo
das ações de um Sodomita,
dos progressos de um fanchono.
Esta é a dedicatória,
e bem que preverto o modo,
a ordem preposterando
dos prólogos, os prolóquios.
Não vai esta na dianteira,
antes no traseiro a ponho,
por ser traseiro o Senhor,
a quem dedico os meus tomos.
A vós, meu Antônio Luís,
a vós, meu Nausau ausônio,
assinalado do naso
pela natura do rosto:
A vós, merda dos fidalgos,
a vós, escória dos Godos,
Filho do Espírito Santo,
E Bisneto de um caboclo:
A vós, fanchono beato,
Sodomita com bioco,

e finíssimo rabi
sem nascerdes cristão-novo:
A vós, cabra dos colchões,
que estoqueando-lhe os lombos,
sois fisgador de lombrigas
nas alagoas do olho:
A vós, vaca sempiterna
cozida, assada, e de molho,
Boi sempre, Galinha nunca
in secula seculorum:
A vós, ó perfumador
do vosso pagem cheiroso,
para vós algália sempre,
para vós sempre mondongo:
A vós, ó enforcador,
e por testemunhas tomo
os Irmãos da Santa Casa,
que lhes carregam os ossos:
Pois no dia dos Finados,
quando desenterram mortos
também murmuram de vós
pela grã carga dos ombros:
A vós, ilustre Tucano,
mal direito, e bem giboso,
pernas de rolo de pau,
antes de o levar ao torno:
A vós: basta tanto vós,
porque este insensato Povo
vendo, que por vós vos trato,
cuidará, que sois meu moço:
A vós dedico, e consagro
os meus volumes, e tomos,
defendei-os, se quiserdes,
e se não, vai nisso pouco.

APOLOGIA CAVILOSA EM DEFENSA DO MESMO GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS.

Agora saio eu a campo
por vós, meu Antônio Luís,
que já fede tanto verso,
e enfada tanto pasquim!
Que vos quer esta canalha
tropel de vilões ruins,
tanto Poeta sendeiro,
tanto trovador rocim?
Se fizestes mau governo,
que é certo, que foi ruim,
eles, que o façam pior,
que eu lhe dou das quatro mil.
Enforcastes muita gente?
mente, quem tal coisa diz:
Gabriel os enforcava,
que eu com estes olhos vi.

É verdade, que gostáveis
vós muito de vê-los ir,
sois amigo de enforcados,
ter-lhes ódio, isso fora ruim.
Cada qual gosta, o que gosta,
uns carneiro outros perdiz,
vós um quarto de enforcado,
e eu de um quarto do pernil.
Em gostos não há disputa
dai ao demo o povo vil,
que até nos gostos se mete
a ser dos gostos juiz.
O querer não tem razão,
que a vontade é mui sutil,
e assim por onde quer entra,
e talvez não quer sair.
Cada um quer, o que quer,
não há nisto, que argüir,
fez Deus as vontades livres,
prendê-las é frenesi.
Sois amigo de enforcados,
quem vo-lo pode impedir?
oxalá fôreis amigo
levar o mesmo fim.
Ora vamos a farinha,
foi pouca, cara, e ruim:
mas vós não sois sol, nem chuva,
para haver de a produzir.
Eu confesso, que houve fome,
governando vós aqui,
sois mofino, e por contágio
ficou mofino o Brasil.
Ser mofino não é culpa,
a fortuna o quer assim:
quem é mofino consigo,
cos mais há de ser feliz?
Não vos mandou governar
El-Rei farinhas aqui,
as carnes, nem os pescados,
porém a força isso sim.
Valha o diabo a vossa alma
cabelos de colomim,
mandou-vos El-Rei acaso
desgovernar os quadris?
Mandou-vos acaso El-Rei
com as fêmeas não dormir,
senão com vosso criado,
que é bomba dos vossos rins?
No mais vos levanta falsos
todo este povo civil,
mas isto do vosso corpo
vo-lo levanta o Luís.
Mandou-vos El-Rei acaso
a Sodoma, ou ao Brasil?
Se não viveis em Judá,
quem vos meteu a Rabi?
Mandou-vos El-Rei que fosse

vosso pajem meretriz,
madrasta de vossos filhos,
como dizem por aí?
Ora ide-vos co diabo,
que já não quero acudir
por um Tucano, um Fanchono,
um Sodoma, um vilão ruim.

DESCANTA O POETA AGORA A DESPEDIDA DESTE GOVERNADOR
EM METÁFORA DE CHULARIAS, QUE SE USAVAM NAQUELE TEMPO.
POR DIZER-SE VINHA RENDÊ-LO D. JOÃO DE ALENCASTRO, SEU CUNHADO.

1 Bangüê, que será de ti
em vindo o Governador,
que manda El-Rei meu Senhor
para te botar daqui?
que será de ti, maldi-
to, que assaz a ti te toca
por neto de curiboca
e porque este teu pepino
no que é vaso feminino
jamais toca, nem emboca.

2 Que será de ti, Bangüê,
quando o sucessor vier,
que hás de perder a mulher,
que é fêmea de cutiliquê?
e se teu criado é,
que o podes também levar,
não te há de sofrer o mar,
nem suas ondas sagradas,
antes por essas porradas
a porra te há de salgar.

RETRATO QUE FAZ EXTRAVAGANTEMENTE O POETA AO MESMO
GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS DA CÂMARA NA SUA DESPEDIDA.

Vá de retrato
por consoantes,
que e eu sou Timantes
de um nariz de tucano
 pés de Pato.

Pelo cabelo
começo a obra,
que o tempo sobra
para pintar a giba
 do camelo.

Causa-me engulho
o pêlo untado,
que de molhado
parece, que sai sempre
 de mergulho.

Não pinto as faltas
dos olhos baios,
que versos raios
nunca foram, senão
a cousas altas.

Mas a fachada
da sobancelha
se me assemelha
a uma negra vassoura
esparramada.

Nariz de embono
com tal sacada,
que entra na escada
duas horas primeiro
que seu dono.

Nariz, que fala
longe do rosto,
pois na Sé posto
na Praça manda pôr
a guarda em ala.

Membro de olfatos,
mas tão quadrado,
que um Rei coroado
o pode ter por copa
de cem pratos.

Tão temerário
é o tal nariz,
que por um triz
não ficou cantareira
de um armário.

Você perdoe,
nariz nefando,
que eu vou cortando,
e inda fica nariz,
em que se assoe.

Ao pé da altura
no naso outeiro,
tem o sendeiro,
o que boca nasceu, e é
rasgadura.

Na gargantona
membro do gosto
está composto
o órgão mais sutil
da voz fanchona.

Vamos à giba:
mas eu que intento,
se não sou vento
para poder trepar
lá tanto arriba?

Sempre eu insisto,
que no horizonte
deste alto monte
foi tentar o diabo
A Jesus Cristo.

Chamam-lhe autores,
por falar fresco

dorso burlesco,
no qual *fabricaverunt*
peccatores.

E havendo apostas,
se é homem, ou fera,
se assentou, que era
um caracol, que traz
a casa às costas.

De grande a riba,
tanto se entona,
que já blasona,
que enjeitou ser canastra
por ser giba.

Ó pico alçado,
quem lá subira,
para que vira,
se és Etna abrasador
se Alpe nevado!

Cousa pintada
sempre uma cousa,
pois onde pousa,
sempre o vêem de bastão
sempre de espada.

Dos santos passos
na bruta cinta
uma cruz pinta
a espada o pau da cruz,
e eles os braços.

Vamos voltando
para a dianteira,
que na traseira
o cu vejo açoutado
por nefando.

Se bem se infere
outro fracasso,
porque em tal caso
só se açouta, quem canta
o miserere.

Pois que seria,
que eu vi vergões?;
serão chupões,
que o bruxo do Ferreira
lhe daria.

Seguem-se as pernas,
sigam-se embora,
porque eu por ora
não me quero embarcar
em tais cavernas.

Se bem, que assento
nos meus miolos
que são dous rolos
de tabaco já podre,
e fedorento.

Os pés são figas
a mor grandeza,
por cuja empresa
tomaram tantos pés

tantas cantigas.
Velha coitada
suja figura,
na arquitetura
da popa de Nau nova
está entalhada.
Boa viagem
senhor Tucano,
que para o ano
vos espera a Bahia
entre a bagagem.

A D. JOÃO DE ALENCASTRO TOMANDO POSSE DO SEU GOVERNO OBSEQUIA O
POETA COM AS QUEIXAS DO SEU ANTECESSOR, E CUNHADO.

Quando Deus redimiu da tirania
da mão do Faraó endurecido
o Povo Hebreu amado, e esclarecido.
Páscoa ficou de redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria
Àquele Povo foi tão afligido
O dia, em que por Deus foi redimido;
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade
Nos remiu de tão triste cativo,
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro
Deus, que veio estirpar desta cidade
O Faraó do Povo Brasileiro.

AO MESMO GOVERNADOR CHEGANDO-LHE A NOVA DA MORTE DE
SUA SOGRA, A QUEM DEIXOU CONVALESCIDA DA MESMA ENFERMIDADE,
DE QUE MORREU DEPOIS.

Alto Príncipe, a quem a Parca bruta
Aos estragos negando-se de horrível,
Quando acredita assombro no inflexível,
Em rendimento a vossos pés tributa.

Tímida a vossa vista se reputa,
E o mostra nesta ação quase visível,
Onde em vós o pesar, sendo possível,
Reverente o rigor não executa.

Pouco faz a Bahia, se venera
Humilde, e grata a vossa presidência,

Se inda a morte convosco não é fera

Porque admirando em vós tanta excelência
Para dar-vos um golpe, astuta espera
(Por temer-vos, Senhor) a vossa ausência.

LOUVA O SECRETÁRIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA RAVASCO A UM
SUJEITO, QUE FOI À COSTA DA MINA E LÁ FEZ UMA ILUSTRE AÇÃO.

Vindes da Mina, e só trazeis a fama,
De que vosso valor fez alta empresa,
Que não consiste a glória na riqueza
No seu desprezo sim, que honra se chama.

O vosso zelo, que ambição se inflama,
Do serviço fiel de Sua Alteza
Lhe deu prudente aquela Fortaleza,
Que é padrão imortal, que vos aclama.

Quanto co'a espada, e co júzo obrastes,
Quanto na África, e Europa merecestes,
São ações, que convosco competistes.

Não vos queixeis do pouco, que alcançastes,
Pois na glória, em que a todos excedestes,
Dificultais o prêmio, ao que servistes.

RESPONDE O POETA A BERNARDO VIEIRA RAVASCO PELOS MESMOS
CONSOANTES POR AQUELA PESSOA A QUEM SE FEZ O OBSÉQUIO.

Hoje é melhor ter mina, que ter fama,
Que no tesouro se acha a nobre empresa,
Porque onde se idolatra só riqueza,
A glória dos progressos nada clama.

Ambicioso e avarento mais se inflama
Pretendendo subir a nova alteza,
E fragando nos bens a fortaleza,
Quer estragar a honra, que se aclama.

Mas vós, que a acreditar-me tanto obrastes,
Fiado, no que, é certo, merecestes,
Em mérito, a que sempre competistes:

A mim me dais a glória, que alcançastes,
Que como vós em tudo me excedestes,

Té para me abonar hoje servistes.

CONTINUA BERNARDO VIEIRA RAVASCO NO SEU PROPÓSITO
PELOS MESMOS CONSOANTES.

Nos assuntos, que dais à vossa fama,
Têm as invejas mais ardente empresa,
Pois se a glória do nome é mor grandeza,
No vosso acende mais ativa a chama

A emulação, que sempre assim se inflama,
O seu incêndio exala à suma alteza,
Mas esse incêndio em rara fortaleza
Salamandra vos faz, Fênix aclama.

Quanto nas armas valeroso obrastes,
Nas invejas prudente merecestes,
Triunfando sempre nunca competistes.

Mas outra maior glória inda alcançastes;
Não há Musa, que conte, o que excedestes,
Nem grandeza, que pague, o que servistes.

AO MESMO SECRETÁRIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA PEDINDO UMAS
OITAVAS AO POETA, EM TEMPO, EM QUE FAZIA ANOS CONVALESCENDO
DE UMA GRAVE DOENÇA.

- 1 Oitavas canto agora por preceito,
Sem que na oitava possa diligente
Louvar as excelências de um sujeito,
Que pode ser em tudo o melhor Lente:
Mas como em mim não pode ser perfeito
O canto, ficará menos cadente
A música de Apolo, e de Talia,
Que não há cantar bem sem melodia.

- 2 Se do tempo perfeito o meu compasso
A compasso cantara neste canto,
Não faltara à garganta agora o passo,
E em passos de garganta fora espanto:
Porém se em canto nunca da mão passo
Como posso afinar no canto tanto,
Que me atreva a cantar vossa ciência,
Sem que falte ao compasso na cadência.

- 3 Canora a voz tomara, e tão suave,
Que em passos largos, e ecos repetidos
Sonora requintasse aquela clave,

Em que fossem meus ecos esparcidos:
Porém se o vosso nome o canto grave
Eleva suspendendo os mais sentidos,
Com a voz, que formar o meu alento
Chegar posso também ao Firmamento.

- 4 Discutindo esse globo de ciências
No mapa desta esfera Americana,
Acho um todo formado de excelências
Maravilha fatal em forma humana:
De modo se une, e formam as essências,
Que o natural as graças vos germana:
Mas que muito se vós no largo mundo
Sois da graça, e ciências tão fecundo.
- 5 Se emulações tiraram Luzimentos,
Que soube a natureza vincular-vos,
Apolo não perdera os pensamentos,
Temendo-se na empresa de louvar-vos:
Suspende a admiração os vãos intentos
Ao discurso, que emprende realçar-vos,
Que a Musa enfraquecida, a pena leve
Nunca diz, o que sente, no que escreve.
- 6 Deixem-se os Gregos já do seu Eliano,
Condenam a silêncio um Xenofonte,
Não louve Alexandria Herodiano,
Que na Bahia tem Timocreonte:
O qual pode ensinar Quintiliano,
Camões, Terêncio, Ênio, Anacreonte,
Platões, Anaximandros, e Musés,
Acusilaus, Priscianos, e a Timéus.
- 7 Nos anos climatéricos glorioso
Vosso nome será tão dilatado,
Que suba, onde o decrepito invejoso
O veja nas estrelas colocado:
Sereis novo Planeta luminoso,
E Sol em nova esfera sublimado,
Que, a quem o mundo singular aclama,
Só descansa no céu com ele a fama.
- 8 Separar vossas partes, e Louvores
Absurdo fora certo, e averiguado,
Que à grandeza dos orbes superiores
Ninguém pode pôr termo limitado:
Receba o infinito por maiores,
Quem foi por singular ao mundo dado,
Com que as partes publica deste modo,
Quem de todo admirado admira o todo.
- 9 Cesse pois em louvar-vos minha pena,

Que impossível será, que sem engano
Presuma, que fazendo esta novena
Vos possa ponderar em todo um ano:
Este novo, e felice, que hoje ordena
O Céu, lograi, Senhor, sem tanto dano,
Porque sejam em vós os mais gloriosos
Aqueles, que vos faltam de invejosos.

4 — A NOSSA SÉ DA BAHIA

*com ser um mapa de festas
é um presépio de bestas.*

*e se nisto maldigo ou me engano,
eu me submeto à Santa Madre Igreja.*

*Se virdes um Dom Abade
sobre o púlpito cioso,
não lhe chameis Religioso
chamai-lhe embora de Frade*

Jesu, nome de Jesu!

AOS CAPITULARES DO SEU TEMPO.

A nossa Sé da Bahia
com ser um mapa de festas,
é um presépio de bestas,
se não for estrebaria:
várias bestas cada dia
vemos, que o sino congrega,
Caveira mula galega,
O Deão burrinha parda,
Pereira besta de albarda,
Tudo para a Sé se agrega.

PONDERA ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO QUÃO GLORIOSA

1 Quem da religiosa vida
não se namora, e agrada,
já tem a alma danada,
e a graça de Deus perdida:
uma vida tão medida
pela vontade dos Céus,
que humildes ganham troféus,
e tal glória se desfruta,
que na mesa a Deus se escuta,
no Coro se louva a Deus.

2 Esta vida religiosa
tão sossegada, e segura
a toda a boa alma apura,
afugenta a alma viciosa:
há cousa mais deliciosa,
que achar o jantar, e almoço
sem cuidado, e sem sobrosso
tendo no bom, e mau ano
sempre o pão quotidiano,
e escusar o Padre nosso!

- 3 Há cousa como escutar
o silêncio, que a garrida
toca depois da comida
pare cozer o jantar!
há cousa como calar,
e estar só na minha cela
considerando a panela,
que cheirava, e recendia
no gosto de malvasia
na grandeza da tigela!
- 4 Há cousa como estar vendo
uma só Mãe religião
sustentar a tanto Irmão
mais, ou menos Reverendo!
há maior gosto, ao que entendo,
que agradar ao meu Prelado,
para ser dele estimado,
se ao obedecer-lhe me animo,
e depois de tanto mimo
ganhar o Céu de contado!
- 5 Dirão réprobos, e réus,
que a sujeição é fastio,
pois para que é o alvedrio,
senão para o dar a Deus:
quem mais o sujeita aos céus,
esse mais livre se vê,
que Deus (como ensina a fé)
nos deixou livre a vontade,
e o mais é mor falsidade,
que os montes de Gelboé.
- 6 Oh quem, meu Jesus amante,
do Frade mais descontente
me fizera tão parente,
que fora eu seu semelhante!
Quem me vira neste instante
tão solteiro, qual eu era,
que na Ordem mas austera
comera o vosso maná!
Mas nunca direi, que lá
virá a fresca Primavera.

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. Fr. MANUEL DA RESSURREIÇÃO.

Subi a púrpura já, raio luzente
Do sol Americano, que em dourado
Dossel o Tibre vos verá sagrado
Dar um dia leis à sua corrente.

Entonces da Tiara a vossa frente,
E vosso Patriarca coroadado
Um redil deveremos, e um cajado
Às vossas claves, e a seu zelo ardente.

Subi a cumes tão esclarecidos,
Ó vos, de cuja remendada capa
Sombras são já purpúreos resplendores.

Em quem divinamente reunidos
Os brasões de Seráfico, e de Papa
Verão os vossos dois Progenitores.

A MORTE DO MESMO SENHOR SUCEDIDA DE UMA FEBRE
MALIGNA EM BELÉM ANDANDO EM VISITA.

Neste túmulo a cinzas reduzido
Da virtude o Herói mais portentoso
Se oculta, feito estrago lastimoso
Da dura Parca, de que foi vencido.

De um incêndio cruel ficou rendido
Aquele peito forte, e valeroso,
Que por Deus tantas vezes amoroso
Tinha grandes incêndios padecido.

Porém a Parca andou muito advertida
Em lhe tirar a vida desta sorte,
E tirana não foi, sendo homicida.

Que se o matou em um incêndio forte,
Foi, porque se de incêndios teve a vida,
De incêndios era bem tivesse a morte.

EPITÁFIO À SEPULTURA DO MESMO EX^{mo}. SENHOR ARCEBISPO

Este mármore encerra, ó Peregrino,
Se bem, que a nossos olhos já guardado,
Aquele, que na terra foi sagrado,
Para que lá no céu fosse divino.

De seu merecimento justo, e digno
Prêmio, pois na terra nunca irado
Se viu o seu poder, e o seu cajado
Neste nosso hemisfério ultramarino.

Enfim relíquias de um Prelado santo
Oculta este piedoso monumento:
As lágrimas detém, enxuga o pranto.

Prostra-te reverente, e beija atento
As cinzas, de quem deu ao mundo espanto,
E a todos os Prelados documento.

A CHEGADA DO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. JOÃO FRANCO DE
OLIVEIRA TENDO SIDO JÁ BISPO EM ANGOLA.

Hoje os Matos incultos da Bahia
Se não suave for, ruidosamente
Cantem a boa vinda do Eminente
Príncipe desta Sacra Monarquia.

Hoje em Roma de Pedro se lhe fia
Segunda vez a Barca, e o Tridente,
Porque a pesca, que fez já no Oriente,
A destinou para a do meio-dia.

Oh se quisera Deus, que sendo ouvida
A Musa bronca dos incultos Matos
Ficasse a vossa púrpura atraída!

Oh se como Arion, que a doces tratos
Uma pedra atraiu endurecida,
Atraísse eu, Senhor, vossos sapatos!

A FROTA EM QUE VEIO O PÁLIO DESTE GRANDE PRELADO.

Tal frota nunca viram as idades
De rota, desmembrada, e detençosa,
Mui Santa deve ser, e religiosa,
Pois de dous em dous veio, como frades.

Não lhe duvido eu destas qualidades,
Se veio na Almirante venturosa
Aquele insígnia Santa, e poderosa,
Que à Mitra episcopal dá potestades.

Chegou o Pálio enfim, que de um Prelado,
Que nos veio a medida do desejo
Tão merecido foi, como esperado.

Eu ouço repicar, e folgar vejo:
Repica a Sé, o Carmo está folgado,
Louco devo eu de ser, pois não doudejo.

AO MESMO ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEGANDO DE VISITA À VILA
DE S. FRANCISCO, ONDE O ESPERAVAM MUITOS CLÉRIGOS PARA
TOMAREM ORDENS.

Bem-vindo seja, Senhor, Vossa Ilustríssima
A este sítio famoso do Seráfico,
Onde nesta canção de verso alcaico
Ouça a ovelha balar sua amantíssima

Aqui verá correr água claríssima
Do grande Seregipe rio antártico,
Onde para tomar o eclesiástico
Caráter Santo há gente prestantíssima.

Aqui de Pedro a rede celeberrima
Cuido, que fez os lanços hiperbólicos,
Que na Bíblia se lêem Santa integerrima.

Porque estes Pescadores tão católicos
Nunca uma pesca fazem tão pulquerrima,
Que os buchos nos não deixem melancólicos.

A MAGNIFICÊNCIA COM QUE OS MORADORES DAQUELA VILA
RECEBERAM O DITO SENHOR COM VÁRIOS ARTIFÍCIOS DE FOGO POR
MAR E TERRA CONCORRENDO PARA A DESPESA O VIGÁRIO.

1 Apareceram tão belas
no mar canoas, e truzes,
que se o céu é mar de luzes,
o mar era um céu de estrelas:
era uma armada sem velas
movidada de outro elemento,
era um prodígio, um portentoso
ver com tanto desafogo
esta navegar com fogo,
se outras arribam com vento.

2 Sua Ilustríssima estava
assustado sobre absorto,
porque via um rio morto
o fogo, em que se abrasava:
grande cuidado lhe dava
ver, que o mar morria então
infamado na opinião,

e como um judeu queimado,
sendo, que o mar é sagrado,
que inda é mais que ser cristão.

3 Lá no vale ardia o ar,
e por ser, comua a guerra,
no mar há fogo de terra,
na terra há fogo do mar:
toda a esfera a retumbar
fazia correspondência,
e com alegre aparência
luzia na ardente empresa
fogo do ar por alteza,
e do mar por excelência.

4 Em cima as rodas paravam,
que vária a fortuna toda
desandava a sua roda,
e as do fogo não paravam:
os mestres se envergonhavam,
que era Lourenço, e Diogo:
e eu vi, que a Lourenço logo
a face se quebrantava,
com que a mim mais me queimava
o seu rosto, que o seu fogo.

5 Deu-se fogo em conclusão
a uma roda de encomenda,
foi como a minha fazenda,
que ardeu num abrir de mão:
estava em meio do chão
um rasto, para que ardesse
uma câmara, e parece,
que uma faísca caiu,
disparou: quem jamais viu,
que o fogo em câmaras desse.

6 Era grande a multidão
do Clero, e dos Seculares,
que a graça destes folgares
consiste na confusão:
Sua Ilustríssima então
se foi, que o fogo não zomba,
aqui queima, ali arromba:
segue-lhe o vigário os trilhos,
que as rodas não tinham filhos
mas pariam muita bomba.

7 A gente ficou pasmada,
porque viu a gente toda,
que era a resposta da roda
de bombardas respostada:

ficou a turba enganada,
porque enfim nos perturbamos:
mas todos nos alegramos,
que isto somos, e isso fomos,
que então alegres nos pomos
quando mais nos enganamos.

8 Entre o desar, e entre o risco
a noite alegre passou:
que mais noite! se a gabou
té o Padre São Francisco:
nas mais paróquias foi cisco,
foi sombra, foi ar, foi nada
do nosso Prelado a entrada,
e a desconfiança é vã
de o Cura ter bolsa chã,
se a vontade é tão sobrada.

OBRIGADOS OS ORDENANDOS A CANTAR O CANTO CHÃO DESAFINARAM
PERTURBADOS À VISTA DO PRELADO E OS OBRIGOU A QUE ESTUDASSEM
OS SETE SIGNOS. CELEBRA O POETA ESTE CASO E LOUVA A PRÉDICA, QUE
FEZ SUA ILUSTRÍSSIMA.

1 Senhor; os Padres daqui
por b quadro, e por b mol
cantam bem ré mi fá sol,
cantam mal lá sol fá mi:
a razão, que eu nisto ouvi,
e tenho para vos dar,
é, que como no ordenar
fazem tanto por luzir,
cantam bem para subir,
cantam mal para baixar.

2 Porém como cantariam
os pobres perante vós?
tão bem cantariam sós,
quão mal, onde vos ouviam:
quando o fabordão erguiam
cad'um parece, que berra,
e se um dissona, o outro erra,
mui justo me pareceu,
que sempre à vista do Céu
fique abatido, o que é terra.

3 Os Padres cantaram mal
como está já pressuposto,
e inda assim vos deram gosto,
que eu vi no riso o sinal.
foi-se logo cada qual
direto às suas pousadas
a estudar nas tabuadas

da música os sete signos,
não por cantar a Deus hinos,
mas por vos dar badaladas.

4 Vós com voz tão doce, e grata
enleastes meus sentidos,
que ficaram meus ouvidos,
engastados nessa prata:
tanto o povo se desata
ouvindo os vossos espíritos!
que com laudatórios gritos
dou eu fé, que uma Donzela
disse, qual outra Marcela,
o cântico Benedictus.

A MORTE VIOLENTA QUE LUÍS FERREIRA DE NORONHA
CAPITÃO DA GUARDA DO GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS
DEU À JOSÉ DE MELLO SOBRINHO DESTA PRELADO.

Brilha em seu auge a mais luzida estrela,
Em sua pompa existe a flor mais pura,
Se esta do prado frágil formosura,
Brilhante ostentação do céu aquela.

Quando ousada uma nuvem a atropela,
Se a outra troca em lástima a candura,
Que há também para estrelas sombra escura,
Se para flores há, quem as não zela.

Estrela e flor, José, em ti se encerra,
Porque ser flor, e estrela mereceu
Teu garbo, a quem a Parca hoje desterra.

E para se admirar o indulto teu,
Como flor te sepultas cá na terra,
Como estrela ressurges lá no céu.

AO RETIRO QUE FEZ ESTE ILUSTRÍSSIMO PRELADO SENTIDÍSSIMO,
E MAGOADO PELA TIRANA E VIOLENTA MORTE QUE O CAPITÃO
DA GUARDA LUÍS FERREIRA DE NORONHA DEU A SEU SOBRINHO.

1 Um benemérito peito,
uma Sacra Dignidade
sentir vem na soledade
da parca o cruel efeito:
que de um golpe sem respeito
quis cortar o vital fio,
sem atender Senhorio,
nem ver, o despojo horrendo,

de quem se agravara, vendo
desautorizado o brio.

2 Já de todo o mal distando
em Belém busca o retiro,
onde um, e outro suspiro
a pena estão aumentando:
e no pesar contemplando
jamais será divertido,
vendo de todo perdido
por culpa de um traidor vil
aquele Adônis gentil
a cadáver reduzido.

3 Se a lei se deve observar,
como agora falta, e tarda?
a Justiça apenas guarda,
que agradou por agradar:
privou por se depravar
pela via nunca usada,
deu ao vício franca entrada,
e bem se pode entender,
que enquanto vivo há de ser
privado pela privada.

4 Mas que muito haja amparado
um Calígula tirano
a seu amigo inumano
Capitão de cama, e lado?
o vulgo tem murmurado,
e a maldade não se doma,
e a sem-razão, que se assoma,
como demais já sobeja
contra um Ministro da Igreja
um nefando de Sodoma.

AOS MISSIONÁRIOS, A QUEM O ARCEBISPO D. FR. JOÃO DA MADRE
DE DEUS RECOMENDAVA MUITO AS VIAS SACRAS, QUE
ENCHENDO A CIDADE DE CRUZES CHAMAVAM DO PÚLPITO
AS PESSOAS POR SEUS NOMES, REPREENDENDO A QUEM FALTAVA.

Via de perfeição é a sacra via,
Via do céu, caminho da verdade:
Mas ir ao Céu com tal publicidade,
Mais que à virtude, o boto à hipocrisia.

O ódio é d' alma infame companhia,
A paz deixou-a Deus à cristandade:
Mas arrastar por força, uma vontade,
Em vez de perfeição é tirania.

O dar pregões do púlpito e indecência,
Que de Fulano? venha aqui sicrano:
Porque o pecado, o pecador se veja:

E próprio de um Porteiro d'audiência,
E se nisto maldigo, ou mal me engano,
Eu me submeto à Santa Madre Igreja.

A CERTO PROVINCIAL DE CERTA RELIGIÃO QUE PREGOU O
MANDATO EM TERMOS TÃO RIDÍCULOS QUE MAIS SERVIU
DE MOTIVO DE RISO DO QUE DE COMPAIXÃO.

1 Inda está por decidir,
meu Padre Provincial,
se aquele sermão fatal
foi de chorar, se de rir:
cada qual pode inferir,
o que melhor lhe estiver,
porque aquela má mulher
da perversa sinagoga
fez no sermão tal chinoga,
que o não deixou entender.

2 Certo, que este lava-pés
me deixou escangalhado,
e quanto a mim foi traçado
para risonho entremez:
eu lhe quero dar das três
a outro qualquer Pregador,
seja ele quem quer que for,
já filósofo, ou já letrado,
e quero perder dobrado,
se fizer outro pior.

3 E vossa Paternidade,
pelo que deve à virtude,
de tais pensamentos mude,
que prega mal na verdade:
faça atos de caridade,
e trate de se emendar,
não nos venha mais pregar,
que jurou o Mestre Escola,
que por pregar para Angola
o haviam de degradar.

AO CURA DA SÉ QUE ERA NAQUELE TEMPO INTRODUZIDA
ALI POR DINHEIRO E COM PRESUNÇÕES DE NAMORADO
SATIRIZA O POETA COMO CRIATURA DO PRELADO.

1 O Cura, a quem toca a cura

de curar esta cidade,
cheia a tem de enfermidade
tão mortal, que não tem cura:
dizem, que a si só se cura
de uma natural sezão,
que lhe dá na ocasião
de ver as Moças no eirado,
com que o Cura é o curado,
e as Moças seu cura são.

2 Desta meizinha se argúi,
que ao tal Cura assezoado
mais lhe rende o ser curado,
que o Curado, que possui,
grande virtude lhe influi
o curado exterior:
mas o vício interior
Amor curá-lo procura,
porque Amor todo loucura,
se a cura é de louco amor.

3 Disto cura o nosso Cura,
porque é curador maldito,
mas ao mal de ser cabrito
nunca pôde dar-lhe cura:
É verdade, que a tonsura
meteu o Cabra na Sé,
e quando vai dizer “Te
Deum laudamus” aos doentes,
se lhe resvela entre dentes,
e em lugar de Te diz *me*.

4 Como ser douto cobiça,
a qualquer Moça de jeito
onde pôs o seu direito,
logo acha, que tem justiça:
a dar-lhe favor se atiça,
e para o fazer com arte,
não só favorece a parte,
mas toda a prosápia má,
se justiça lhe não dá,
lhe dá direito, que farte.

5 Porque o demo lhe procura
tecer laços, e urdir teias,
não cura de almas alheias,
e só do seu corpo cura:
debaixo da capa escura
de um beato capuchinho
é beato tão maligno
o cura, que por seu mal
com calva sacerdotal
é sacerdote calvino.

6 Em um tempo é tão velhaco,
tão dissimulado, e tanto,
que só por parecer santo
canoniza em santo um caco:
se conforme o adágio fraco
ninguém pode dar, senão
aquilo, que tem na mão,
claro está que no seu tanto
não faria um ladrão santo,
senão um Santo Ladrão.

7 Estou em crer, que hoje em dia
já os cânones sagrados
não reputam por pecados
pecados de simonia:
os que vêem tanta ousadia,
com que comprados estão
os curados mão por mão,
devem crer, como já creram,
que ou os cânones morreram,
ou então a Santa unção.

AO ILUSTRÍSSIMO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEUS MUDANDO-SE
PARA O SEU NOVO PALÁCIO QUE COMPROU.

Sacro Pastor da América florida,
Que para o bom regímen do teu gado
De exemplo fabricastes o cajado,
E de fruta te serve a mesma vida.

Outros tua virtude esclarecida
Cantem: mas teu palácio por sagrado
Cante Apolo de raios coroado
Na musa humilde de álamos cingida.

Gusano a tua folha me alimente,
Tua sombra me ampare peregrino,
Passarinho o teu ramo me sustente.

Tecerei tua história em ouro fino,
De meus versos serás templo freqüente,
Onde glórias te cante de contínuo.

O DEÃO ANDRÉ GOMES CAVEIRA SE INTRODUIU DE TAL MODO
COM ESTE PRELADO EM DESABONO DO POETA, QUE
ESTIMULADO O DITO FEZ O SEGUINTE.

MOTE

*O mundo vai-se acabando,
cada qual olhe por si,
porque dizem, que anda aqui
uma Caveira falando.*

- 1 Chegou o nosso Prelado
tão galhardo, e tão luzido,
tão douto, e esclarecido,
tão nobre, e tão ilustrado,
e não houve Prebendado,
que para o ir enganando
se lhe não fosse chegando;
mas só Caveira asnaval
é, quem co Prelado val:
o mundo vai-se acabando.

- 2 Como não há de acabar-se,
se uma Caveira tão feia
ao Prelado galanteia
a risco de enamorar-se!
onde se viu galantear-se
o roxete carmesi
pela caveira de Heli?
não é mentira, é verdade;
pois para seguridade
cada qual olhe por si.

- 3 Olhe por si cada qual,
e não se dêem por seguros,
sabendo, que anda extramuros
esta Caveira infernal:
ela anda pelo arrebald,
e dacolá para aqui,
eu por mil partes a vi:
o leigo, o frade, e o monge
não a imaginem de longe,
porque dizem, que anda aqui.

- 4 Aqui anda, e aqui está
rosnando sempre entre nós,
Deão com cara de algoz,
e pretensões de Bispá:
ele é, o que os pontos dá,
e os vícios vai acusando
com zelo torpe, e nefando,
com que nos bota a perder:
porque quem não há de crer
uma Caveira falando.

CAVEIRA, DO QUE AS LISONJAS DO POETA, LHE FEZ ESTA SÁTIRA

1 Eu, que me não sei calar,
mas antes tenho por minguia,
não purgar-se qualquer língua
a risco de arrebentar:
vos quero, amigo, contar,
pois sois o meu secretário,
um sucesso extraordinário,
um caso tremendo, e atroz;
porém fique aqui entre nós.

2 Do Confessor Jesuíta,
que ao ladrão do confessado
não só absolve o pecado,
mas os furtos lhe alcovita:
do Precursor da visita,
que na vanguarda marchando
vai pedindo, e vai tirando,
o demo há de ser algoz:
porém fique aqui entre nós.

3 O ladronaço em rigor
não tem para que o dizer
furtos, que antes de os fazer,
já os sabe o confessor:
cala-os para ouvir melhor,
pois com ofício alternado
confessor, e confessado
ali se barbeiam sós:
porém fique aqui entre nós.

4 Aqui o Ladrão consente
sem castigo, e com escusa,
pois do mesmo se lhe acusa
o confessor delinqüente:
ambos alternadamente
um a outro, e outro a um
o pecado, que é comum
confessa em comua voz:
porém fique aqui entre nós.

5 Um a outro a mor cautela
vem a ser neste acidente
confessor, e penitente,
porque fique ela por ela:
o demo em tanta mazela
diz: faço, porque façais,
absolvo, porque absolvais,
pacto inopinado pôs;
porém fique aqui entre nós.

6 Não se dá a este Ladrão
penitência em caso algum,
e somente em um jejum
se tira a consolação:
ele estará como um cão
de levar a bofetada:
mas na cara ladrilhada
emenda o pejo não pôs:
porém fique aqui entre nós.

7 Mecânica disciplina
vem a impor por derradeiro
o confessor marceneiro
ao pecador carapina:
e como qualquer se inclina
a furtar, e mais furtar,
se conjura a escavacar
as bolsas um par de enxós:
porém fique aqui entre nós.

8 O tal confessor me abisma,
que releve, e não se ofenda,
que um Frade Sagrado venda
o sagrado óleo da crisma:
por dinheiro a gente crisma,
não por cera, havendo queixa,
que nem a da orelha deixa,
onde crismando a mão pôs:
porém fique aqui entre nós.

9 Que em toda a Franciscania
não achasse um mau Ladrão,
quem lhe ouvisse a confissão,
mais que um padre da panhia!
nisto, amigo, há simpatia,
e é, porque lhe veio a pêlo,
que um atando vá no orelo,
e outro enfiando no cós:
porém fique aqui entre nós.

10 Que tanta culpa mortal
se absolva! eu perco o tino,
pois absolve um Teatino
pecados de pedra, e cal:
quem em vida monacal
quer dar à Filha um debate
condenando em dote, ou date
vem a dar-lhe o pão, e a noz;
porém fique aqui entre nós.

11 As Freiras com santas sedes
saem condenadas em pedra,

quando o ladronaço medra
roubando pedra, e paredes:
vós, amigo, que isto vedes,
deveis a Deus graças dar
por vos fazer secular,
e não zote de albernoz:
porém fique aqui entre nós.

LOUVA O POETA O SERMÃO, QUE PREGOU CERTO MESTRE NA FESTA,
QUE A JUSTIÇA FAZ AO ESPÍRITO SANTO NO CONVENTO DO CARMO
NO ANO 1686.

Alto sermão, egrégio, e soberano
Em forma tão civil, tão erudita,
Que sendo o pregador um carmelita,
Julguei eu, que pregava um Ulpiano.

Não desfez Alexandre o nó Gordiano,
Co' a espada o rompeu (traça esquisita)
Vós na forma legal, e requisita
Soltais o nó do magistrado arcano.

Ó Príncipes, Pontífices, Monarcas,
Se o Mestre excede a Bártolos, e Abades
Vesti-lhe a toga, despojai-lhe alparcas.

Rompam-se logo as leis das Majestades,
Ouçam Ministros sempre os Patriarcas,
Pois mais podem, que leis, autoridades.

CELEBRA O POETA (ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO) A BURLA,
QUE FIZERAM OS RELIGIOSOS COM UMA PATENTE FALSA DE PRIOR A FREI
MIGUEL NOVELLOS, APELIDADO O LATINO POR DIVERTIMENTO EM UM DIA
DE MUI TA CHUVA.

1 Victor, meu Padre Latino,
que só vós sabeis latim,
que agora se soube enfim,
para um breve tão divino:
era num dia mofino
de chuva, que as canas rega,
eis a patente aqui chega,
e eu por milagre o suspeito
na Igreja Latina feito,
para se pregar na grega.

2 Os sinos se repicaram
de seu moto natural,
porque o Padre Provincial,

e outros Padres lhe ordenaram:
os mais Frades se abalaram
a lhe dar obediência,
e eu em tanta complacência,
por não faltar ao primor,
dizia a um Victor Prior,
Victor, vossa Reverência.

3 Estava aqui retraído
o Doutor Gregório, e vendo
um breve tão reverendo
ficou co queixo caído:
mas tornando em seu sentido
de galhofa perenal,
que não vi patente igual,
disse: e é cousa patente,
que se a patente não mente,
é obra de pedra, e cal.

4 Victor, Victor se dizia,
e em prazer tão repentino,
sendo os vivas ao latino
soavam a ingresia:
era tanta a fradaria,
que nesta casa Carmela
não cabia refestela,
mas recolheram-se enfim
cada qual ao seu celim,
e eu fiquei na minha cela.

AO VIGÁRIO DA VILA DE S. FRANCISCO POR UMA PENDÊNCIA,
QUE TEVE COM UM OURIVES A RESPEITO DE UMA MULATA, QUE
SE DIZIA CORRER POR SUA CONTA.

1 Naquele
grande motim,
onde acudiu
tanta gente,
a título de
v a l e n t e
também veio
v a l e n t i m :
puxou pelo seu
f a i m ,
e tirando-lhe a
b a r r i g a ,
você se quer,
que lho diga,
disse ao
Ourives da prata,
na obra desta
M u l a t a
mete muita

Briga, briga.

falsa liga:

2 É homem tão desalmado,
que por lhe a prata faltar,
a estar sempre a trabalhar
bate no vaso sagrado:
não vê que está excomungado,
porque com tanta fadiga
a peça da igreja obriga
numa casa excomungada
com censura reservada,
pela qual Deus o castiga:

Briga, briga.

3 Porque com modos violentos
a um vigário tão capaz
sobre quatro, que já traz,
cornos, lhe põe quatrocentos!
deixe-se desses intentos,
e reponha a rapariga,
pois a repô-la se obriga,
quando afirma, que a possui,
e se a razão não conclui,
vai esta ponta à barriga:

Briga, briga.

4 Senhor Ourives, você
não é ourives da prata?
pois que quer dessa Mulata,
que cobre, ou tambaca é?
Restitua a Moça, que
é peça da Igreja antiga:
restitua a rapariga,
que se vingará o Vigário
talvez no confessionário,
e talvez na desobriga:

Briga, briga.

5 A Mulata já lhe pesa
de trocar odre por odre,
pois o leigo é membro podre,
e o Padre membro da igreja:
sempre esta telha goteja,
sempre dá grão esta espiga,
e a bola da rapariga
quer desfazer esta troca,
e deixando a sua toca
quer fazer co Padre liga

Briga, briga.

6 Largai a Mulata, e seja

logo logo a bom partido,
que como tem delinqüido
se quer acolher à igreja:
porque todo o mundo veja,
que quando a carne inimiga
tenta a uma rapariga,
quer no cabo, quer no rabo
a Igreja vence ao diabo
com outra qualquer cantiga.

Briga, briga.

A OUTRO VIGÁRIO DE CERTA FREGUESIA, CONTRA QUEM SE
AMOTINAVAM OS FREGUESES POR SER MUITO AMBICIOSO.

Reverendo vigário,
Que é título de zotes ordinário,
Como sendo tão bobo,
E tendo tão larguíssimas orelhas,
Fogem vossas ovelhas
De vós, como se fôsseis voraz Lobo.

O certo é, que sois Pastor danado,
E temo, que se a golpe vem de fouce,
Vos há de cada ovelha dar um couce:
Sirva de exemplo a vosso desalinho,
O que ovelhas têm feito ao Padre Anjinho,
Que por sua tontice, e sua asnia
o tem já embolsado na euxovia;
Porém a vós, que sois fidalgo asneiro,
Temo, que hão de fazer-vos camareiro.

Quisestes tosquear o vosso gado,
E saístes do intento tosqueado;
Não vos cai em capelo,
O que o provérbio tantas vezes canta,
Que quem ousadamente se adianta.
Em vez de tosquear fica sem pêlo?
Intentastes sangrar toda a comarca,
Mas ela vos sangrou na veia d'arca
Pois ficando faminto, e sem sustento,
Heis de buscar a dente qual jumento
Erva para o jantar, e para a ceia,
E se talvez o campo a escasseia,
Mirrado heis de acabar no campo lhano,
Fazendo quarentena todo o ano:
Mas então poderá vossa porfia
Declarar aos Fregueses cada dia.

Sois tão grande velhaco,
Que a pura excomunhão meteis no saco:
Já diz a freguesia,
Que tendes de Saturno a natureza,

Pois os Filhos tratais com tal crueza,
Que os comeis, e roubais, qual uma harpia;
Valha-vos; mas quem digo, que vos valha?
Valha-vos ser um zote, e um canalha:
Mixelo hoje de chispo,
Ontem um passa-aqui do Arcebispo.
Mas oh se Deus a todos nos livrara
De Marão com poder, vilão com vara!
Fábula dos rapazes, e bandarras,
conto do lar, cantiga das guitarras.

Enquanto vos não parte algum corisco,
Que talvez vos despreza como cisco,
E fugindo a vileza desse couro,
Vos vai poupando a cortadora espada,
Azagaia amolada,
A veloz seta, o rápido pelouro:

Dizei a um confessor dos aprovados,
Vossos torpes pecados,
Que se bem o fazeis, como é preciso,
Fareis um dia cousa de juízo:
E uma vez confessado,
Como vos tenha Deus já perdoado,
Todos vos perdoaremos
Os escândalos mil, que de vós temos,
E comendo o suor de vosso rosto
Dareis a Deus prazer, aos homens gosto.

AO VIGÁRIO ANTÔNIO MARQUES DE PERADA ENCOMENDADO NA
IGREJA DA Vª DE S. FRANCISCO AMBICIOSO
E DESCONHECIDO.

- 1 Da tua Perada mica
não te espantes, que me enoje,
porque é força, que a entoje
sendo doce de botica:
o gosto não se me aplica
a uma conserva afamada,
e em botes tão redomada,
que sempre por ter que almoces,
achas para tão maus doces
a tutia preparada.
- 2 Se tua Tia arganaz
te fez essa alcomonia,
com colher não ta faria,
com espátula ta faz:
criaste-te de rapaz
co pingue dessas redomas,
e hoje tal asco lhe tomas,
que tendo uma herança rica
hás raízes da botica,

contudo não tens, que comas.

3 Teu juízo é tão confuso,
que quando a qualquer cristão
lhe entra o uso de razão,
de então lhe perdeste o uso:
sempre foste tão obtuso,
que já desde estudantete
te tinham por um doudete,
porque eras visto por alto,
na fala falso contralto,
na vista fino falsete.

4 Correndo os anos cresceste,
e se dizia em sussurro,
que era o teu crescer de burro,
pois cresceste, e aborreceste:
logo em tudo te meteste,
querendo ser eminente
nas artes, que estuda a gente,
mas deixou-te a tua asnia
Abel na filosofia,
na poesia inocente.

5 Deram-te as primeiras linhas
versos de tão baixa esfera,
que o seu menor erro era
serem feitos às Negrinhas:
com estas mesmas pretinhas,
por mais que te desbatizes,
gastaste os bens infelizes
do Marquês fino herbolário,
porque todo o Boticário
é mui rico de raízes.

6 Sendo um zote tão supino,
és tão confiado alvar,
que andas por i a pregar
geringonças ao divino:
pregas como um capuchino,
porque essa traça madura
um curado te assegura,
crendo Sua Senhoria,
que a botica te daria
as virtudes para a cura.

7 Mas ele se acha enganado,
porque vê evidentemente,
que os botes para um doente
são, mas não para um curado:
entraste tão esfaimado
a comer do sacrifício,

que todo o futuro ofício
cantaste sobre fiado,
pelo tirar de contado
ao dono do benefício.

8 Nenhuma outra cousa é
este andar dos teus alparques,
mais que ser Filho de Marques
vizinho da Santa Sé:
outro da mesma ralé
tão Marques, e tão bribante
te serve agora de Atlante,
porque para conjurar-se,
é fácil de congregar-se
um com outro semelhante.

AO PADRE DÂMASO DA SILVA, PARENTE DO POETA E SEU OPOSTO,
HOMEM DESBOCADO E PRESUNÇOSO COM GRANDES IMPULSOS DE
SER VIGÁRIO, SENDO POR ALGUM TEMPO EM NOSSA
SENHORA DO LORETO.

Dâmaso, aquele madraço,
que em pés, mãos, e mais miúdos
pode bem dar seis, e ás
ao major Frisão de Hamburgo:
Cuja boca é mentideiro,
onde acode todo o vulgo
a escutar sobre la tarde
las mentiras como punho:
Mentideiro freqüentado
de quantos senhores burros
perdem o nome de limpos
pela amizade de um sujo.
Cuja língua é relação
aonde acham os mais puros
para acusar um fiscal
para cortar um verdugo.
Zote muito parecido
aos vícios todos do mundo,
pois nunca os alheios corta,
sem dar no seu próprio escudo:
Santo Antônio de baeta,
que em toda a parte do mundo
os casos, que sucederam,
viu, e foi presente a tudo:
O Padre papa jantares,
hóspede tão importuno,
que para todo o banquete
traz sempre de trote o bucho:
Professo da providência,
que sem lograr bazaruco,
para passar todo um ano
nem dous vinténs faz de custo:
Que os amigos o sustentam,

e lhe dão como de juro
o jantar, quando lhes cabe
a cada qual por seu turno.
Essa vez, que tem dinheiro,
que é de sete em sete lustros:
três vinténs com um tostão,
ou dous tostões quando muito:
Com um vintém de bananas,
e de farinha dous punhos,
para passar dia, e meio
tem certo o pão, e conduto:
Lisonjeiro sem recato
adulador sem rebuço,
que por papar-lhe um jantar
de um sacristão faz um Núncio:
De um Tambor um General,
um Branco de um Mamaluco,
de uma senzala um palácio,
e um galeão de um pantufo.
Em passando a ocasião,
tendo já repleto o bucho,
desanda co'a taramela,
e a todos despe de tudo:
Outro sátiro de Esopo,
que co mesmo bafo astuto
esfriava o caldo quente,
e aqueitava o frio punho:
O Zote, que tudo sabe
o grande Jurisconsulto
dos Litígios fedorentos
desta cidade monturo:
O Bártolo de improviso,
o subitâneo Licurgo,
que anoitece um sabe-nada,
e amanhece um sabe-tudo:
O Letrado grátis dato,
e o que com saber infuso
quer ser Legista sem mestre,
canonista sem estudo:
Agraduado de douto
na academia dos burros,
que é braba universidade
para doutorar brandúzios:
Magno sem repugnância,
desaforado sem susto,
entremetido sem riso,
e sem desar abelhudo:
Filho da puta com dita,
alcoviteiro sem lucro,
cunhado do Mestre-Escola,
parente que preza muito.
Fraquíssimo pelas mãos,
e valentão pelo vulto,
no corpo um grande de Espanha,
no sangue escória do mundo.
Este tal, de quem falamos,
como tem grandes impulsos

de ser batiza-crianças,
para ser soca-defuntos:
A Majestade d'El-Rei
tem já com mil esconjuros
ordenado, que o não colem
nem numa igreja de juncos.
Ele por matar desejos
foi-se ao adro devoluto
da Senhora do Loreto,
onde está Pároco intruso:
Ouvir é um grande prazer,
e vê-lo é um gosto sumo,
quando diz “os meus fregueses”
sem temor de um *abrenuntio*.
Item é um grande prazer
nas manhãs, em que madrugo
vê-lo repicar o sino,
para congregar o vulgo.
E como ninguém acode,
se fica o triste mazulo
em solitária estação
dizendo missa aos defuntos:
Quando o Frisão considero,
o menos que dele cuido,
é ser Pároco boneco
feito de trapos imundos.

RETRATO DO MESMO CLÉRIGO.

- 1 Pois me enfada o teu feitio,
quero, Frisão, neste dia
retratar-te em quatro versos
as maravi, maravi, maravilhas.
 Ouçam, olhem,
 venham, venham, verão
 o Frisão, da Bahia,
 que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

- 2 A cara é um fardo de arroz,
que por larga, e por comprida
é ração de um Elefante
 vindo da Índia.
 Ouçam, olhem,
 venham, venham, verão
 o Frisão da Bahia,
 que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

- 3 A boca desempenada
é a ponte de Coimbra,
onde não entram, nem saem,
 mais que mentiras.

Ouçam, olhem,
venham, venham, verão
o Frisão da Bahia
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

4 Não é a língua de vaca
por maldizente, e maldita,
mas pelo muito, que corta
de Tiriricas.
Ouçam, olhem,
venham, venham, verão
o Frisão da Bahia,
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

5 No corpanzil torreão
a natureza prevista
formou a fresta da boca
para guarita.
Ouçam, olhem,
venham, venham, verão
o Frisão da Bahia,
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

6 Quisera as mãos comparar-lhe
às do Gigante Golias,
se as do Gigante não foram
tão pequeninas.
Ouçam, olhem,
venham, venham, verão
o Frisão da Bahia,
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

7 Os ossos de cada pé
encher podem de relíquias
para toda a cristandade
as sacristias.
Ouçam, olhem,
venham, venham, verão
o Frisão da Bahia,
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

8 É grande conimbricense,
sem jamais pôr pé em Coimbra,
e sendo ignorante sabe
mais que galinha.
Ouçam, olhem,
venham, venham, verão

o Frisão da Bahia,
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

9 Como na lei de Mafoma
não se argumenta, e se briga
ele, que não argumenta,
tudo porfia.
Ouçam, olhem,
venham, venham, verão
o Frisão da Bahia,
que está retratado
às maravi, maravi, maravilhas.

AO MESMO CLÉRIGO APELIDANDO DE ASNO AO POETA

Padre Frisão, se vossa Reverência
Tem licença do seu vocabulário
Para me pôr um nome incerto, e vário,
Pode fazê-lo em sua consciência:

Mas se não tem licença, em penitência
De ser tão atrevido, e temerário
Lhe quero dar com todo o Calendário,
Mais que a testa lhe rompa, e a paciência.

Magano, infame, vil alcoviteiro,
Das fodas corretor por dous tostões,
E enfim dos arreitaços alveitar:

Tudo isto é notório ao mundo inteiro,
Se não seres tu obra dos culhões
De Duarte Garcia de Bivar.

AO MESMO COM PRESUNÇÕES DE SÁBIO E ENGENHOSO.

Este Padre Frisão, este sandeu
Tudo o demo lhe deu, e lhe outorgou,
Não sabe musa *musae*, que estudou,
Mas sabe as ciências, que nunca aprendeu.

Entre catervas de asnos se meteu,
E entre corjas de bestas se aclamou,
Naquela Salamanca o doutorou,
E nesta salacega floresceu.

Que é um grande alquimista, isso não nego,
Que alquimistas do esterco tiram ouro,
Se cremos seus apógrafos conselhos.

E o Frisão as Irmãs pondo ao pespego,
Era força tirar grande tesouro,
Pois soube em ouro converter pentelhos.

A OUTRO CLÉRIGO, AMIGO DO FRIZÃO, QUE SE DIZIA ESTAR
AMANCEBADO DE PORTAS ADENTRO COM DUAS MULHERES
COM UMA NEGRA E OUTRA MULATA.

1 A vós, Padre Baltasar,
vão os meus versos direitos,
porque são vossos defeitos
maís que as areias do mar:
e bem que estais num lugar
tão remoto, e tão profundo
com concubinato imundo,
como sois Padre Miranda,
o vosso pobre tresanda
pelas conteiras do mundo.

2 Cá temos averiguado,
que os vossos concubinatos
são como um par de sapatos
um negro, outro apolvilhado:
de uma, e outra cor calçado
saís pela porta fora,
hora negra, e parda hora,
que um zote camaleão
toda a cor toma, senão
que a da vergonha o não cora.

3 Vossa luxúria indiscreta
é tão pesada, e violenta,
que em dous putões se sustenta
uma Mulata, e uma Preta:
c'uma puta se aquieta
o membro mais desonesto,
porém o vosso indigesto,
há mister na ocasião
a negra para trovão,
e a parda para cabresto.

4 Sem uma, e outra cadela
não se embarca o Polifemo,
porque a negra o leva a remo,
e a mulata o leva a vela:
ele vai por sentinela,
porque elas não dêem a bomba;

porém como qualquer zomba
do Padre, que maravilha,
que elas disponham da quilha,
e ele ao feder faça tromba.

5 Elas sem mágoa, nem dor
lhe põem os cornos em pinha,
porque a puta, e a galinha,
têm o ofício de pôr:
ovos a franga pior,
cornos a puta mais casta,
e quando a negra se agasta,
e c'o Padre se disputa,
lhe diz, que antes quer ser puta,
que fazer com ele casta.

6 A negrinha se pespega
c'um amigão de corona,
que sempre o Frisão se entona,
que ao maior amigo apega:
a mulatinha se esfrega
c'um mestiço requeimado
destes do pernil tostado,
que a cunha do mesmo pau
em obras de bacalhau
fecha como cadeado.

7 Com toda esta cornualha
diz ele cego do amor,
que as negras tudo é primor,
e as brancas tudo canalha:
isto faz a erva, e palha,
de que o burro se sustenta,
que um destes não se contenta
salvo se lhe dão por capa
para a rua numa gualdrapa,
para a cama uma jumenta.

8 Há bulhas muito renhidas
em havendo algum ciúme,
porque ele sempre presume
de as ver sempre presumidas:
mas elas de mu queridas
vendo, que o Padre de borra
em fogo de amor se torra,
andam por negar-lhe a graça
elas com ele de massa,
se ele com elas à porra.

9 Veio uma noite de fora,
e achando em seu vitupério
a mulata em adultério

tocou alarma por fora:
e por que pegou com mora
no raio do chumbo ardente,
foi-se o cão seguramente:
que como estava o coitado
tão leve, e descarregado
se pôde ir livremente.

- 10 Porque é grande demandão
o senhor zote Miranda,
que tudo, o que vê demanda,
seja de quem for o chão:
por isso o Padre cabrão
de contino está a jurar
que os cães lhe hão de pagar,
e que as fodas, que tem dado,
lhas hão de dar de contado,
e ele as há de recadar.

AO PADRE MANUEL ÁLVARES, CAPELÃO DA MARAPÉ, REMOQUEANDO
AO POETA UMA PEDRADA QUE LHE DERAM DE NOITE
ESTANDO SE PROVENDO: E PERGUNTANDO-LHE PORQUE SE NÃO
SATIRIZAVA DELA! ESCANDALIZADO E PICADO, PORQUE O POETA
HAVIA SATIRIZADO OS CLÉRIGOS, QUE VINHAM DE PORTUGAL.

- 1 Não me espanto, que você,
meu Padre, e meu camarada,
me desse a sua cornada
sendo rês de Marapé:
mas o que lhe lembro, é,
que se acaso a carapuça
da sátira se lhe aguça,
e na testa se ajustou,
a chuçada eu não lhe dou,
você se meta na chuça.

- 2 E se por estes respeitos
diz, que versos não farei
à pedrada, que eu levei
quando fazia os meus feitos:
agora os dará por feitos,
pois eu de boga arrancada
a uma, e outra pedrada
os faço, à que levei já,
e à que agora você dá,
que é inda maior pedrada.

- 3 Era pelo alto serão,
fazia um luar tremendo,
quando eu estava fazendo
ou câmara, ou vereação:
não sei, que notícia então

teve um Moço, um boa-peça,
pôs-se à janela com pressa
tão sem propósito algum,
que quis ter comigo um
quebradeiro de cabeça.

4 Cum torrão na mão se apresta,
e tirando-o com seu momo
me fez o memento homo,
pondo-me a terra na testa:
fez-me uma pequena fresta,
de que arto Sangue corria,
mas eu disse, quem seria
um Médico tão sem lei,
que primeiro me purguei,
do que levasse a sangria.

5 Ergui-me com pressa tanta,
que um amigo me gritou,
inda agora se purgou,
tão depressa se levanta?
Sim, Senhor, de que se espanta?
Se este Médico, este tramposo
é médico tão forçoso,
que faz levantar num dia
depois de curso, e sangria
ao doente mais mimoso.

6 Este caso, e desventura
foi na verdade, contado,
e sendo eu por mim curado,
o Moço me deu a cura:
com uma, e outra brabura
jurei, e prometi, que
lhe daria um pontapé:
mas o Moço acautelado
me deixou calamocado
para servir a você.

ENTRA AGORA O POETA A SATIRIZAR O DITO PADRE.

1 Reverendo Padre Alvar,
basta, que por vossos modos
saís a campo por todos
os Mariolas de altar?
mal podia em vos falar,
quem notícia, nem suspeita
tem d'asno de tão má seita:
mas como vos veio ao justo
a sátira, estais com susto,
de que por vós fora feita.

2 Convosco a minha camena
não fala, se vos não poupa,
porque sois mui fraca roupa
para alvo da minha pena:
se alguém se queima, e condena,
por que vê, que os meus apodos
vão frisando por seus modos,
ninguém os tome por si,
um pelo outro isso si,
que assim frisarão com todos.

3 Vós com malícia veloz
aplicai-o a um coitado,
que este tal terá cuidado
de vo-lo aplicar a vós:
desta aplicação atroz
de um por outro, e outro por um,
como não livrar nenhum,
ninguém do Poeta então
se virá a queixar, senão
do poema que é comum.

4 Bonetes na minha mão,
como os lanço ao ar direitos,
caíndo em vários sujeitos
nuns servem, e noutros não:
não consiste o seu senão,
nem menos está o seu mal
na obra, ou no oficial,
está na torpe cabeça,
que se ajusta, e endereça
pelos moldes de obra tal.

5 E pois, Padre, vos importa
nos meus moldes não entrar,
deveis logo endireitar
a cabeça, que anda torta:
mas sendo uma praça morta,
e um zotíssimo ignorante
vir-vos-á a Musa picante
a vós, Padre mentecapto,
de molde como sapato,
e ajustada como um guante.

6 Outra vez vos não metais
sentir alheios trabalhos,
que dirão, que comeis alhos
galegos, pois vos queimais:
e porque melhor saibais,
que os zotes, de que haveis dor,
são de abatido valor,
vede nos vossos sentidos,

quais serão os defendidos,
sendo vós o defensor.

AO PADRE MANUEL DOMINGUES LOUREIRO QUE RECUSANDO
IR POR CAPELÃO PARA ANGOLA POR ORDEM DE SUA ILUSTRÍSSIMA,
FOI AO DEPOIS PRESO E MALTRATADO PORQUE RESISTIU
ÀS ORDENS DO MESMO PRELADO.

- 1 Para esta Angola enviado
vem por força do destino,
um marinheiro ao divino,
ou mariola sagrado:
com ser no monte gerado
o espírito lhe notei,
que com ser besta de lei,
tanto o ser vilão esconde,
que vem da vila do conde
morar na casa d'EI-Rei.

- 2 Por não querer embarcar
com ousadia sobeja
atado das mãos da Igreja
veio ao braço secular:
a empuxões, e a gritar
deu baque o Padre Loureiro:
riu-se muito o carcereiro,
mas eu muito mais me ri,
pois nunca Loureiro vi
enxertado em Limoeiro.

- 3 No argumento, com que vem
da navegação moral,
diz bem, e argumenta mal,
diz mal, e argumenta bem:
porém não cuide ninguém,
que com tanta matinada
deixou de fazer jornada,
porque a sua teima astuta
o pôs de coberta enxuta,
mas mal acondicionada.

- 4 O Mestre, ou o capitão
(diz o Padre Fr. Orelo),
que há de levar um capelo,
se não levar capelão:
vinha branco, e negro pão
diz, que no mar fez a guerra,
pois logo sem razão berra,
quando na passada mágoa
trouxe vinho como água,
e farinha como terra.

5 Com gritos a casa atroa,
e quando o caso distinga,
quer vomitar na moxinga,
antes que cagar na proa:
querer levá-lo a Lisboa
com brandura, e com carinho,
mas o Padre é bebedinho,
e ancorado a porfiar
diz, que não quer navegar
salvo por um mar de vinho.

6 Aquentou muito a História
sobre outras ações velhacas
ter-lhe aborcado as patacas
o magano do Chicória:
mas sendo a graça notória,
diz o Padre na estacada,
que ficarão a pancada,
quando um, e outro desfeche
se o Loureiro de escabeche,
o Chicória de selada.

AO VIGÁRIO DA MADRE DE DEUS MANUEL RODRIGUES SE
QUEIXA O POETA DE TRÊS CLÉRIGOS QUE LHE FORAM À CASA
PELA FESTA DO NATAL, ONDE TAMBÉM ELE ESTAVA E COM
GALANTARIA O PERSUADE A QUE SACUDA OS HÓSPEDES FORA
DE CASA PELO GASTO, QUE FAZIAM.

1 Padre, a casa está abrasada,
porque é mais danosa empresa
pôr três bocas numa mesa,
que trezentas numa espada:
esta trindade sagrada,
com que toda a casa abafa
a tomara ver já safa,
porque à casa não convém
trindade, que em si contém
três Pessoas, e uma estafa.

2 Vós não podeis sem dar pena
pôr à mesa três Pessoas,
nem sustentar três coroas
em cabeça tão pequena:
se a fortuna vos condena,
que vejais a casa rasa
com gente, que tudo abrasa,
não soffro, que desta vez
vos venham coroas três
fazer princípio de casa.

3 Se estamos na Epifania,
e os três coroas são Magos,

hão de fazer mil estragos
no caju, na valancia:
mágica é feitiçaria,
e a terra é tão pouco esperta,
e a gentinha tão incerta,
que os três a vosso pesar
não vos hão de oferta dar,
e hão de mamar-vos a oferta.

4 O incenso, o ouro, a mirra
que eles vos hão de deixar,
é, que vos hão de mirrar,
se vos não defende um irra:
o Crasto por pouco espirra,
porque é dado a valentão,
e se lhe formos à mão
no comer, e no engolir,
aqui nos há de frigir
como postas de cação.

AOS MESMOS PADRES HÓSPEDES ENTRE OS QUAIS VINHA O
P^o PERICO, QUE ERA PEQUENINO.

Vieram Sacerdotes dous e meio
Para a casa do grande sacerdote,
Dous e meio couberam em um bote,
Notável carga foi para o granjeiro.

O barco, e o Arrais, que ia no meio,
Tanto que em terra pôs um, e outro zote,
Se foi buscar a vida a todo o trote,
Deixando a carga, o susto, e o recreio.

Assustei-me em ver tanta clerezia,
Que como o trago enfermo de remela,
Cuidei, vinham rezar-me a agonia.

Porém ao pôr da mesa, e postos nela,
Entendi, que vieram da Bahia
Não mais que por papar a cabidela.

AO MESMO VIGÁRIO GALANTEIA O POETA FAZENDO CHISTES
DE UM MIMO, QUE LHE MANDARA BRITES UMA GRACIOSA
COMADRE SUA, ENTRE O QUAL VINHA PARA
O POETA UM CAJU.

1 Ao Padre Vigário a flor,
ao pobre Doutor o fruto,
há nisto, que dizer, muito,
e dirá muito o Doutor:

tenho por grande favor,
que a título de compadre
deis, Brites, a flor ao Padre:
mas dando-me o fruto a mim,
o que se me deu assim,
é força, que mais me quadre.

2 Quadra-me, que o fruto influa,
que uma flor, que eu não queria,
se dê, a quem principia
e o fruto, a quem continua:
se o fruto faz, que se argua,
que eu sou o dono da planta,
a flor seja tanto, ou quanta,
sempre o dono a quer perdida,
porque pelo chão caída
faz, que o fruto se adianta.

3 Quem é do fruto Senhor
sabe as Leis d'agricultura,
que todo o fruto assegura,
e despreza toda a flor:
e inda que chamam favor
dar a sua flor a Dama
àquele, por quem se inflama,
eu entendo de outro modo,
e ao fruto mais me acomodo,
que honra, e proveito se chama.

4 Porque na testa vos entre
o mistério, que isto encerra,
quem me dá o fruto da terra,
me pode dar do seu ventre:
e porque se reconcentre
este vaticínio imundo
no vosso peito fecundo,
digo qual bem augureiro,
que quem me deu o primeiro,
me pode dar o segundo.

5 O Padre andou muito tolo
em vos estimar a flor,
porque era folha o favor,
e o meu todo era miolo:
com meu favor me consolo
de sorte, e tão por inteiro,
que afirmou por derradeiro,
que um favor, e outro suposto,
eu levo de vós o gosto,
e o Padre vigário o cheiro.

6 Eu do Vigário zombei,

porque vejo, que levou
uma flor, que se murchou,
e eu o fruto vos papei:
este exemplo lhe gravei,
y este desengaño doy
dela dicha, em que me estoy
cantando a su flor ansi,
que ayer maravilla fui,
y oy sombra mia aun no soy.

AO CÉLEBRE FR. JOANICO COMPREENDIDO EM LISBOA EM
CRIMES DE SODOMITA.

Furão das tripas, sanguessuga humana,
cuja condição grave, meiga, e pia,
sendo cristel dos Santos algum dia,
hoje urinol dos presos vive ufana.

Fero algoz já descortês profana
Sua imagem do nicho da enxovia,
Que esse amargoso traje em profecia
Com a lombriga racional se dana.

Ah, Joanico fatal, em que horóscopos,
Ou porque à costa, ou porque à vante deste,
Da camandola Irmão quebraste os copos.

Enfim Papagaio humano te perdeste,
Ou porque enfim darias nos cachopos,
Ou porque *em culis mundi* te meteste.

A FR. PASCOAL QUE SENDO ABADE DE N. S. DAS BROTAS
HOSPEDOU ALI COM GRANDEZA A D. ANGELA
E SEUS PAIS, QUE FORAM DE ROMARIA ÀQUELE SANTUÁRIO.

Prelado de tan alta perfeccion,
Que supo em un aplauso, en un festin
Congregar en su casa um serafin
Cercado de tan alta relacion:

Ya mas tenga en su cargo dissension,
Ni en sus Fraylecitos vea motin:
Ninguno Hijuelo suyo sea ruin,
Y los crie en su santa bendicion.

Llena estè la cosina de sarten,
Y siempre el refectorio abunde en pan,
Que bien merece Frayle tan de bien.

A quien el sacro bago se le dan
Regir la casa santa de Belen,
Y que ya sela quite al soliman.

A FR. TOMÁS D' APRESENTAÇÃO PREGANDO EM TERMOS
LACÔNICOS A PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA.

Padre Tomás, se Vossa Reverência
Nos pregar as Paixões desta arte mesma,
Viremos a entender, que na Quaresma
Não há mais pregador do que vossência.

Pregar com tão lacônica eloquência
Em um só quarto, o que escrevo em resma,
À fé, que o não fazia Frei Ledesma,
Que pregava uma resma de abstinência.

Quando pregar o vi, vi um São Francisco,
Senão mais eficaz, menos chagado,
E de o ter por um Anjo estive em risco.

Mas como no pregar é tão azado,
Achei, que no evangélico obelisco
É Cristo no burel ressuscitado.

UM AMIGO DESTES RELIGIOSO PEDIU AO POETA SUAS APROVAÇÕES SOBRE
A MESMA PRÉDICA, A PEDITÓRIO DO MESMO PREGADOR NESTE.

MOTE

*Louvar vossas orações
é próprio do Pregador,
e a mim me dá mais temor
o Pregador, que os sermões.*

1 Só o vosso entendimento
vos pode Tomás louvar,
e eu se pudera imitar
qualquer vosso pensamento:
para mostrar seu talento
fez um círculo em borrões
Apeles com dous carvões;
quem vira uma risca vossa?
Riscaí vós, para que eu possa
Louvar vossas orações.

2 A causa é melhor, que o efeito
na boa filosofia,
e assim é vossa energia

menor, que o vosso sujeito:
logo se no humano peito
não há alcançar o primor
nas obras de tal autor,
mal a causa alcançarão,
pois o pregar do sermão
É próprio do Pregador.

3 Se louvo vossa alta idéia,
sou culpado em me atrever,
e sou culpado em meter,
a fouce em seara alheia:
nesta empresa, em que receia
entrar o engenho maior,
entra o néscio sem pavor,
porque a louca valentia
dá ao néscio a ousadia,
E a mim me dá mais temor.

4 Ou cobarde, ou atrevido,
ou ousado, ou não ousado
hei de dizer empenhado,
o que calava entendido:
um amigo a vós rendido
pede a vossas orações
as minhas aprovações,
e eu calando lhe obedeço,
porque fique em maior preço
O Pregador, que os sermões.

O MESMO AMIGO PEDIU AO POETA EM OUTRA OCASIÃO LHE
GLOSASSE ESTE MOTE, CUJA MATÉRIA FOI HAVER TRIUNFADO
O DITO FR. TOMÁS DE CERTA OPOSIÇÃO CAPITULAR.

MOTE

*Nuvens, que em oposição
o sol querem desluzir,
seus raios sabem sentir
por ser seu cuidado em vão.*

1 No Céu pardo de Francisco
pardo à força de nublados
há vapores humilhados,
e soberbos com seu risco:
o soberbo ao sol arisco
se põe, e o humilhado não,
e o sol menos queima então
as nuvens, que chegar vê
em acatamentos, que
Nuvens, que em oposição.

2 As nuvens, que se lhe opõem
com tão néscio atrevimento,
o sol de um raio violento
queima, abrasa, e descompõe:
tudo o mais o sol dispõe
para o manter, e cobrir
criar, e reproduzir,
e com razão não tem fé
co'as nuvens ingratas, que
O sol querem desluzir.

3 O sol por sua altiveza,
e nativo luzimento
não recebe abatimento
e abatê-lo é louca empresa:
quando se atreve a vileza
do vapor, que o vai seguir
na nuvem, que o quer cobrir,
se a subir não tem desmaios,
ao resistir dos seus raios
Seus raios sabem sentir.

4 Sentem com tanto pesar,
que têm por melhor partido
não haver ao sol subido
que subir para baixar:
era força escarmentar
na queda de Faetão,
e na Icária perdição,
que estes outros se arruinaram,
quando ao sol subir cuidaram,
Por ser seu cuidado em vão.

AO SOBREDITO RELIGIOSO DESDENHANDO CRITICO DE HAVER
GONÇALO RAVASCO E ALBUQUERQUE NA PRESENÇA
DE SUA FREIRA VOMITADO UMAS NÁUSEAS, QUE
LOGO COBRIU COM O CHAPÉU.

1 Quem vos mete, Fr. Tomás,
em julgar as mãos de amor,
falando de um amator
que pode dar-vos seis e ás?
Sendo vós disso incapaz,
quem vos mete, Fr. Franquia,
julgar, se foi policia
o vômito, que arrotastes,
se quando vós o julgastes,
vomitastes uma asnia:

2 Sabeis, por que vomitou
aquele amante em jejum?
lembrou-lhe o vosso budum,
e a lembrança o enjoou;

e porque considerou,
que o tal budum vomitado
era um fedor refinado,
por não ver poluto um céu,
o cobriu com seu chapéu,
e em cobri-lo o fez honrado.

3 Vós sois um pantufo em zancos,
mais oco do que um tonel,
e se estudais no burel,
entendereis de tamancos:
que as ações dos homens brancos,
tão brancos como Fuão,
não as julga um maganão
criado em um oratório,
julgador de refectório,
que dá o nosso Guardião.

4 O que sabeis, Frei Garrafa,
é a traça, e a maneira,
com que estafais uma Freira,
dizendo, que vos estafa:
vós saís com a manga gafa
do palangana, e tigela
d'ovos moles com canela,
e tão mal correspondeis,
que esse tempo, que a comeis,
são as têmeoras para ela.

5 Item sabeis trasladar
falto de próprios conselhos
de trezentos sermões velhos
um sermão para pregar:
e como entre o pontear,
e cirgir obras alheias
se enxergam vossas idéias,
mostrais pregando de falso,
que sendo um Frade descalço,
andais pregando de meias.

6 E pois vossa Reverência
quis ser julgador de nora,
tenha paciência, que agora
se lhe tira a residência:
e inda que a minha clemência
se há com dissimulação,
livre-se na relação
dos cargos, em que é culpado
ser glutão como um capado,
como um bode fodinchão.

FINGINDO- SE AGRADECIDA À SEUS REPETIDOS GALANTEIOS, LHE MANDOU
EM SIMULAÇÕES DE DOCE UMA PANELA DE MERDA.

1 Reverendo Frei Antônio
se vos der venérea fome,
praza a Deus, que Deus vos tome,
como vos toma o demônio:
uma purga de antimônio
devia a moça tomar,
quando houve de vos mandar
um mimo, em que dá a entender,
que já vos ama, e vos quer
tanto, como o seu cagar.

2 Fostes-vos mui de lampeiro
vós, e os amigos de cela
ao miolo da panela,
e achastes um camareiro:
metestes a mão primeiro,
de que vos desenganásseis,
e foi bem feito, que achásseis,
cagalhões, que então sentistes,
porque aquilo, que não vistes,
quis o demo, que cheirásseis.

3 A hora foi temerária,
o caso tremendo, e atroz,
e essa merda para vós
se não serve, é necessária:
se a peça é mui ordinária,
eu de vós não tenho dó:
e se não dizei-me: é pó
mandar-vos a ponto cru
a Moça prendas do cu,
que tão vizinho é do có?

4 Se vos mandara primeiro
o mijo num panelão,
não ficáreis vós então
mui longe do mijadeiro:
mas a um Frade malhadeiro
sem correia, nem lacerda,
que não sente a sua perda,
seu descrédito, ou desar,
que havia a Moça mandar,
senão merda com mais merda?

5 Dos cagalhões afamados
diz esta plebe inimiga,
que eram de ouro de má liga
não dobrões, porém dobrados:
aos Fradinhos esfamiados,

que abrindo a panela estão,
daí por cabeça um dobrão,
e o mais mandai-o fechar;
que por isso, e por guardar,
manhã sereis guardião.

6 Se os cagalhões são tão duros,
tão gordos, tão bem dispostos,
é, porque hoje foram postos,
e ainda estão mal maduros:
repartam-se nos monturos,
que na enxurrada dos tais
é de crer, que abrandem mais,
porque a Moça cristãmente
não quer, que quebreis um dente,
mas deseja, que os comais.

O CERTO FRADE QUE GALANTEANDO U' AS SENHORAS NO CONVENTO
DE ODIVELAS, LHES ENTREGOU HÁBITO E MENORES PARA UM FINGIDO
ENTREMEZ E CONHECENDO O CHASCO, EM ALTA NOITE DEU EM CANTAR
O MISERERE, BORRANDO E URINANDO TODO O PARLATÓRIO, PELO QUE
A ABADESSA LHE DEU OS SEUS HÁBITOS E U' A LANTERNA PARA SE RETIRAR
À LISBOA.

1 Reverendo Frei Carqueja,
quentárida com cordão,
magano da religião,
e mariola da Igreja:
Frei Sarna, ou Frei Bertoeja,
Frei Pirtigo, que o centeio
moes, e não dás receio,
Frei Burro de Lançamento,
pois que sendo um Frei Jumento,
és um jumento sem freio.

2 Tu, que nas pardas cavernas
vives de um grosso saial,
és carvoeiro infernal,
pois andas com saco em pernas:
lembram-te aquelas fraternas,
que levaste a teu pesar,
quando a Prelada Bivar
por culpa, que te cavou,
de dia te desfradou
para à noite te expulsar.

3 Pela dentada, que Adão
deu no vedado fruteiro,
de folhas fez um cueiro,
e cobriu seu cordavão:
a tí o querer ser glutão
de outra maçã reservada,
ao vento te pôs a ossada,
mas com diferença muita,

que se nu te pôs a fruta,
tu não lhe deste a dentada.

4 De José se diz cad'hora,
que o fez um seno de chapa
deixar pela honra a capa
nas mãos da amante senhora:
tu na mão, que te namora,
por honra, e por pundonor
deixas hábito, e menor,
mas com desigual partido,
que José de acometido,
e tu de acometedor.

5 Desfradado em conclusão
te vistes em couro puro,
como vinho bem maduro,
sendo, que és um cascarrão:
era pelo alto serão,
quando a gente às adivinhas
viu entre queixas mesquinhas
na varanda um Frade andeiro
saído do Limoeiro
a berrar pelas casinhas.

6 Como Galeno na praça
apareceste ao luar
pobre, roubado do mar,
que era ver-te um mar de graça:
quando um pasma, e outro embaça;
não me tenham por visão,
frade sou inda em cueiros,
tornei-me aos anos primeiros,
e Bivar foi meu Jordão.

7 Porque luz se te não manda,
tu por não dar num ferrolho,
dizem, que abriste o teu olho,
que é cancela, que tresanda:
chovias por uma banda,
e por outra trovejavas,
viva tempestade andavas,
porque à comédia assistias,
que era tramóia fingias,
e na verdade o passavas.

8 Ninguém há, que vitupere
aquele lanço estupendo,
quando o teu pecado vendo
tomaste o teu miserere:
mas é bem, que me exaspere
de ver, que todo o sandeu,

que nos tratos se meteu
de Freiras, logo confessa,
que isso lhe deu na cabeça,
e a ti só no cu te deu.

9 Dessa hora temerária
ficou a grade de guisa,
que se até ali foi precisa,
desde então foi necessária:
tu andaste como alimária,
mas isso não te desdoura,
porque fiado na coura
da brutescas fradaria
estercaste estrebaria,
o que gostas manjedoura.

10 Que és frade de habilidade,
dás grandíssima suspeita,
pois deixas câmara feita,
o que foi té agora grade:
tu és um corrente Frade
nos lances de amor, e brio,
pois achou teu desvario
ser melhor, e mais barato,
do que dar o teu retrato,
pôr na grade o teu feitio.

11 Corrido enfim te ausentaste,
mas obrando ao regatão,
pois levaste um lampião
pela cera, que deixaste:
sujamente te vingaste
Frei Azar, ou Frei Piorno,
e estás com grande sojorno,
e posto muito de perna,
sem veres, que essa lanterna
te deram, por dar-te um corno.

12 O com que perco o sentido,
é ver, que em tão sujo tope
levando a Freira o xarope
tu ficaste o escorrido:
na câmara estás provido
e de ruiubarbo com capa,
mas lembro-te Frei Jalapa,
que por cagar no sagrado
o cu tens excomungado,
se não recorres ao Papa.

13 Muito em teus negócios medras
com furor, que te destampa,
pois sendo um louco de trampa,

te tem por louco de pedras:
é muito, que não desmedras,
vendo-te trapo, e farrapo,
antes co'a Freira no papo,
como no sentido a tinhas,
parece, que a vê-la vinhas,
pois vinhas com todo o trapo.

14 Tu és magano de lampa,
Bivar é Freira travessa,
a Freira pregou-te a peça,
mas tu armaste-lhe a trampa:
se o teu cagar nunca escampa,
nunca estie o seu capricho,
e pois ta pregou, Frei Mixo,
chame-se por todo o mapa
ela travessa de chapa,
e tu magano de esguicho.

A CERTO FRADE, QUE QUERENDO EMBARCAR-SE PARA FORA
DA CIDADE, FURTOU UM CABRITO, O QUAL SENDO CONHECIDO
DA MÃE PELO BERRO O FOI BUSCAR DENTRO DO BARCO E
COMO NÃO TEVE EFEITO O DITO ROUBO, TRATOU LOGO DE
FURTAR OUTRO E O LEVOU ASSADO.

1 De fornicário em ladrão
se converteu Frei Foderibus
o lascivo em mulieribus,
o mui alto fodinchão:
foi o caso, que um verão
tratando o Frade maldito
de ir da cidade ao distrito,
querendo a cabra levar,
para mais a assegurar,
embarcou logo o cabrito.

2 Mas a cabra esquiva, e crua
a outro pasto já inclinada
não quis fazer a jornada,
nem que a faça cousa sua:
balou uma, e outra rua
com tal dor, e tal paixão,
que respondendo o mamão
alcançou todo o distrito
nas respostas do cabrito
o codilho do cabrão.

3 Estava ele muito altivo
com seu jogo bem assaz,
porém, por roubar sem ás
perdeu bolo, cabra, e chibo:
porque sem pôr pé no estribo

saltou na barca do Alparca,
e dizendo desembarca
saiu co filho a correr,
porque então não quis meter
com tal cabrão pé em barca.

4 O Frade ficou num berro,
porque temia o maldito
se não levasse o cabrito,
de achar, que lhe pegue um perro:
e por não cair nesse erro
num rebanho em boa fé
outro, a quem o Frei Caziqui,
quando ele dizia mihi,
ele respondia mé.

5 Do mé desaparecido
foi logo o dono avisado,
que o Frade lhe havia achado
antes dele o haver perdido:
e sendo o sítio corrido,
se achou, que a modo de pá
num forno o cabrito está,
que o Frade é destro ladrão
porém nesta ocasião
saiu-lhe a fornada má.

A CERTO FRADE QUE PREGANDO MUITOS DESPROPÓSITOS
NA MADRE DE DEUS FOI APEDREJADO PELOS RAPAZES E SE
FINGIU DESMAIADO POR ESCAPAR MAS DEPOIS FURTANDO
AO POETA UM BORDÃO E AO ARPISTA DA FESTA UM CHAPÉU
SE RETIROU: PORÉM SABENDO-SE DO FURTO LHE FOI AO CAMINHO
TIRAR DAS MÃOS UM MULATO DE DOMINGOS BORGES.

1 Reverendo Padre em Cristo,
Fr. Porraz por caridade,
Padre sem paternidade
salvo a tem pelo Anticristo:
não me direis, que foi isto,
que dizem, quando pregastes,
tão depressa vos pagastes,
que antes que o sermão findara
tanto cascalho embolsastes.

2 Pregastes tanta parvoíce
de tolo, e de beberrão,
que o povo bárbaro então
entendeu, que era louquice:
quis-vos seguir a doudice,
e posto no mesmo andar,
em lugar de persignar
uma pedrada vos prega,

que a testa ainda arrenega
de tal modo de pregar.

3 Aqui-d'EI-Rei me aturdistes,
e como um Paulo pregáveis,
entendi, quando gritáveis,
que do cavalo caísteis:
vós logo me desmentistes,
dizendo, não tenho nada,
fingi aquela gritada,
porque entre tantos maraus
com seixos, limões, e paus
não viesse outra pedrada.

4 Bem creio eu, Peralvilho,
que sois cavalo de Tróia,
e fazeis uma tramóia
co'a morte no garrotilho:
mas se perdendo o codilho,
que ganhais a mão, dizeis,
a vós o engano fazeis,
porque se quem compra, e mente,
se diz, que na bolsa o sente,
vós na testa o sentireis.

5 Vendo-vos escalavrado
o Vigário homem do céu
em casa vos recolheu,
por vos salvar no sagrado:
vós sois tão desaforado,
que não quisestes cear,
não mais que pelo poupar,
sendo que sois tão má preia,
que lhe poupastes a ceia,
por lhe roubar o jantar.

6 Fostes-vos de madrugada,
deixando-lhe aberta a porta,
mas a porta pouco importa,
importa a casa roubada:
fizestes uma troca,
que só a pudera fazer
um beberrão a meu ver,
d'um por outro chapéu podre,
que trocar odre por odre
venha o demo a escolher.

7 Ficou o Mestre solfista
sem chapéu destro, ou sinistro,
e ainda que na arpa é destro,
vós fostes maior arpista:
quem por ladrão vos alista,

saiba, que sois mau ladrão,
que não perdendo ocasião,
lá em cima na vossa estada,
levastes a bordoada,
cá em baixo o meu bordão.

8 Tomastes do rio a borda,
e vendo os amigos Borges,
que leváveis tais alforjes,
trataram de dar-vos corda:
mas vendo, que vos engorda,
mais do que a vaca, o capim,
puseram-vos um selim,
um freio, e um barbicacho,
porque sendo um burro baio
logreis honras de rocim.

9 Vendo-vos ajaezado,
pela ocasião não perder,
botastes logo a correr
atrás das éguas mangado:
apenas tínheis chegado
de Caípe à casaria,
quando um Mulataço harpia
arrogante apareceu,
e vos tirou o chapéu
sem vos fazer cortesia.

10 Tirou-vos o meu cajado,
porque sois ladrão tão mau,
que levastes o meu pau,
que não serve a um barbado:
e vendo-vos despojado
dos furtos deste lugar
vos pusestes a admirar,
de que um Mulato valente
de vos despir se contente,
podendo-vos açoutar.

11 Nunca vós, borracho alvar,
a pregar-nos vos metais,
que se a rapazes pregais,
eles vos lá hão de pregar:
tratai logo de buscar
alguma Dona Bertola,
para pregar pela gola,
como aqui sempre fizestes,
que esse é o pregar, que aprendestes,
do que podeis pôr escola.

12 E guardai-vos, maganão
bêbado, jeribiteiro,

de tornar a este outeiro
fazer vossa pregação:
que o Mestre Pantaleão,
e o Doutor, a quem roubastes,
e os mais, que aqui encontrastes
vos esperam com escarbas.
para arrancar-vos as barbas,
se é que a vinho as não pelastes.

INDO CERTO FRADE À CASA DE UMA MERETRIZ LHE PEDIU
ESTA QUINZE MIL RÉIS DE ANTEMÃO PARA TIRAR
UMAS ARGOLAS, QUE TINHA EMPENHADAS.

Quinze mil-réis de antemão
Cota a pedir-me se atreve,
o diabo a mim me leve,
se ela val mais que um tostão:
que outra fêmea de canhão,
por seis tostões, que lhe dei
toda a noite a pespeguei,
e a quem faz tal peditório

Borrório.

Ora está galante o passo;
Menina, não me direis,
se vos deu quinze mil-réis,
quem vos tirou o cabaço?
fazeis de mim tão madraço,
que vos dê tanto dinheiro
por um triste parrameiro,
que está junto ao cagatório?

Borrório.

Quereis argolas tirar
Co'as moedas, que são minhas?
para tirar argolinhas
só lança vos posso dar;
vós pedis por pedinchar
sem vergonha, nem receio,
como se eu tivera cheio
de dinheiro um escritório:

Borrório.

Saís muito à vossa Mãe
nos costumes de pedir,
e eu em não contribuir
me pareço com meu Pai:
essa petição deixai;
quereis sustentar-vos só
vossa Mãe, e vossa Avó,
e todo o mais avolório?

Borrório.

Vindes a mui ruim mato,
Menina, fazer a lenha,
que outra fêmea mais gamenha
mo fazia mais barato:
buscai outro melhor pato;
quereis depenar, a quem
a penas segura tem
a ração do refeitório?

Borrório

Quereis, que o Prelado astuto
me tome conta da esmola,
e que a bom livrar dê a sola?
que tal faça! fideputo:
eu não sou amba macuto,
nem sou tampouco matreiro,
que vós comais o dinheiro,
e eu fique de gorgotório?

Borrório.

Vós quereis sem mais nem mais,
que no sermão de repente
eu faça chorar a gente,
para que vós vos riáis?
tão ruim alma me julgais,
que para as vossas cobiças
tome capelas de missas,
e que chore o Purgatório?

Borrório.

Ora enfim vós a pedir,
e eu Cota a vo-lo negar,
ou vós havei de cansar,
ou eu me hei de sacudir:
com que venho a inferir
destas vossas petições,
que heis de pedir-me os culhões,
a parvoíce, e zimbório

Borrório.

SATIRIZA OUTRO CASO DE UMA NEGRA QUE FOI ACHADA
COM OUTRO FRADE E FOI BEM MOÍDA COM UM BORDÃO
POR SEU AMÁSIO, POR CUJA CAUSA SE SAGROU
E SE FINGIU MANCA DE UM PÉ.

1 Nunca cuidei do burel,
nem menos do seu cordão,
que fosse tão cascarrão,
tão duro, nem tão cruel:
mas vós como sois novel,
e ignorais o bom, e o mau,

e o que tirastes do escote
foi ver, que era o seu picote
tão duro como um bom pau.

2 Vós fostes bem esfregada
do burel esfregador,
mas depois o pão do amor
vos deixou mais bem pisada:
no bananal enramada
vos atastes ao cordão,
que vos fez a esfregação;
depois quem vos vigiou,
nas costas vos assentou
as costuras cum bordão.

3 Fingistes-vos mui doente,
e atastes no pé um trapo,
sendo a doença o marzapo
do Franciscano insolente:
enganastes toda a gente
fingidamente traidora,
mas eu soube na mesma hora,
que nos tínheis enganado,
e por haver-vos deitado,
fingis deitar-vos agora.

4 Eu sinto em todo o rigor
os vossos sucessos maus,
pois levastes com dois paus
um do Frade, outro do amor:
qual destes paus foi pior
vós nos haveis de dizer,
que eu não deixo de saber,
que sendo negras, ou brancas
é sempre um só pau de trancas
pouco para uma mulher.

5 Não vades ao bananal,
que é cousa escorregadia,
e eis de levar cada dia
lá no có, cá no costal:
sed libera nos a mal
dizei no vosso rosário,
e se o Frade é frandulário,
vá folgar a seu convento,
que vós no vosso aposento
tendes certo o centenário.

6 Muito mal considerastes,
no que o sucesso parou,
que o Frade vos não pagou,
e vós em casa o pagastes:

tal miserere levastes,
que vos digo na verdade,
fora melhor dá-lo ao Frade
porque é maior indecência
dá-lo a vossa negligência,
que à sua Paternidade.

A CERTO FRADE QUE TRATAVA COM UMA DEPRAVADA MULATA
POR NOME VICÊNCIA QUE MORAVA JUNTO AO CONVENTO
E ATUALMENTE A ESTAVA VIGIANDO DESTE CAMPANÁRIO.

1 Reverendo Fr. Sovela,
saiba vossa Reverência,
que a caríssima Vivência
põe cornos de cabidela:
tão vária gente sobre ela
vai, que não entra em disputa,
se a puta é mui dissoluta,
sendo, que em todos os povos
a galinha põe os ovos
e põe os cornos a puta.

2 Se está vossa Reverência
sempre à janela do coro,
como não vê o desaforo
dos Vicências co'a Vicência?
como não vê a concorrência
de tanto membro, e tão vário,
que ali entra de ordinário?
mas se é Frade caracol,
bote esses cornos ao sol
por cima do campanário.

3 Do alto verá você
a puta sem intervalos
tangida de mais badalos,
que tem a torre da Sé:
verá andar a cabra mé
berrando atrás dos cabrões,
os ricos pelos tostões
os pobres por piedade,
os leigos por amizade,
os Frades pelos pismões.

4 Verá na realidade
aquilo, que já se entende
de uma puta, que se rende
às porcarias de um Frade:
mas se não vê de verdade
tanto lascivo exercício,
é, porque cego do vício
não lhe entra no *oculorum*

o secula *seculorum*
de uma puta de *ab initio*.

AO LOUCO DESVANECIMENTO COM QUE ESTE FRADE TIRANDO
ESMOLAS CANTAVA REGAÇANDO O HÁBITO POR MOSTRAR
AS PERNAS, COM PRESUNÇÕES DE GENTILHOMEM,
BOM MEMBRO E BOA VOZ.

Ouve, Magano, a voz, de quem te canta
Em vez de doces passos de garganta
Amargos pardieiros de gasnate:
Ouve, sujo Alparcate,
As aventuras vis de um Dom Quixote
Revestido em remendo de picote.

Remendado dos pés até o focinho
Me persuado, que és Frade Antoninho:
Por Frei Basílio sais de São Francisco,
E entras Frei Basilisco,
Pois que deixas à morte as Putas todas,
Ou já pela má vista, ou pelas fodas.

Tu tens um membralhaz aventureiro,
Com que sais cada trique ao terreiro
A manter cavalhadas, e fodengas,
Com que as putas derrengas;
Valha-te: e quem cuidara, olhos de alpistre,
Que seria o teu membro o teu enristre!

Gabas-te, que se morrem as Mulatas
Por ti, e tens razão, porque as matas
De puro pespegar, e não de amores,
Ou de puros fedores,
Que exalam, porcalhão, as tuas bragas,
Com que matas ao mundo ou as estragas.

Dizem-me, que presumes de três partes,
E as de Pedro serão de malas artes:
Boa voz, boa cara, bom badalo,
Que é parte de cavalo:
Que partes podes ter, vilão agreste,
Se não sabes a parte, onde nasceste?

Vestido de burel um salvajola
Que partes pode ter? de mariola:
Quando o todo é suor, e porcaria,
A parte que seria?
Cada parte budum, catanga, e lodos,
Que estas as partes são dos Frades todos.

Não te desvaneça andar-te a puta ao rabo,
Que Joana Lopes dormirá c' o diabo;
E posto que a Mangá também forníques,
Que é moça de alfiniques,
Supõe, que tinha então faminta a gola,
E que te quis mamar o pão da esmola.

Não hão mister as putas gentilezas,
Que arto bonitas são, arto belezas:
O que querem somente, é dinheiro,
E se as cavalgas tu, pobre sendeiro,
É, porque dando esmolas, e ofertório,
Quando as pespegas, geme o refeitório.

Prezas-te de galã, bonito, e pulcro,
E os fedores da boca é um sepulcro
A cães mortos te fede a dentadura,
E se há puta, que te atura
Tais alentos de boca, ou de traseiro,
É porque tu as incensas com dinheiro.

O hábito levantas no passeio,
E cuidas, que está nisso o galanteio,
Mostras a perna mui lavada, e enxuta,
Sendo manha de puta
Erguer a saia por mostrar as pernas,
Com que és hermafrodita nas cavernas.

Tu és Filho de um sastre de bainhas,
E botas muito mal as tuas linhas,
Pois quando fidalgão te significas,
A ti mesmo te picas,
E dando pontos em grosseiro pano,
Mostras pela entertela, que és magano.

Torna em teu juízo, louco Durandarte,
Se algum dia o tiveste, a quem tornar-te;
Teme a Deus, que em tão louco desatino
De algum celeste signo
Hei medo, que um badalo se despeça,
E te rompa a cabaça, ou a cabeça.

Se és Frade, louva ao Santo Patriarca,
Que te sofre calçar-lhe a sua alparca,
Que juro a tal, se ao século tornaras,
Nem ainda te fartaras
De ser um tapanhuno de carretos,
Por não ser mariola, onde há pretos.

AO MESMO FRADE TORNA A SATIRIZAR O POETA, SEM OUTRA
MATÉRIA NOVA, SENÃO PRESUMINDO, QUE QUEM O DEMO
TOMA UMA VEZ SEMPRE LHE FICA UM JEITO.

1 Reverendo Fr. Fodaz,
não tenho matéria nova,
de que vos faça uma trova,
mas de antiga tenho assaz:
que como sois tão capaz
de ires de mau a pior,
suponho de vosso humor,
que enquanto a velha, e o frade
sois sempre em qualquer idade
mais ou menos fodedor.

2 Na boa filosofia
mais ou menos não difere,
e assim vós que estais, se infere,
na mesma velhacaria:
Lembra-me a mim cada dia
tanto sucesso indecente,
que de vós refere a gente,
que inda que d'outra monção,
sei, que de hoje para então
nada tendes diferente.

3 Se o burel, que se remenda,
e o ser frade, e ser vilão
vos fazem mais fodinchão,
como haveis de ter emenda?
Será inútil contenda
querer, que vos emendeis,
pois como vós não deixeis
de ser frade, e ser vilão,
sempre heis de ser fodinchão,
fodereis, mais fodereis.

4 Quem a causa não desfaz,
não destrói o seu efeito,
com que vós no hábito estreito
sempre haveis de ser fodaz.
Valha o diabo o mangaz,
que em vendo a pinta, e a franga
aqui, em Jacaracanga,
em público, e em secreto,
se lhe cheira o vaso preto,
logo a porra se lhe emanga.

5 De um pirtigo tão velhaco,
que tão súbito se engrossa,
que direi, senão que almoça

vinte picas de Macaco:
membro, que em todo o buraco
se quer meter apressado,
qual arganaz assustado,
fugindo ao ligeiro gato,
que direi, que é membro rato?
Não: porque este é consumado.

6 Pois logo que hei de dizer,
como, e com que paridade
porei o membro de um frade,
a quem não farta o foder?
Eu não me sei nisto haver,
nem por que apodo me reja:
mas o mundo saiba, e veja,
que o membro deste mangado
é já membro desmembrado
da justiça, mais da Igreja.

A CERTO FRADE QUE INDO PREGAR A UM CONVENTO DE FREIRAS E
ESTANDO COM UMA NA GRADE, LHE DEU TAL DOR DE BARRIGA, QUE SE
CAGOU POR SI.

1 Ficaram neste intervalo
pagos a Freira, e o Frade,
ela a ele deu-lhe a grade,
que a vós não convém correr
com homem tão despejado,
ele a ela deu-lhe o ralo:
fê-lo ir com tanto abalo
o seu sujo proceder,
que se andar tão desatado,
logo vos há de feder.

2 Estas novas enxurradas
fizeram com novo estilo
na casa da grade um Nilo,
catadupa nas escadas:
não foram mal suportadas
dos vizinhos do lugar,
se chegaram a alcançar
(como ouvimos referir)
que os índios perdem o ouvir,
cá perdessem o cheirar.

3 Ao Frade, que assim vos trata,
porque outra vez não se entorne,
mandai, que à grade não torne,
até soldar a culatra:
que escopeta, que não mata,
quando tão junto atirou,
bem mostra, que se errou,

e toda a munição troca,
não rebentou pela boca,
pela escorva rebentou.

4 Neste hediondo tropel
cem mil causas achareis,
que não são para papéis,
posto que as ponha em papel:
o passo foi tão cruel,
que a dizê-lo me tentou:
se bem lastimado estou,
do que deste Frade ouvi,
torne ele mesmo por si,
já que por si se entornou.

5 Do monte Olimpo se conta,
que quando há maior tormento
deixa sua altura isenta,
porque das mais se remonta:
não sei, se vós nessa conta
entrastes, Senhora, então
naquela suja ocasião;
só sei, que o Frade seria,
pelo que dele corria,
monte, mais o limpo não.

6 Deste Frade ouvi dizer,
e é cousa digna de riso,
que tendo-se por Narciso,
fez fonte para se ver:
e deve-se repreender,
Dama bela, se vos praz
o que este Narciso faz,
pois ofende o fino amante,
deixando claro diante,
ver-se no escuro de trás.

7 Foi o Padre aqui mandado
para pregar: grande error!
Não pode ser pregador
um Frade tão despregado:
seja do ofício privado,
e de entre a gente falar,
pois todos vêem alcançar
o seu salvo presumir,
que sendo mau para ouvir,
é pior para cheirar.

5 – ESPADA E ESPADILHA

*Quando andáveis lá nas tropas
de tanta campanha armada,
jogáveis jogo de espada
ou da espadilha?*

Basta, Senhor Capitão.

AO CAPITÃO FRANCISCO MONIZ DE SOUZA CORRENDO NA
FESTA DAS VIRGENS COM GARBOSA FORTALEZA.

Amigo capitão forte, e guerreiro,
Sempre vos observei no pensamento
Por homem de grandíssimo talento,
Mas nunca por tão grande cavaleiro.

Quando vos vi na festa do Terreiro
Torreão cavalgado sobre o vento,
Onde irá parar (disse) este portento,
Senão na admiração do povo inteiro,

Dito, e feito; porque vos aplaudiram
De tal modo os Mirões daquela praça,
Que de vos dar um gabo me excluíram.

Mas se os Céus vos formaram de tal traça,
Que de prendas tão nobres vos urdiram,
Eu me dou por contente em vossa graça.

AO MESMO CAPITÃO CHEGANDO A MADRE DE DEUS,
ONDE O POETA ASSISTIA A UMA FESTIVIDADE COM SUAS
TRÊS IRMÃS SENDO DONA ANGELA UMA DELAS E PORTENTO
MAIOR DA FORMOSURA POR QUEM SE DESVELOU O POETA COMO
VEREMOS NO QUARTO TOMO.

Faltava		para		alegria
desta	festa	a	vossa	vinda,
que	só	fica	sendo	linda
assistindo		vós	ao	dia:
confesso,		que	não	sabia
de	tão		ditosa	ocasião,
mas	agora		em	conclusão
protesto		com	viva	fé
ir-me	pôr	ao	vosso	pé,
para	beijar-vos		a	mão.

AO MESMO CAPITÃO PEDE O POETA LICENÇA PARA O IR VISITAR
NA SUA FAZENDA DO CAÍPE, ONDE ASSISTIA, EM
COMPANHIA DE SEUS PAIS E IRMÃOS.

Meu	capitão,	meu	amigo,
mui	entendido	e	bizarro,
aceio		sem	artificio,
galanice		sem	cuidado:
Benquisto	por	graça	própria,
não	por	estudo,	trabalho,
sem		presunção	valeroso,

sem			afetação			fidalgo:
Imitador			dos			brasões
de		Avoengos		tão		preclaros,
que	a	não	seres	vós		nascido,
não		foram	nunca			imitados.
Deixou-nos		a	vossa			ausência
tão		tristes,	tão			solitários,
que		todos	nos			persuadimos,
que	em	um	deserto			habitamos.
Faltou-nos		vossa				alegria,
riso,		prazer,				desenfado,
e	porque	o	digo	de	um	golpe,
de	vós	mesmo	estamos			faltos.
Subindo		por	este			outeiro
ver	a	Deus	no	templo		sacro,
nem	pé	de	peessoa			vemos,
nem	com	viva	alma			encontramos.
O		Ilustríssimo				Isidoro,
e	o	valeroso				Carvalho
parecem		padres	de			ermo,
ou		ermitães	do			Busaco.
Porque		apartado	um	do		outro
andam		por	estes			mentrastos
como		dentes	de			caveira
dous somente, e afastados.						
Lourenço,		que	foi			convosco,
veio	aqui	como	um			pasmado,
tudo,	o	que	diz,	são		caípes
em	assuntos	mui				contrários.
O	Padre	anda	como	um		doudo,
e	jura	aos	dedos			sagrados,
que	as	festas,	que	embora		vêm,
hão	de	durar	de	ano	a	ano.
Para		prender-vos				consigo
fará		ele	piores			caos,
diz,	que	sois	o	seu		feitiço,
e	eu	tenho	zelos,	que		raivo.
E		pois	a			Cururupeba
desde	então	se	tem			trocado
uma	Tebaida,		um			deserto,
uma	Arrábida,		um			Busaco.
Eu	sou	alegre		de		brio,
quanto		risonho		de		cascos,
e	não	sofro	vida,	em		que
da	solidão		me			acompanho.
Haveis	de	me	dar			licença,
para	que	vá				visitar-vos,
ou	mandai-me	uma				mortalha,
hissope,	e	gatos				pingados.
Mandai-me	com	que	me			enterrem,
porque	de	vós				apartado
deveis	(pois	morro	por			vós)
fazer-me	do	enterro	os			gastos.
Não	venha	cá	vosso			Tio,
porque	em	se	pondo	de	um	lado
a	lançar-me	a	de	água		benta,
estou	com	ele	de	um		salto.

Demais que se há de encontrar
aqui co Padre Gonçalo,
e hei medo, que se renove
o sucesso do seu barco.
E não de ferver os muquetes,
porque estão a vela vá desconfiados,
um, porque a vela vá acima,
e outro, porque venha abaixo.
Eu sou defunto de prendas,
e quando este mundo largo,
brigas não quero em lugar
de um parce mihi cantado.

AO CAPITÃO JOÃO ROIZ DOS REIS HOMEM GENEROSO
 E ALENTADO GRANDE AMIGO DO POETA, LHE LOUVA A SUA
 GENEROSIDADE COM TODOS.

- 1 Meu Capitão dos Infantes,
 que por vossas boas artes
 sois homem de muitas partes
 nascendo só em Abrantes:
 por vossos ditos galantes,
 discretos, e cortesãos,
 e por largueza de mãos
 a todos nos pareceis
 não somente João dos Reis,
 senão o Rei dos Joãos.

- 2 O Príncipe, que de juro
 senhoreia os corações
 (como lá disse Camões)
 que sois vós, o conjeturo:
 tanto nisto me asseguro,
 que em ver como procedeis,
 presumo, que descendeis
 dalgum Príncipe da França
 donde tendes por herança
 esse apelido dos Reis.

- 3 A boa arte de reinar
 em um coração rendido,
 e não seres vós nascido,
 não se pudera imitar:
 vós nos podeis ensinar
 com paridades, e apodos
 os bons meios, e os bons modos,
 com que todo o mundo embaça,
 porque sempre estais de graça,
 por fazeres graça a todos.

4 O generoso da mão,

o		coração			varonil,
onde	vos	cabe		o	Brasil,
vos	sobeja		o		coração:
com	pobres		a		compaixão,
cos	ricos		o		liberal,
na	amizade		tão		leal,
na	palavra		tão		mucição
para	mim	tudo		é	feitico,
sendo	cousa natural.				

AO CAPITÃO BENTO PEREIRA HOMEM SIMPLES
E COM PRESUNÇÕES DE BOM.

Amigo Bento
P e r e i r a ,
que em todo o
nosso Brasil
sois homens de
muitas prendas,
tendo tão pouco
q u a t r i m .
Assim agradara
e u
a quatro vilões
r u i n s ,
a quem nesta
terra enfado,
como me
agradais a mim.
Vós sois um
homem honrado
de generosa raiz,
nobre com
ventosidade,
honrado com
r e t e n t i z .
Sois galã com
a r t i f í c i o ,
asseado com
a r d i l ,
só vós sois
homem honrado,
os demais
homens gentis.
Todo o mundo
vos quer bem,
porque tendes, e
é assim,
cara de ter mil
a m i g o s :
mil amigos? mais
de mil.
Sois muito leal
com todos,
cousa, que não se

usa aqui,
por isso sois mal
servido,
de quantos
sabem servir.
Empeceu-vos a
fortuna,
que a fortuna é
vilão ruim,
para os seus
sempre a chegar-
se e,
e de vós sempre a
fugir.
Agradais-me
dentro dalma,
que como eu
também saí,
e os semelhantes
se amam,
por semelhante
vos quis.
Tende-me
conta de amigo,
e tereis sempre de
mim
excessos de par
em par
finezas de mil em
mil.

AO CAPITÃO JOSÉ PEREIRA, POR ALCUNHA O SETE CARREIRAS,
LOUCO COM CAPRICHOS DE POETA SENDO ELE IGNORANTÍSSIMO.

- 1 Amigo Senhor José,
não me fareis uma obra;
porque se a graça vos sobra,
me fazeis graça, e mercê:
fazei-me uma obra, em que
honra me deis aos almudes,
e se em vossos alaúdes,
que Apolo vos temperou,
não cabe o pouco, que eu sou,
cabirão vossas virtudes.

- 2 Fazei-me uma obra, enquanto
a Musa se me melhora,
que eu prometo desde agora
pagar-vos tanto por tanto:
que como Deus é bom Santo,
e não há ovo sem gema,
sereis do meu plectro o tema,
porque, a quem me faz um verso,
não serei eu tão perverso,

que lhe não faça um poema.

- 3 Saíam esses resplandores
essas luzes rutilantes,
rubis, pérolas, diamantes,
cravos, açucenas, flores:
saíam da Musa os primores,
que há hortelão da poesia,
que gasta em menos de um dia
de flores um milenário,
e há Poeta Lapidário
gastador da pedraria.
- 4 Eu quatro versos fazendo
não me meto em gasto tal,
nem posso chamar cristal,
a mão, que humana estou vendo:
aos olhos, que ao que eu entendo,
são de sangue dous pedaços,
não chamo diamantes baços,
porque os não tenho por tais,
que há Poetas Liberais,
e os meus são versos escassos.
- 5 Vós sois o Deus da poesia,
que sobre o vosso Pegaso
andais mudando o Parnaso
neste monte da Bahia:
nos ensina aos praticantes
tão graciosos consoantes,
que vos juro a Jesu Cristo,
que em quantos versos hei visto,
não vi versos semelhantes.
- 6 Sois Poeta natural,
e tendes sempre a mão cheia
não só na Aganipe a veia,
mas na veia um mineral:
correm por um manancial
da vossa boca Aretusas,
e as nove Musas obtusas
de ver o vosso partolo,
em vez de Musas de Apolo,
querem ser as vossas Musas.

MESMO CAPITÃO SEVANDIJA DO PARNASO.

você	não	Meu	Senhor	Sete	Carreiras
quando	o	é	juízo	bom	Poeta,
em	fazer		tantas		inquieta
					asneiras:

Pondo-se o pleito em julgado
 dar testemunhas procura
 com o Primo Rapadura,
 e um compadre seu melado:
 mas há de ficar borrado
 como o tal Primo ficou,
 quando a Mulata o purgou
 naquele triste araçá
 Mangará.

onde	as	Na	gaiola	apassarada,
a	primeira	duas	pobres	vejo,
mas	a	entrou	sem	pejo,
arrebentou		de	segunda	pejada:
um		presozinho		embuchada
que	criado		com	pequeno,
prisões		não		veneno
	Mangará.			estranhará,

Todo o povo, que isto vê,
 pergunta em seu desabono,
 não ao Papagaio, ao dono,
 que casta de pássaro é;
 eu por me fazer mercê,
 dou o sentido cabal,
 e um contrafeito asnaval
 empenado em Pirajá
 Mangará.

AO CAPITÃO JOÃO TEIXEIRA DE MENDONÇA QUERENDO
 FUGIR COM A FAZENDA DOS DEFUNTOS E AUSENTES,
 DE QUE ERA TESOUREIRO E FOI PRESO.

- 1 O Senhor João Teixeira
 Mendonça de quando em quando
 na cadeia está purgando
 humores de ladroeira:
 a Putaina, que era herdeira
 universal dos defuntos,
 perdeu já redoma, e untos,
 e está já desenganada,
 que o ladrão mata a porcada,
 e o Fisco come os presuntos.

- 2 Tinha o Fidalgo tostado
 (como ladrão tão astuto)
 os bens em lugar enxuto,
 mas mal acondicionado:
 estava o barco ancorado,
 e nisto esteve a ruína,

porque a carga era rapina,
e deu-nos espanto, e mágoa,
de que pela veia d'água
se desse naquela mina.

3 As Almas do Purgatório,
como os fardos eram seus,
estavam pedindo a Deus
cada qual seu envoltório:
ouviu Deus o peditório,
e com ter tão forte mão
em qualquer execução,
vendo-as perder por instantes,
se ajudou de uns Ajudantes
para fazer a prisão.

4 Foram eles à setia,
e dizem, que se prendera,
porque tão sófrego era,
que furtava, e não partia:
o Tesoureiro esse dia
fazia conta de se ir,
e a tardança o fez cair
e então se lhe ouviu dizer,
furtava para esconder,
porém não para partir.

5 Ladrão como mentecapto
no profundo do porão,
passado como ladrão,
e fino como mulato:
deram-lhe muito mau trato
em o trazer amarrado,
sendo que andou como honrado
em seguir aquela via,
que eu não vi na fidalguia
Mendonça sem ter Furtado.

6 A parentela se ria,
que é gente, que aqui negreja,
porque lhe causava inveja
ver, que lhe dava honraria:
alvorçou-se a Bahia
entre admiração, e gozo,
porque era caso espantoso,
que tomasse sem ser Saulo
o caminho de São Paulo
um ladrão facinoroso.

7 Ficou no porto a setia,
e o Tesoureiro selvagem
chegou, sem fazer viagem

a salvamento a enxovia:
 diz o povo, que fugia
 por de todo estar quebrado;
 mas o povo está enganado,
 porque eu vi o Tesoureiro
 na cadeia mui inteiro,
 e mui desaverganhado.

8 Já dizem as profecias
 dos homens experimentados,
 que a quatro dias andados,
 ou daqui a quatro dias,
 todas as tesourarias
 adrede lhas hão de dar,
 por ser homem singular,
 que guarda a rigor da lei
 tanto a fazenda d'EI-Rei,
 que EI-Rei a não pode achar.

9 E se a justiça lhe deu
 no rasto por tantas calmas,
 já disse, que foram almas,
 que choraram pelo seu:
 aos Santos (sempre ouvi eu)
 era seguro o furtar,
 porque não podem falar;
 mas d'almas não há fiar-se,
 que se não podem queixar-se,
 contudo podem rezar.

10 Toda		a		cidade		notou,
que		este		Tesoureiro		alvar
é	tão		destro	no		embolsar,
que	a	si	mesmo	se		embolsou:
na		cadeia		se		encaixou,
que	é	bolsa	dos	maus		ladrões,
e	se	os		doutos		cabeções
fazem		crime		de		ausentar-se,
hei	medo,	que		há	de	chegar-se
do		verdugo		aos		calções.

AO MESMO CAPITÃO PELO MESMO CASO E NA MESMA OCASIÃO.

1 Isto faz-se à gente honrada?
 Quem viu outro tal desprezo?
 Senhor Jam, por que vem preso?
 Eu, meus amigos, por nada.
 É dos nossos, camarada,
 venha para a nossa gente
 coma, e beba alegremente,
 crie bojo de animal,
 porque não pode deixar

de ser defunto, e ausente.

2 Meu Pai para meu desdouro
dizem alguns, que era sastre,
eu por cobrir tal desastre
troquei tesoura em tesouro:
luzi logo como o ouro,
em grande fui transformado,
e por mais enfidalgado
usei desta geringonça,
porque como sou Mendonça
quis lograr o meu Furtado.

3 Outro, que anda por aqui
esquecido, do que foi,
lo que va de ayer a oy
aprender pode de mi:
e vê-lo também assi
espero-lhe a ocasião,
abatida a inchação
só pelo crime de ausente,
e por ser tanto parente,
e na ligeireza Irmão.

4 Vós, Ajudantes Saltões,
abençoados sejais,
que pareceis um Chegais
em vossas execuções:
andais rompendo calções,
e disso vos não dá nada,
ires a qualquer jornada:
porém é presunção minha,
sois soldados à meirinha,
não Meirinhos à soldada.

ESTRIBILHO

Tu esperavas na paixão
quando no furto te animas
de salvar-te como Dimas,
mas não fostes bom ladrão.

AO CAPITÃO MANUEL DIAS FILGUEIRA PRESO E RETRAÍDO NA MUXINGA POR HAVER QUEBRADO UM CAMAREIRO NA PORTA DE CERTA PERSONAGEM.

1 Preso está no Limoeiro
repicando uma corrente
certo Capitão valente,
por matar um camareiro:

e se o caso é verdadeiro,
e foi ele o matador,
pois o maior ao menor
usurpa, arrasta, e convence,
quem um camareiro vence,
será camareiro-mor.

- 2 Rompeu a testa a um cortiço,
que estava em certa calçada,
cuida ele, que não fez nada,
e à rua fez mau serviço;
porque tendo aviso disso
pelo favônio, que entrava,
a gente, que ali morava,
enfadada do vapor,
que exalava o servidor,
por mal servida se dava.
- 3 Como os miolos saltaram
da cabeça, que ofenderam,
assim as novas correram,
té que à cadeia chegaram:
logo então se despacharam
os Morenos da corrente,
e o caso era tão recente,
que sem mais informação
prenderam ao Capitão,
porque cheirava a valente.
- 4 Entre tanta cachaporra
veio à prisão, que o maltrata,
porque quem com ferro mata,
quer Deus, que com ferro morra:
e porque nada o socorra,
na moxinga o entupiram,
onde os mais dos presos viram,
que por serviço do Céu,
pois que o vidrado ofendeu,
vidrados o perseguiram.
- 5 Lastimou-se o mundo disso,
pois quantos serviços fez
como honrado Português,
perdeu por um mau serviço:
hoje que livre o toutiço
já penteia o pêlo louro,
ganhou (fora vá de agouro)
por indústria, e por santaca
uma Noiva de tambaca
com dote de prata, e ouro.
- 6 Mas ficou em tão ruim fé

este sucesso infeliz,
que nenhum homem já diz,
servidor de Vossarcê:
item qualquer homem, que
publicar, que é servidor
do Fidalgo, e do Senhor,
há de vir, com maus feitiços
o Capitão dos serviços
a quebrar-lhe o servidor.

AO CAPITÃO ADÃO DE TAL QUE ESTANDO PRESO SAIU
COM FINGIDA NECESSIDADE A VER UMAS COMÉDIAS,
QUE SE FIZERAM NA PALMA ONDE COM SUA AMÁSIA
SE DEIXOU FICAR ALGUNS DIAS; E DEPOIS A ROGOS DO CARCEREYRO
VEIO COM UM PÉ ENTRAPADO, DANDO A ENTENDER,
QUE O DESMENTIRA.

- 1 Dizem, Senhor Capitão,
que quando à Palma marchastes,
a vossa Eva levastes
como Adão, e bom Adão:
dizem-me também, que então
a esse terreno sagrado
da Palma íeis convidado
para ver uma comédia,
que para vós foi tragédia,
pois saístes aleijado.
- 2 A Puta com seus extremos
vos quis da via torcer,
que nós por uma mulher
a cabeça, e pés torcemos:
todos o mesmo fazemos,
e o temos todos à asnice,
senão eu, que logo disse,
quando o pé se vos entreva,
que se Adão se achou com Eva,
era força, que caísse.
- 3 Vós manquejastes de um pé,
e segundo sois Gascão
podíeis cantar então
”nanja do pernil bofé”:
tão malato estáveis, que
faltastes ao carcereiro
quase quase um mês inteiro,
até que de importunado
fostes a um pau arrimado
com figura de embusteiro.
- 4 O carcereiro entendia,
que estáveis pior, que mal,
porque a figura era tal,

que o mesmo bordão vos cria:
Peralvilho parecia,
senhor, o vosso modilho,
porém se eu nesse corrilho
fora, e cum pau vos cascara,
creio, que o pé vos voara,
como voou Peralvilho.

5 De ver-se o pé desmentido
tomou tão grande pesar,
que por de vós se vingar
andou três dias sentido:
envergonhado, e corrido
de ver, que o desacatais,
foi causa de vossos ais,
que eu por justos avalio,
porque um pé de tanto brio
outra vez não desmintais.

6 Vós sois muito boa preia,
e todos sabemos, que
desse pé tomastes pé,
para não vir à cadeia:
mas a parte, que receia,
e tem grandíssimo medo,
que lhe façais um enredo
fez, que fósseis recolhido,
porque para um pé torcido
o remédio é estar quedo.

AO CAPITÃO BENTO RABELO MORADOR NA VILA DE S. FRANCISCO,
AMIGO DO POETA, QUE POR ESTAR TOTALMENTE DIVERTIDO
COM O JOGO O NÃO FOI VISITAR; ELE O ADMOESTA,
A QUE LARGUE O JOGO E VÁ PARA A CAJAÍBA.

Pois me deixais pelo jogo,
licença me haveis de dar
para vos satirizar
como amigo.

Fará isso um inimigo,
deixares-me miserando,
por estar sempre beijando
o ás de copas.

Quando andáveis lá nas tropas
de tanta campanha armada,
jogáveis jogo de espada
ou da espadilha?

Quem vos meteu a potrilha,
para estares noite, e dia
na triste tafularia
de um cruzado?

Não é melhor desenfado
passares à Cajaíba,
onde o jogo vos derriba
e escangalha?

É mau ver esta canalha
Clara, Bina, e Lourencinha,
a quem dizeis a gracinha
de soslaio?

É mau encaixar-lhe o paio
encostado aqui na torre,
e ela dizer-vos, que morre
de olho em alvo?

É mau meteres o calvo
entre tanta pentelheira,
e sair co' a cabeleira
encrespadinha?

Que mau é Mariquitinha,
quando está com seus lundus
fazer-vos com quatro cus
o rebolado?

não	tem	Quem	vos	chamar	homem	honrado,
que	vós		honra,		nem	razão,
e um Pasguate.			sois		um	toleirão,

Mas se deixais por remate
esse jogo, esse monturo
sois Príncipe, que de juro
senhoreia.

Sois o Mecenas da veia
deste Poeta nefando,
que aqui vos está esperando
com jantar, merenda, e ceia.

AO MESMO CAPITÃO SENDO ACHADO COM UMA
GROSSÍSSIMA NEGRA.

- 1 Ontem, senhor Capitão,
vos vimos deitar a prancha,
embarcar-vos numa lancha
de gentil navegação:
a lancha era um galeão,
que joga trinta por banda,
grande proa, alta varanda,
tão grande popa, que dar
podia o cu a beijar
a maior urca de Holanda.

- 2 Era tão azevichada,
tão luzente, e tão flamante,
que eu cri, que naquele instante,
saiu do porto breada:
estava tão estancada
que se escusava outra frágua
e assim teve grande mágoa
da lancha por ver, que quando
a estáveis calafetando
então fazia mais água.

- 3 Vós logo destes à bomba
com tal pressa, e tal afinco,
que a pusestes como um brinco
mais lisa, que uma pitomba:
como a lancha era mazomba,
jogava tanto de quilha,
que tive por maravilha,
não comê-la o mar salgado,
mas vós tínheis, o cuidado,
de lhe ir metendo a cavilha.

- 4 Desde então toda esta terra
vos fez por aclamação
Capitão de guarnição
não só, mas de mar, e guerra:
eu sei, que o Povo não erra,
nem nisso vos faz mercê,
porque sois soldado, que
podeis capitanear
as charruas d'almém-mar,
se são urcas de Guiné.

AO CAPITÃO JOÃO FRANCO, POR ALCUNHA O BICANCRO
PELA SUA BICUDA FISIONOMIA, O QUAL
CALOTEOU UMA POBRE MULHER COM UMA CAIXA DE AÇÚCAR.

- 1 Meu Joanico, uma Dama
mui galharda, e mui luzida
está mui arrependida
do cu lhe pores na cama;

porque diz, que a boa fama,
que a gente de vós lhe dava,
a movia, e enganava:
mas eu nunca louvarei
Capitão, que diz, cuidei
nem Dama, que diz, cuidava.

2 Diz, que João Tacanho andastes
naquela caixa de branco,
e que, se fôreis João Franco,
lha déreis, pois lha ofertastes:
que vilmente a enganastes,
porque de graça a comestes,
e se vos lha prometestes,
acho eu cá no meu direito,
que arto caixa lhe haveis feito
na caixa, que lhe fizestes.

3 Item na negra boçal,
que tendes de porta adentro,
diz, que estais no vosso centro,
porque sois branco asnaval:
pesa-me, que o vosso mal
vos venha por essa banda,
porque diz, que vos tresanda,
(quando lá pondes o cu)
o sovaco a putiú,
e que a catinga a palanda.

4 Que primor vos não faltara
em qualquer ocasião,
se fôreis largo de mão,
como sois largo da cara:
bom fora, que se trocara,
(por não lhe dares desgosto)
co'a mão o largo do rosto;
mas ter de cegonha o bico,
e a garra de Maçarico,
é ser Bicancro por gosto.

5 Se porque não vitupere
pouparde o cabedal
dizeis, que todo o animal
o faz no campo *a gaudere*:
nem por isso é bem, que espere
a Moça, o xesmeninez,
que dais de talho, e revés,
que os privilégios poupanes
são só dos quadrupedantes,
vós sois besta de dous pés.

6 Tudo a Moça suportou,
tudo sofreu a tal Moça,
porque a caixa tudo adoça,
e a ela tudo amargou:
nesciamente se enganou
sem desculpa, e sem razão,
pois na força da sezão,
devia ver, que a encaixa
quem lhe promete uma caixa,
para correr-lhe o caixão.

7 *A los Moros por dinero
a los christianos de balde
ha mandado nuestro Alcaide*
discretamente severo:
em vós eu o considero
doutro modo, e doutra traça,
e porque lei se vos faça,
manda El-Rei por este Outeiro,
que aos toleirões por dinheiro,
aos entendidos de graça.

8 Fica a terra aproveitada,
se a Moça acaso emprenhar,
e de Bicancros botar
uma rencova, ou ninhada:
ver-se-á a Ilha assolada,
e a Deus fazendo mil votos
virão os Capuchos rotos,
descalços em procissão
e Bicancros benzerão,
como benzem gafanhotos.

AO CAPITÃO DOMINGOS GLZ. FERREIRA, APELIDADO
O RAPADURA, A QUEM UMA DAMA PURGOU COM UNS ARAÇÁS,
DE QUE TEVE UMA DIARRÉIA.

1 Minha gente, você vê
as loucuras tão borrachas
deste Capitão das Taxas,
que agora direi, quem é:
veio pedir de mercê,
que lhe celebrasse a cura
de uma purgação madura,
que a amiga lhe tinha dado,
porque, sem comer melado
o fez cagar rapadura.

2 Eu cuido, e é de cuidar,
que esta Puta sem agrado,

como o tinha já sangrado,
o queria purgar:
não há nela, que estranhar,
nem que reprovar-lhe a ação,
antes muita compaixão,
porque quis piedosamente,
que se era de amor doente,
ficasse co'a praga são.

3 Se livrais do palalá,
alerta meu Capitão,
que há Puta, que dá pinhão
com rebuço de araçá:
vosso Primo Mangará,
que nesta matéria bole,
diz, que quem tal purga engole,
e no cagar tanto atura,
já não será rapadura,
porque foi jalapa mole.

4 Temos por cá averiguado
com este vosso entremez,
que o fruto, que tal mal fez,
devia de ser vedado:
vós ficastes enganado
por aquela Eva atroz;
se outra vez vos quiser dar,
e não puderdes cagar,
eu irei cagar por vós.

ESTRIBILHO

Saiba-se em qualquer lugar,
que esta rapadura inteira,
foi da casa de caldeira
para a casa de purgar.

AO MESMO CAPITÃO FRETANDO-LHE A AMÁSIA CERTO HOMEM CHAMADO O SURUCUCU.

1 Passou o surucucu,
e como andava no cio,
com um e outro assobio,
pediu a Luísa o cu:
Jesu nome de Jesu,
disse a Mulata assustada,
se você é cobra mandada
que me quer ferir da escolta
dê uma volta, e na volta

poderá dar-me a dentada.

2 Apenas isto escudou,
quando a boa cobra solta
deu a volta, mas a volta
não foi, a que a namorou:
porque o bom Adão achou
no Paraíso, ao entrar,
sem poder a Eva falar,
jurando o seu nome em vão,
pecou no segundo então,
por no sexto não pecar.

3 O seu Santo nome disse
em vão: mas o capitão
perguntou a Luísa então
a causa da parvoíce:
ela; porque ele ouvisse,
toda de risinhos morta,
este mandu (disse absorta)
não repara, que se implica
marchar eu com outra pica,
tendo o Capitão à porta?

4 Saiba, Senhor Capitão,
que se Luísa, se fornica,
antes com homem de pica,
que com homem de bastão:
porém se este toleirão,
quiser vomitar peçonha,
livrar-me-ei dessa erronha,
pois na sua cara vejo,
que terá muito de pejo,
mas tem mui pouca vergonha.

5 Prometeu vir do passeio
veio como um corruptio,
eu não vi homem tão frio,
que tão depressa se veio:
sobre ser frio é mui feio;
sobre ser feio é mui tolo:
porém se o meu porta-colo
não erra, tem o magano
nos culhões muito tutano,
na testa pouco miolo.

A OUTRO CAPITÃO QUE TINHA SIDO DE COURAÇAS EM PORTUGAL
QUE SE CASOU COM UMA FILHA DE CERTO LETRADO, FULANO
COELHO, DE QUEM JÁ FALAMOS A FL.360,
QUE SE CASARA COM HUMA MULHER, QUE DEU UNS PONTOS NO VASO;
E DESTA TAMBÉM SE DIZIA SER JÁ CORRUPTA, E CRISTÁ NOVA.

- 1 Basta, Senhor Capitão,
que se recebeu Você?
estimo muito: porque
deu à terra um alegrão:
a este himeneu lhe dão
os parabéns, os que o vêem,
e eu lhos darei também:
porque é razão natural,
que como sinto o seu mal
folgue também com seu bem.

- 2 A Noiva, que você goza,
partes tem para querida,
é nobre, é bem entendida,
é rica, e muito formosa:
não tem finalmente cousa,
das que a malícia reprova:
não é velha, é muito nova,
dizem, que honrada seria,
o que você provaria,
quando lhe tirou a prova.

- 3 Bem mostra, que com quatro olhos
buscou tão bela consorte,
porque mulher de tal porte
não se enxerga sem antolhos:
livre está você de abrolhos,
meu Capitão de Couraças,
de que pode a Deus dar graças;
mas repare nos retornos,
não se convertam em cornos
essas luzentes vidraças.

- 4 Que a mulher, que se requesta,
ou seja dama, ou casada,
de quem se vê mais amada,
põe logo o dado na testa:
e veja você, que desta
ter muitos zelos convinha,
que, quem foi levianazinha,
não é grande maravilha,
siga os passos, como filha
da mãe, que vai pela vinha.

- 5 Você no ardente aparelho
além de ser grão soldado,
me parece sutil galgo
no alcançar deste *Coelho*:
mui honrado fica o velho
da sua filha lhe dar
para com você casar:
porque sabe sem descontos

dessa fidalguia os pontos
e entende do seu Solar.

6 Só duas mães feiticeiras
tal casamento fariam,
que já de putas viviam,
e hoje só de alcoviteiras:
estas duas medianeiras
com redomas, e unguentos,
Circes nos encantamentos
fizeram com seus assaltos
vossos pensamentos altos
sujos, e vis pensamentos.

7 Fizeram estas traidoras
com seus feitiços sutis
semelhantes os ardis
das Circes encantadoras:
as quais com traças sonoras
(muitos nas fábulas leram)
que alguns homens converteram
em porcos: mas estas duas
com feitiçarias suas
mais do que porco o fizeram.

A CERTO TENENTE CHAMADO O SURDO INSIGNE VENDELHÃO,
E ATRAVESSADOR VENDENDO UNS PAIOS POR COUSA MUI
SELETA QUANDO OS MAIS DELES ESTAVAM PODRES.

1 Porque a fama vos celebre,
meu Tenente mercador,
dizem em vosso louvor,
que vendeis gato por lebre:
temo, que o trato vos quebre,
e temo, que vos quebreis,
quando as bocas não tapeis,
que dizem, por onde andais,
o modo, com que comprais,
e o modo, com que vendeis.

2 Se vós a boca vazia
tapásseis do nosso Alferes,
não disseram más mulheres
mal da vossa mercancia:
que o Alferes a porfia
anda estrugindo os quartéis
com dous mil *aqui-d'El-Reis*,
porque sois tão mau cristão,
que o que vos custa um tostão,
vendeis por duzentos réis.

3 Se os paios, que vós vendeis,
são do castelo de vide,

guardai-lhe embora a pevide,
mas co não a semeeis:
porque se esta terra encheis
de tão pobre sementeira,
sobre perder a queijeira,
em que ganhais quatro réis,
virão os Almotacéis
meter-vos na Leoneira.

4 Se os paios tão podres são,
quando vo-los pede alguém,
quando os vendeis muito bem,
como é cada qual tão são?
o certo é, meu Irmão,
que nos trazeis enganados,
pois sois na verdade tal,
que gabando-os sem sal
no-los vendeis bem salgados.

5 Meu Tenente, e meu Senhor,
vós mereceis justamente
comer praça de Tenente,
porque sois bom tenedor:
por força, nem por amor,
por jeito, nem por violência
pôde nunca a diligência
do Alferes vosso parceiro
tirar do vosso fumeiro
um fole de pestilência.

6 Por esta terra se conta,
que por preços tão diversos
destes os paios perversos,
que nem vós lhe dais na conta:
um contador vos desconta
pobres mais de nove, ou dez,
dados de graça nem três:
mas isto é dito de graça,
pois vem revendido em praça,
quanto dais sem interes.

7 Sobre a partida dos queijos,
que vós intentais comprar,
me dizem, que heis de ganhar
mais de quatro percevejos:
creio, que destes sobejos
tirareis ganância boa,
com que honreis casa, e pessoa;
mas tenho o meu pesarzinho
de ser mercador ratinho,
quem é filho de Lisboa.

8 Quanto ao outro negocinho
da frasqueira rosa soles,
que intentais vender aos goles
a frasquinho por frasquinho:
tirareis tal coscorinho
deles, como de um crisol,
que no sagrado arrebol
do convento heis de meter
uma filha, que há de ser
Madre Soror Rosa Sol.

9 Enquanto aos demais contratos,
para que o dito não quebre,
ou vendeis gato por lebre,
ou vendeis lebres por gatos:
guardai-vos de mentecaptos,
que dirão já boto o dente
com mofina escarnecente
depois de sorver aos goles
paíos, queijos, rosa soles
má cousa, Senhor Tenente.

A UM ALFERES QUE INDO PRESO PERANTE O SEU AUDITOR,
SALTOU DAS SUAS JANELAS, DE QUE QUEBROU OS QUADRIS
E SE FOI HOMIZIAR EM S. FRANCISCO.

1 Se vós fôreis tão ousado
nos militares assaltos,
como sois destro nos saltos,
fôreis um grande soldado:
mas eu tenho averiguado,
quão distinto vem a ser
saltar para escafeder,
de assaltar para triunfar,
vós saltais por escapar,
não assaltais por vencer.

2 Lançastes-vos brutaemente,
e ao caídes na razão,
como caístes no chão,
fôreis discreto, e prudente:
ficou espantada a gente,
vendo, que apenas caístes,
quando às carreiras fugistes,
e é, que os que se confundiram,
por entonces não caíram,
no aperto, em que vos vistes.

3 Cair sem susto, ou pavor,
levantar, correr, fugir,
é ser corrente em cair,
como qualquer pecador:

porém fora-vos melhor
não cair na falta, em que
caístes, faltando à fé,
e verdade tão devida,
a quem por essa caída
subir vos pode à polé.

- 4 Dizem, que estais retraído
curando-vos de quebrado
com que hoje sois mal soldado
porque ontem fostes rompido:
tenho por melhor partido,
que em casa do Provedor
assente praça um Tambor,
que vós, quando escafedeis,
a de soldado assenteis
na calçada do Ouvidor.

- 5 Bom será, que vos cureis
nesse convento Sagrado,
donde saindo soldado,
força é, que o posto deixeis:
quando o venablo encosteis,
que eu vo-lo aprovo, e concedo,
vos advirto em tal enredo,
se sois homem de bom gosto,
que vos reformeis de posto
não tanto, como de medo.

- 6 Alcaide acelerado
vos teve quase colhido,
mas ficou muito corrido,
e vós pouco envergonhado:
Se vos não causa cuidado
estar entre ardentes brasas
calafetando linhaças
para tanto osso quebrado
é, que a um raso soldado
lhe bastam cadeiras rasas.

6 — JUÍZES DE IGARAÇU

*Se tratam a Deus por tu,
e chamam a EI-Rei por vós
como chamaremos nós
ao Juiz de Igaraçu?
Tu, e vós, e vós, e tu.*

*Que me há de suceder nestas montanhas
Com um Ministro de leis tão pouco visto,
Como previsto em trampas, e maranhas?*

AO DESEMBARGADOR DIONÍSIO DE ÁVILA VAREIRO, OUVIDOR-
GERAL DO CÍVEL DESTE ESTADO DO BRASIL, INDO À
PORTO SEGURO PRENDER TRINTA E SETE FACINOROSOS QUE
ANDAVAM ROUBANDO, E MATANDO NAQUELA POVOAÇÃO, SOMENTE
*COM CINQUENTA SOLDADOS DESTA PRAÇA E
ALGUNS ÍNDIOS, LÁ AGREGOU*
AÇÃO QUE SEM O FAVOR DIVINO NÃO PUDERA CONSEGUIR
ESFORÇO HUMANO.

1 Herói Númen, Herói soberano,

Cujo esforço, e conceito peregrino

Transcende os termos do limite humano,
E quase logra foros de divino:
Ouvi, se é, que as grandezas do Oceano
Cabem neste clarim tão pouco fino,
Que mais preclara tuba, e voz merece

Cam. Quem a tamanhas cousas se oferece.

2 Tu, que abres o cristal da Aônia fonte,
Ó doce Musa, se até agora ingrata,
Solta a corrente, porque em verso conte,
O que só cabe em lâminas de prata:
Fecunde esse cristal tão duro monte,
Que se fluido, e belo se desata.
Eu farei, que se admire no universo

Cam. Se tão sublime preço cabe em verso.

3 Sê pródiga comigo, porque vejo
Que hei de cantar proezas levantadas,
E do ouro, que cria o Largo Tejo
Te farei uns pendentos, e arracadas:
Põe, Musa amada, fim ao meu desejo,
E terás para o colo as congeladas
Lágrimas puras, e no dedo amante

Cam. Outra pedra mais clara, que diamante.

4 Nesta do mundo a mais mimosa parte,
Em cujo soberano, e fértil pólo
Vos reconhece o mundo novo Marte,
Onde vos representa novo Apolo:
Inculcando o valor, engenho, e arte

Inveja dos murmúrios de Pactolo,
Mostrastes nesta ação, que tudo alcança

Cam. Em uma mão a pena e noutra a lança.

5 Para vencer os fortes adversários
Vibrastes valeroso a dura espada,
Para prender aspérrimos contrários
Inculcastes idéia celebrada:
Valor, e engenho foram necessários,
Porque soubesse a fama remontada,
Partistes tão guerreiro, quão fecundo

Cam. Ameaçando terra, mar, e mundo.

6 Com insultos, e roubos aleivosos
Não perdoando vida, casa, ou muro
Trinta e sete cruéis facinorosos
Roubam a Povoação Porto Seguro:
Para castigo destes criminosos
O fado destinou celeste, e puro
Esse braço, esse peito, esse conselho

Cam. Para leais vassallos claro espelho.

7 Eram tiranos tais, e de tal sorte,
Que com nenhuma valia o medo, ou rogo,
Despojavam, feriam, davam morte,
Os povos assolando a ferro, e fogo
Qual atrevido rompe o muro forte,
Qual temerário cerca a casa logo,
Qual sem mudar cor, gesto, ou semblante

Cam. Salteia o descuidado caminhante.

8 Incultas matas nunca penetradas,
Subterrâneas cavernas, triste seio
Destes vandidos eram as moradas
Do maior coração maior recreio:
Aqui com tiranias desusadas
Era comum no roubo o bem alheio,
Deixando os povos, sítio, bens, e gados

Cam. Mortos, perdidos, e desbaratados.

9 **Esta pública fama, que amedrenta**

A todo coração, a todo peito,
Do Númen Português o braço alenta,

Que iguala seu valor ao seu conceito:
Intrépidos elege a cinquentá
Bem prevenidos para o grande efeito
Únicos escolhidos na Bahia

Cam. Dos belicosos peitos, que em si cria.

10 Luzidos todos, todos bem armados
O sítio buscam dos cruéis vandidos:
Voam as plumas, pendem os traçados,
E os perros das clavinás dão latidos:
Lestos vão bacarmates carregados,
E os peitos mais seguros que luzidos,
Rijos estoques, carregadas clavas,

Cam. Partesanas agudas, chuças bravas.

11

Mais forte, mais bizarro, mais ufano

O invicto cabo para a empresa parte,
Por arnês leva o peito do Tebano,
No talim por espada o mesmo Marte:
Em uma mão aperta o ferro cano,
Na outra o freio, e inquirindo à parte
Todo o valor, que leva por muralha

Cam. Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

12 Qual raio, que o trovão tem despendido
Contra a Nau sobre o tímido alabastro,
E tendo-a a voraz fogo reduzido
Em mil pedaços faz o grande mastro:
Tal se mostrou nas matas o temido
Contra os inimigos valeroso Astro:
Prostrando tudo sem temer agouros

Cam. Com ferro, fogo, setas, e pilouros.

13 Chegada a belicosa companhia
Do capitão valente industriada
Logo correu a fama, em como ia
E fugiu para o mato a gente irada:
Não sofrem dilatação os da Bahia
Intrépidos buscando a emboscada,
Qualquer na mata salta tão ligeiro

Cam. Que nenhum dizer pode, que é primeiro.

14 Não val aos criminosos força, manha,
Golpes, reverses, tiros, e ameaços,
Mas buscando o seguro da montanha
Livrando as vidas vão nos próprios passos.
O Herói com os seus os acompanha,
Que é mais que humano esforço o de seus braços:
Bem se vê, porque em caso tão veemente,
Cam. Mais peleja o favor do céu, que a gente.

15 Dentro do bosque teatro enfim eleito
Se trava a briga de uma, e outra parte,
Quebra-se a espada, e sem romper o peito,
Que há Deus mais poderoso, que o Deus Marte:
Zune o pilouro sem fazer efeito,
Voa a seta, porém a si se parte,
Que quis Deus despertar no ato presente
Cam. Com tal milagre os ânimos da gente.

16 Teme o bando inimigo a resistência
Da belicosa, e forte companhia,
Vendo ali com certíssima evidência,
Que o Céu propício a todos defendia:
Trata da fuga, deixa a competência
Última resolução da cobardia:
O Céu o quis assim: porque se veja,
Cam. Que quem resiste, contra si peleja.

17 Fogem cobardes, que é cobarde o vício
Tratando a cara vida com despego,
Qual porventura acha o precipício
Qual acha dita em se botar ao pego:
Não tendo já da liberdade indício
O criminoso bando iníquo, e cego,
Antes quer a mor risco aventurar-se
Cam. Que nas mãos inimigas entregar-se.

18 Nada lhe vai que o Cabo diligente
Futuros antevendo, inopinados,
Fiado em Deus anima a sua gente
Talvez com a espada, e tal com os brados:
Esta é ocasião (diz o valente
Jurisconsulto aos férvidos soldados)
Que sempre alcançará fama perfeita

Cam. Quem do oportuno tempo se aproveita.

19 Isto ouvindo os belígeros guerreiros,
Bem que a maleza inculca os embaraça,
Raivosos acometem, quais rafeiros
Quando armado a novilho vêm na praça:
Rende-se o bando a tais aventureiros,
Que em duas cordas a um, e outro enlaça:
Assim o Cabo pôs em dura liga

Cam. A vil malícia, pérfida, inimiga.

20 Prende homicida a mão a dura algema,
Ao pescoço grilhão férreo, e seguro,
Não porque o Númen seu esforço tema,
Mas por exemplo ao século futuro:
Qual temendo o patíbulo blasfema,
Qual por desesperado está seguro,
Temendo suas culpas desta sorte

Cam. Que o menor mal de todos seja a morte.

21 Enquanto ao ar os gritos atroavam,
Que os céus, e os corações duros feriam,
O seu mesmo despojo lhes mostravam,
Que com dobrada pena alheio viam:
Pistolas, e espingardas, que atiravam,
Duros alfanjes, que um arnês abriam,
Guarnecendo-se tudo, o que se alega,

Cam. Do metal, que a fortuna a tantos nega.

22 Enfim permitiu Deus, que tudo ordena,
Esta ação, tão feliz, tão venturosa
Sem ferida, estocada alguma ou pena
Entre gente tão árdua, e belicosa:
Milagre augusto foi da Mão serena
Divina em tudo, em tudo poderosa,
Só um índio dirá com voz sentida

Cam. Esta perna trouxe eu de lá ferida.

23 Alegre com a empresa desejosa
Corta o Cabo a espessura, e busca a via,
Não faltando da esquadra criminosa
Algum, que não prendesse neste dia:

Marcha triunfando a gente belicosa,
Pasmam de ver os Filhos da Bahia
O sucesso, a prisão, os Rebelados,
Cam. As armas, e os varões assinalados.

24 Já divulgava a fama a novidade
Pela gente em contorno mais distante,
Porque as ruas pisava da cidade
O Númen dos vandidos triunfante:
Por ver o herói brasão da eternidade
O Povo corre, e muda de semblante:
Enchem a praça, ruas, e janelas
Cam. Velhos, e Moços, Damas e Donzelas.

25 Qual Paulo Emílio, quando entrou por Roma
Com Perseu preso, e sua fidalguia,
Sendo o despojo, que recolhe, e toma
Quatrocentas coroas, que trazia:
Vós mereceis mais numerosa soma,
Porque unindo ciência à valentia
Mereceis as marciais, também as de ouro
Do Bacaro, e do sempre verde Louro.

26

Chega ao Palácio, onde é recebido

Com alegria, amor, e autoridade:
E depois que o sucesso foi ouvido,
Pôs o despojo aos pés da Majestade:
O Governador sábio, e entendido
De Pedro imagem, vendo a lealdade,
Valor, prudência, e esforço do sujeito
Cam. Tais palavras tirou do esperto peito.

27 Esse despojo, ó Herói sublimado,
Como de armas te foi, armas te sejam,
Com teu esforço insigne as tens ganhado,
No teu escudo eternamente estejam
Por elas conhecido, e afamado
Serás entre os Heróis, que mais se invejam,
Que bem merece ter armas por glória
Cam. Quem faz obras tão dignas de memória.

28

Debuxa em bronze, ou metal luzido

Insígnias tais, escreve este letreiro

“São as armas do sábio, e do temido
Dionísio de Ávila Vareiro”
Elas por este nome alto, e subido
Nome terão em todo o mundo inteiro:
Tu por elas lugar te tem a idade

Cam. No templo da suprema eternidade.

Pinta no escuro de ouro transparente,
Porque o mundo conheça, sempre seres
Por Letras, e por armas excelente:
Desde a Tétis furiosa e flava Ceres
Teu nome se eternize permanente
Levando-o por assunto à doce Clío

Cam. Desde o trópico ardente ao cinto frio.

30 Assim disse, e parou, e eu assim faço,
Suspendendo a corrente à veloz Musa,
Pois quanto mais dissera, fora a um Traço
Breve gota das águas de Aretusa:
Não cabe a larga via em breve passo,
Dar conceitos a idéia já recusa,
E prosseguir mais avante fora erro,

Cam. Ainda que eu tivera a voz de ferro.

A MORTE DO MESMO DESEMBARGADOR.

Nasceste em pranto (débito preciso)
Com riso a vida deixas mui sonoro,
Por mostrar, se da morte da vida é choro,
Com mais razão da vida a morte é riso.

Enfim soube gozar o teu juízo
Da vida mais da morte o melhor foro
No sentimento, honras, e decoro,
Nos agrados, costumes, e no siso.

Ó mil vezes ditoso, que lograste
Da vida mais da morte a melhor sorte,
E antes que te deixasse, a deixaste.

E por dela triunfar de toda a sorte

Do nascimento a véspera apressaste,
Por lograr eterna vida a tua morte.

AO MESMO ASSUNTO PÊSAMES

Esqueça-se o materno sentimento,
Desterre-se a paterna saudade,
Que morrer com tal juízo, e cristandade,
Deve servir de mor contentamento.

Demasiar-se a mágoa, e o tormento
Ofender é a divina piedade,
Quando evita com a morte a maldade,
Destrói um tão bom procedimento.

Por dois dias, que mais viver podia
Querê-lo exposto ter a tanto dano,
Não pode ser amor, sim tirania.

Pois neste vosso próprio amor humano
O alívio pretendeis da companhia,
Sendo só vosso bem o seu engano.

AO MESMO DESEMBARGADOR CASANDO-SE COM A FILHA DO CAPITÃO
SEBASTIÃO BARBOSA

É questão mui antiga, e altercada
Entre os Letrados, e os Milicianos,
Sem se haver decidido em tantos anos,
Qual é mais nobre a pena, se a espada.

Discorrem em matéria tão travada
Altos entendimentos mais que humanos,
E julgam ter brasões mais soberanos
Uns, que Palas togada, outros, que armada.

Esta pois controvérsia tão renhida,
Tão disputada, quanto duvidosa
Cessou co desposório, que se ordena.

Uma pena a soltou mui entendida,
 Uma espada a cortou mui valerosa,
 Pois já se dão as mãos espada, e pena.

AO MESMO POR SUAS ALTAS PRENDAS.

Dou pruden nobre, huma afá

to, te, no, vel,
 Re cien benigno, e aplausí
 Úni singular ra inflexí
 co, ro, vel
 Magnífi precla incompará
 Do mun grave Ju inimitá
 do is vel
 Admira goza o aplauso crí
 Po a trabalho tan e t terrí
 is to ão vel
 Da pron execuç sempre incansá
 Voss fa Senhor sej notór
 a ma a ia
 L no cli onde nunc chega o d
 Ond de Ere só se tem memór
 e bo ia
 Para qu gar tal, tanta energ
 po de tod est terr é gentil glór
 is a a a ia
 Da ma remot sej um alegr

AO OUVIDOR-GERAL DO CRIME QUE TINHA PRESO O POETA
 (COMO ACIMA SE DIZ) EMBARCANDO-SE PARA LISBOA.

Lobo cerval, fantasma pecadora,
 Alimária cristã, selvagem humana,
 Que eras com vara pescador de cana,
 Quando devias ser burro de nora.

Leve-te Berzabu, vai-te em má hora,
 Levanta já daqui fato, e cabana,
 E não pares senão na Trapobana,
 Ou no centro da Líbia abrasadora.

Parta-te um raio, queime-te um corisco

Na cama estejas tu, sejas na rua,
Sepultura te dêem montes de cisco.

E toda aquela cousa, que for tua
Corra sempre contigo o mesmo risco,
Ó selvagem cristã, ó besta crua.

AO DESEMBARGADOR BELQUIOR DA CUNHA BROCHADO
VINDO DE SINDICAR, O RIO DE JANEIRO EM OCASIÃO,
QUE ESTAVA O POETA PRESO PELO OUVIDOR DO CRIME, PELO FURTO DE UMA NEGRA, SOLTANDO-SE
NA MESMA
OCASIÃO O LADRÃO.

Senhor Doutor: muito bem-vinda seja
A esta mofina, e mísera cidade
Sua justiça agora, e eqüidade,
E Letras, com que a todos causa inveja.

Seja muito bem-vindo: porque veja
O maior desbarate, e iniquidade,
Que se tem feito em uma, e outra idade
Desde que há tribunais, e quem os reja.

Que me há de suceder nestas Montanhas
Com um Ministro em Leis tão pouco visto,
Como previsto em trapas, e maranhas?

É Ministro de império, mero, e misto,
Tão Pilatos no corpo, e nas entranhas,
Que solta um Barrabás, e prende um Cristo.

AO MESMO DESEMBARGADOR PEDE O POETA JOCOSAMENTE UM ESCRAVO
SEU ALFAIATE PARA LHE FAZER U' A OBRA.

É este memorial de um afligido,
Se vos der mais enfado, do que deve,
Entendei do papel em que o escrevo,
Que dos trapos se fez do meu vestido.

Estou, há vinte meses, retraído
Por crime, que a dizer me não atrevo,
Acutilei por ser já velho, e gevo
Um vestido, que tinha de comprido.

Com isto está meu Pai muito enfadado,
E sobre ver-me roto me descose,
Porque comigo está desesperado.

Eu como um descosido, eu como as doze,
E como estou sem voz des *abrochado*,
Vos peço o Alfaiate, que vos cose.

AO PROVIDOR DOS AUSENTES, E DA SANTA CASA DO DESOR PEDRO
DE UNHÃO CASTELO BRANCO, ACHANDO-SE COM O POETA NO
SEU RETIRO DA PRAIA GRANDE.

**1 Aqui chegou o
D o u t o r ,
e basta, que o
Doutor diga,
para que explicar
c o n s i g a ,
que chegou o
P r o v e d o r :
de antinomásia o
Senhor,**

o nobre, o esclarecido,
já têm todos entendido,
que é aqui o Castelo Branco,
a quem o Céu fez tão branco
em sangue, como em apelido.

2 Chegou a estes areais,
e alegrou-se tanto o monete,
que num, e noutra horizonte
se vêem trêmulos sinais:
a alegria, que no mais
vegetável se entendia,
tanto obrava, tanto urdia,
em todo o tronco valente,
que em Letras do sol ardente
Castelo branco se lia.

3 O monte escreveu na falda
“aqui chegou o Doutor”
com Letras de branca flor
sobre papel de esmeralda:
o raio do Sol, que escalda,
o ar Largo, a folha breve
tanto o natural reteve,
que por impulso, ou por rogo
em vez de raios de fogo
arrojou campos de neve.

4 O Sol em seu parto Leito,
onde morre cada dia,
se escondeu de cortesia
talvez, talvez de respeito:
eu observava em meu peito,
que a boa conversação
do nosso Doutor Unhão
mui alta esfera subia:
mas não soube, se seria
de douto, ou de cortesão.

5
nosso gosto, vida, e agrado,
ele diz, que vai forçado,
e eu que por ser inimigo:
tão bem molesta o amigo,
quando se ausenta, e se deixa:
porém será injusta queixa,
a que eu fizer nesta parte,
pois quem forçado se parte,
de inimigo não me deixa.

Foi-se levando consigo

AO RETIRAR-SE LHE MANDOU O POETA UM REFRESCO
COM ESTAS DÉCIMAS.

1 Atrevido este criado
apresenta à companhia
limitada ninharia
para tão grande senado:
isto vai por desenfado,
e ter, em que se entreter,
quem saiu a espairecer,

e não há, que reparar,
que quem anda pelo mar
há de ter, em que esmoer.

**2 Q u e m
caminha, ou faz
v i a g e m ,
nunca se pode
e n f a d a r
do porto, que vai
b u s c a r
se leva
matalotagem:
e inda que tenha
e s t a l a g e m ,
bem é, que vá
p r e v e n i d o
do bom presunto
c o z i d o ,
paio, queijo, e
s a l s i c h ã o ,
porque tudo na
o c a s i ã o
serve para o
indivíduo.**

**A TRÊS MULATOS QUE POR TIRAREM AS ESPADAS CONTRA
UNS DESEMBARGADORES FORAM A ENFORCAR
ATANAZADOS, E ESQUARTEJADOS.**

1 Jogaram a espadilha
três canzarrões co'a Justiça,
e como o demo as enguiça,
iam sempre à cascarrilha:
não achavam na cartilha
carta de jeito, ou feitio
para trunfarem com brio,
ante jogo tão nefando,
que um quarto de hora jogando
perderam seis mãos a fio.

2

**Não sendo de perder fartos
para o seu total destroço
perdido o dinheiro grosso,
perderam também os quartos:
mas depois de azares artos,
virão os três pescadores,
que a Justiça destra em flores**

**em jogando com maraus
sempre ganha com três paus
os maiores matadores.**

3 Ao tempo, que os três sentiram,
que o tal jogo os embarranca,
todos se viram sem branca,
mas sem alva não se viram:
do jogo se despediram
sentido do espalhafato,
mas tão nus do esfola-gato,
que de pura compaixão
lhes vestiu a Relação
uma fralda de barato.

**4 Tanto ali se
entristeceram,
e tanto se
trespassaram,
que a todos nos
admiraram,
quando assim se
suspenderam:
finalmente os três
morreram
uma morte tão
veloz,
que ao veneno
mais atroz
 nenhuns tão
presto acabaram,
como estes,
quando
cheiraram
as entrepernas do
algoz.**

**5 Jogar sobre
mesa rasa
com seis
Desembargadores,
isso não, que aos
matadores
nunca deixam
fazer vaza:
se aos treze
esquadrões a brasa,
aos mais sirva de
exemplar,
e quando**

queiram jogar,
joguem, mais ao
truque não,
que os três paus
da Relação
sempre é carta de
ganhar.

6 Com becas qualquer joguinho
sempre é mui prejudicial,
pois com jogo tal, ou qual
sempre levam de codilho:
têm cartas de garrotilho,
porque têm cartas de agarro,
e os que imaginam, que é barro
jogar com Ministro inteiro,
se esperam rodar dinheiro,
hão de rodar sobre um carro.

7 Vós, que na cidade vistes
tantos quartos, e tão artos,
entendei, que tão maus quartos
resultam de horas mui tristes:
e os que de vê-los fugistes,
crede, que a hora não tarda,
a quem a má sorte aguarda,
antes deveis de entender,
que a toda a casa há de arder,
a quem seus quartos não guarda.

8 Alerta Pardos do trato,
a quem a soberba emborca,
que pode ser hoje forca,
o que foi ontem mulato:
alerta que o aparato
daquele pendente pé,
que na parede se vê,
vos prega com voz sincera,
que se sois, o que ele era,
podeis ser, o que ele é.

PRESOS TRÊS HOMENS DE QUATRO, QUE POR SEU DESENFADO COSTUMAVAM
ATIRAR PEDRADAS ÀS JANELAS DO PALÁCIO, UM DELES
POR SER MULATO, SAIU A AÇOUTAR PELAS RUAS E OS DOUS FORAM PARA AS
GALÉS. ESTA OBRA FEZ O POETA SENDO ESTUDANTE.

1 Senhores: com que motivo
vós tentastes a fazer,
sem castigo algum temer,

um excesso tão nocivo?
(disse o Algoz compassivo
a um dos da carambola,
quando o leva pela gola)
e a gente, que ali se pôs,
via a pé quedo o Algoz
muitas vezes dar à sola.

2 Nestas retiradas suas,
que fazia o tal madraço
sacudia-lhe o espinhaço
cum par de soletas cruas:
dava-lhe nas costas nuas
palmadas tão bem dispostas,
que o Mulato co'as mãos postas
disse dos açoutes dados,
sendo dos mais os pecados,
eu somente os levo às costas.

3 A gente, que isto lhe ouviu,
por saber do caso atroz,
pedia muito ao Algoz,
lho dissesse, e ele se riu:
finalmente prosseguiu
a dizer o caso a uns poucos,
que de pasmo ficam moucos
a alguns deles quase mudos
de ver, que quatro sisudos
tomem ofícios de loucos.

4 Diz-lhe mais o Algoz pascácio,
que sem terem nisso medras,
os quatro atiraram pedras
às janelas do Palácio:
e que fazendo agarrácio
dos três, escapou de um,
mas cuidando se algum
dos mais ligeiros ao peso,
fora, o que escapou de preso,
mais ligeiro, que nenhum.

5 Um inocente agarrado
foi também na travessura,

sendo que não faz loucura
moço tão bem inclinado:
outro será castigado
pela ousadia sobeja
e porque este vulgo veja
(se com ele não se engana)
fez, com que pela semana
não fosse o Domingo à Igreja.

- 6 Estes outros dous, ou três,
que se agarraram de noite,
se se escaparam do açoite,
terão por certo galés:
Não de sentir o revés
deste excesso, que fizeram,
pois eles assim quiseram:
mas vejo não sentirão,
se por castigo lhes dão
ir para donde vieram.

em seguro vos pusestes,
porque dos pés vos valestes
não sejais tão temerário:
sede nisto imaginário,
pois tão bem destes à sola
que se noutra carambola
vos meteis co amigo Baco,
ele às vezes é velhaco,
dará convosco em Angola.

7 Vós, que do caso adversário

7 - SANTOS UNHATES

*para levar tudo ao punho,
que só por força tem cunho,
ou cruzes o seu dinheiro.*

Todos, os que não furtam, muito pobres.

PONDO OS OLHOS PRIMEIRAMENTE NA SUA CIDADE CONHECE,
QUE OS MERCADORES SÃO O PRIMEIRO MÓVEL DA RUÍNA,
EM QUE ARDE PELAS MERCADORIAS INÚTEIS E ENGANOSAS.

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sangaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

DESCREVE COM MAIS INDIVIDUAÇÃO A FIDÚCIA, COM QUE OS
ESTRANHOS SOBEM A ARRUIRAR SUA REPÚBLICA.

Senhora Dona Bahia,
nobre, e opulenta cidade,
madrasta dos Naturais,
e dos Estrangeiros madre.
Dizei-me por vida vossa,
em que fundais o ditame
de exaltar, os que aí vêm,
e abater, os que ali nascem?
Se o fazeis pelo interesse,
de que os estranhos vos gabem,
isso os Paisanos fariam
com duplicadas vantagens.
E suposto que os louvores
em boca própria não cabem,
se tem força terá a verdade.
O certo é, Pátria minha,
que fostes terra de alarves,
e inda os ressábios vos duram
desse tempo, e dessa idade.
Haverá duzentos anos,
(nem tantos podem contar-se)
que éreis uma aldeia pobre,
e hoje sois rica cidade.
Então vos pisavam Índios,
e vos habitavam cafres,
hoje chispais fidalguias,
arrojando personagens.

A essas personagens vamos,
sobre elas será o debate,
e queira Deus, que o vencer-vos
para envergonhar-vos baste.
Sai um pobrete de Cristo
de Portugal, ou do Algarve
cheio de drogas alheias
para daí tirar gages:
O tal foi sota-tendeiro
de um cristão-novo em tal parte,
que por aqueles serviços
o despachou a embarcar-se.
Fez-lhe uma carregação
entre amigos, e compadres:
e ei-lo comissário feito
de linhas, lonas, beirames.
Entra pela barra dentro,
dá fundo, e logo a entonar-se
começa a bordo da Nau
cum vestidinho flamante.
Salta em terra, toma casas,
arma a botica dos trastes,
em casa come Baleia,
na rua entoja manjares.
Vendendo gato por lebre,
antes que quatro anos passem,
já tem tantos mil cruzados,
segundo afirmam Pasguates.
Começam a olhar para ele
os Pais, que já querem dar-lhe
Filha, e dote, porque querem
homem, que coma, e não gaste.
Que esse mal há nos mazombos,
têm tão pouca habilidade,
que o seu dinheiro despendem
para haver de sustentar-se.
Casa-se o meu matachim,
põe duas Negras, e um Pajem,
uma rede com dous Minas,
chapéu-de-sol, casas-grandes.
Entra logo nos pilouros,
e sai do primeiro lance
Vereador da Bahia,
que é notável dignidade.
Já temos o Canastreiro,
que inda fede a seus beirames,
metamorfoses da terra
transformado em homem grande:
e eis aqui a personagem.
Vem outro do mesmo lote
tão pobre, e tão miserável
vende os retalhos, e tira
comissão com couro, e carne.
Co principal se levanta,
e tudo emprega no Iguape,
que um engenho, e três fazendas
o têm feito homem grande;

e eis aqui a personagem.
Dentre a chusma e a canalha
da marítima bagagem
fica às vezes um cristão,
que apenas benzer-se sabe:
Fica em terra resoluto
a entrar na ordem mercante,
troca por côvado, e vara
timão, balestilha, e mares.
Arma-lhe a tenda um ricaço,
que a terra chama Magnate
com pacto de parceria,
que em direito é sociedade:
Com isto a Marinheiraz
do primeiro jacto, ou lance
bota fora o cu breado,
as mãos dissimula em guantes.
Vende o cabedal alheio,
e dá com ele em Levante,
vai, e vem, e ao dar das contas
diminui, e não reparte.
Prende aqui, prende acolá,
nunca falta um bom Compadre,
que entretenha o acredor,
ou faça esperar o Alcaide.
Passa um ano, e outro ano,
esperando, que ele pague,
que uns lhe dão, para que junte,
e outros mais, para que engane.
Nunca paga, e sempre come,
e quer o triste Mascate,
que em fazer a sua estrela
o tenham por homem grande.
O que ele fez, foi furtar,
que isso faz qualquer bribante,
tudo o mais lhe fez a terra
sempre propícia aos infames
e eis aqui a personagem.
Vem um Clérigo idiota,
desmaiado com um jalde,
os vícios com seu bioco,
com seu rebuço as maldades:
Mais Santo do que Mafoma
na crença dos seus Árabes,
Letrado como um Matulo,
e velhaco como um Frade:
Ontem simples Sacerdote,
hoje uma grã dignidade,
ontem selvagem notório,
hoje encoberto ignorante.
Ao tal Beato fingido
é força, que o povo aclame,
e os do governo se obriguem,
pois edifica a cidade.
Chovem uns, e chovem outros
com ofícios, e lugares,
e o Beato tudo apanha

por sua muita humildade.
Cresce em dinheiro, e respeito,
vai remetendo as fundagens,
compra toda a sua terra,
com que fica homem grande,
e eis aqui a personagem.
Vêm outros zotes de Réquiem,
que indo tomar o caráter
todo o Reino inteiro cruzam
sobre a chanca viandante.
De uma província para outra
como Dromedários partem,
caminham como camelos,
e comem como selvagens:
Mariolas de missal,
lacaio missa-cantante
sacerdotes ao burlesco,
ao sério ganhões de altares.
Chega um destes, toma amo,
que as capelas dos Magnates
são rendas, que Deus criou
para estes *Orate fratres*.
Fazem-lhe certo ordenado,
que é dinheiro na verdade,
que o Papa reserva sempre
das ceias, e dos jantares.
Não se gasta, antes se embolsa,
porque o Reverendo Padre
é do Santo Nicomedes
meritíssimo confrade;
e eis aqui a personagem.
Vêm isto os Filhos da terra,
e entre tanta iniquidade
são tais, que nem inda tomam
licença para queixar-se.
Sempre vêem, e sempre falam,
até que Deus lhes depare,
quem lhes faça de justiça
esta sátira à cidade,
Tão queimada, e destruída
te vejas, torpe cidade,
como Sodoma, e Gomorra
duas cidades infames.
Que eu zombo dos teus vizinhos,
sejam pequenos, ou grandes
gozos, que por natureza
nunca mordem, sempre latem.
Que eu espero entre Paulistas
na divina Majestade,
Que a ti São Marçal te queime,
E São Pedro assim me guarde.

JULGA PRUDENTE E DISCRETAMENTE AOS MESMOS POR CULPADOS EM
UMA GERAL FOME QUE HOVE NESTA CIDADE PELO DESGOVERNO
DA REPÚBLICA, COMO ESTRANHOS NELA.

- 1 Toda a cidade derrota
esta fome universal,
uns dão a culpa total
à Câmara, outros à frota:
a frota tudo abarrota
dentro nos escotilhões
a carne, o peixe, os feijões,
e se a Câmara olha, e ri,
porque anda farta até aqui,
é cousa, que me não toca;
Ponto em boca.²⁶⁰

- 2 Se dizem, que o Marinheiro
nos precede a toda a Lei,
porque é serviço d'EI-Rei,
concedo, que está primeiro:
mas tenho por mais inteiro
o conselho, que reparte
com igual mão, igual arte
por todos, jantar, e ceia:
mas frota com tripa cheia,
e povo com pança oca!
Ponto em boca.

- 3 A fome me tem já mudo,
que é muda a boca esfaimada;
mas se a frota não traz nada,
por que razão leva tudo?
que o Povo por ser sisudo
largue o ouro, e largue a prata
a uma frota patarata,
que entrando co'a vela cheia,
o lastro que traz de areia,
por lastro de açúcar troca!
Ponto em boca.

- 4 Se quando vem para cá,
nenhum frete vem ganhar,
quando para lá tornar,
o mesmo não ganhará:
quem o açúcar lhe dá,
perde a caixa, e paga o frete,
porque o ano não promete
mais negócio, que perder
o frete, por se dever,
a caixa, porque se choca:
Ponto em boca.

- 5 Eles tanto em seu abrigo,
e o povo todo faminto,
ele chora, e eu não minto,
se chorando vo-lo digo:

tem-me cortado o embigo
este nosso General,
por isso de tanto mal
lhe não ponho alguma culpa;
mas se merece desculpa
o respeito, a que provoca,
Ponto em boca.

- 6 Com justiça pois me torno
à Câmara Nô Senhora,
que pois me trespassa agora,
agora leve o retorno:
praza a Deus, que o caldo morno,
que a mim me fazem cear
da má vaca do jantar
por falta do bom pescado
lhe seja em cristéis lançado;
mas se a saúde lhes toca:
Ponto em boca.

NO ANO DE 1686 DIMINUÍRAM AQUELE VALOR, QUE SE HAVIA
ERGUIDO À MOEDA, QUANDO O POETA ESTAVA NA CORTE,
ONDE ENTÃO COM SEU ALTO JUÍZO SENTIU MAL DO ARBITRISTA,
QUE ASSIM ACONSELHARA A EL REI, QUE FOI O PROVIDOR DA
MOEDA CHAMADO NICOLAU DE TAL, À QUEM FEZ AQUELA CÉLEBRE OBRA
INTITULADA “MARINÍCULAS” O QUE CLARAMENTE SE DEIXA VER NESTES VERSOS:

“Sendo pois o alterar da moeda
o asopro, o arbítrio, o ponto, o ardil,
de justiça a meu ver se lhe devem
as honras, que teve Ferraz, e Soliz”

AGORA COM A EXPERIÊNCIA DOS MALES, QUE PADECE A REPÚBLICA
NESTAS ALTERAÇÕES, SE JACTA DE O HAVER ESTRANHADO
ENTÃO: JULGANDO POR CAUSA TOTAL OS AMBICIOSOS
ESTRANGEIROS INIMIGOS DOS BENS ALHEIOS.

- 1 Tratam de diminuir
o dinheiro a meu pesar,
que para a cousa baixar
o melhor meio é subir:
quem via tão alto ir,
como eu vi ir a moeda,
lhe prognosticou a queda,
como eu lha prognostiquei:
dizem, que o mandou El-Rei,
quer creiais, quer não creiais.
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.
- 2 Manda-o a força do fado,
por ser justo, que o dinheiro

baixe a seu valor primeiro
depois de tão levantado:
o que se vir sublimado
por ter mais quatro mangavas,
hão de pesá-lo as oitavas,
e por leve hão de enjeitá-lo:
e se com todo este abalo
por descontentes vos dais,
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

3 As pessoas, que quem rezo,
hão de ser como o ferrolho,
val pouco tomado a olho,
val menos tomado a peso:
os que prezo, e que desprezo
todos serão de uma casta,
e só moços de canastra
entre veras, e entre chanças
com pesos, e com balanças
vão a justicar os mais:
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

4 Porque como em Maranhão
mandam novelos à praça,
assim vós por esta traça
mandareis o algodão:
haverá permutação,
como ao princípio das gentes,
e todos os contraentes
trocarão droga por droga,
pão por sal, lenha por soga,
vinhas por canaviais:
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

5 Virá a frota para o ano,
e que leve vós agouro
senão tudo a peso de ouro,
a peso tudo de engano:
não é o valor desumano,
que a cada oitava se dá
da prata, que corre cá,
pelo meu fraco conceito,
mas ao cobrar fiel direito,
e oblíquo, quando pagais;
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

6 Bem merece esta cidade
esta aflição, que a assalta,
pois os dinheiros exalta
sem real autoridade:
eu se hei de falar verdade,
o agressor do delito
devia ser só o aflito:

mas estão tão descansados,
talvez que sejam chamados
nesta frota, que esperais;
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

8 - A MUSA PRAGUEJADORA

*E bem que os descantei bastantemente
canto segunda vez na mesma lira
o mesmo assunto, em plectro diferente.*

Que a mudez canoniza bestas feras.

Oh que cansado trago o sofrimento.

QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI ERRADO E QUERENDO
EMENDÁ-LO O TEM POR EMPRESA DIFFICULTOSA.

**Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.**

O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ornadas,
Do que anda só o engenho mais profundo.

Erra, quem presumir, Não é fácil viver entre os insanos,
Se o atalho não soube dos seus danos, que sabe tudo,

O prudente varão há de ser mudo,
Que é melhor neste mundo o mar de enganos
Ser louco cos demais, que ser sisudo.

**SANTIGUA-SE O POETA CONTRA OUTROS PATARATAS AVARENTOS,
INJUSTOS, HIPÓCRITAS, MURMURADORES E POR VÁRIAS MANEIRAS
VICIOSOS, O QUE TUDO JULGA EM SUA PÁTRIA.**

1 Destes, que campam no mundo
sem ter engenho profundo,
e entre gabos dos amigos
os vemos em papa-figos
sem tempestade, nem vento:
Anjo Bento.

2 De quem com Letras secretas
tudo, o que alcança é por tretas,
baculejando sem pejo
por matar o seu desejo
dês de manhã até a tarde:
Deus me guarde.

3 Do que passeia farfante
muito prezado de amante,
por fora luvas, galões,
insígnias, armas, bastões,
por dentro pão bolorento:
Anjo Bento.

4 Destes beatos fingidos
cabisbaixos, encolhidos,
por dentro fatais maganos,
sendo nas caras uns Janos,

que fazem do vício alarde:
Deus me guarde.

5 Que vejamos teso andar,
quem mal sabe engatinhar,
mui inteiro, e presumido,
ficando o outro abatido
com maior merecimento:
Anjo Bento.

6 Destes avaros mofinos,
que põem na mesa pepinos
de toda a iguaria isenta,
com seu limão, e pimenta,
porque diz que queima, e arde:
Deus me guarde.

7 Que pregue um douto sermão
um alarve, um asneirão,
e que esgrima em demasia,
quem nunca já na Sofia
soube pôr um argumento:
Anjo Bento.

8 Deste Santo emascarado,
que fala do meu pecado,
e se tem por Santo Antônio,
mas em lutas co demônio
se mostra sempre cobarde:
Deus me guarde.

9	Que	atropelando	a	justiça
	só	com	virtude	postiça
	se	premie	o	delinqüente,
	castigando		o	inocente
	por	um	leve	pensamento:
	Anjo			Bento.

EXPÕEM ESTA DOCTRINA COM MIUDEZA E ENTENDIMENTO CLARO,
E SE RESOLVE A SEGUIR SEU ANTIGO DITAME.

- 1 Que néscio, que era eu então,
quando o cuidava, o não era,
mas o tempo, a idade, a era
puderam mais que a razão:
fiei-me na discricção,
e perdi-me, em que me pes,
e agora dando ao través,
vim no cabo a entender,
que o tempo veio a fazer,
o que a razão nunca fez. .

- 2 O tempo me tem mostrado,
que por me não conformar
com o tempo, e co lugar
estou de todo arruinado:
na política de estado
nunca houve princípios certos,
e posto que homens espertos
alguns documentos deram,
tudo, o que nisto escreveram,
são contingentes acertos.

- 3 Muitos por vias erradas
têm acertos mui perfeitos,
muitos por meios direitos,
não dão sem erro as passadas:
cousas tão disparatadas
obra-as a sorte importuna,
que de indignos é coluna,
e se me há de ser preciso
lograr fortuna sem siso,
eu renuncio à fortuna.

- 4 Para ter por mim bons fados
escuso discretos meios,
que há muitos burros sem freios,
e mui bem afortunados:
logo os que andam bem livrados,
não é própria diligência,
é o céu, e sua influêncía,
são forças do fado puras,
que põem mantidas figuras
do teatro da prudência.

- 5 De diques de água cercaram
esta nossa cidadela,
todos se molharam nela,
e todos tontos ficaram:
eu, a quem os céus livraram

desta água fonte de asnia,
fiquei são da fantasia
por meu mal, pois nestes tratos
entre tantos insensatos
por sisudo eu só perdia.

6 Vinham todos em manada
um simples, outro doudete,
este me dava um moquete,
aquele outro uma punhada:
tá, que sou pessoa honrada,
e um homem de entendimento;
qual honrado, ou qual talento?
foram-me pondo num trapo,
vi-me tornado um farrapo,
porque um tolo fará cento.

7 Considerarei logo então
os baldões, que padecia,
vagarosamente um dia
com toda a circunspeção:
assentei por conclusão
ser duro de os corrigir,
e livrar do seu poder,
dizendo com grande mágoa:
se me não molho nesta água,
mal posso entre estes viver.

8 Eia, estamos na Bahia,
onde agrada a adulação,
onde a verdade é baldão,
e a virtude hipocrisia:
sigamos esta harmonia
de tão fátua consonância,
e inda que seja ignorância
seguir erros conhecidos,
sejam-me a mim permitidos,
se em ser besta está a ganância.

9 Alto pois com planta presta
me vou ao Dique botar,
e ou me hei de nele afogar,
ou também hei de ser besta:
do bico do pé à testa
lavei as carnes, e os ossos:
ei-los vêm com alvoroços
todos para mim correndo,
ei-los me abraçam, dizendo,
agora sim, que é dos nossos.

10 Dei por besta em mais valer,
um me serve, outro .me presta;

não sou eu de todo besta,
pois tratei de o parecer:
assim vim a merecer
favores, e aplausos tantos
pelos meus néscios encantos,
que enfim, e por derradeiro
fui galo de seu poleiro,
e lhes dava os dias santos.

11 Já sou na terra bem visto,
louvado, e engrandecido,
já passei de aborrecido
ao auge de ser benquisto:
já entre os grandes me alisto,
e amigos são, quando topo,
estou fábula de Esopo
vendo falar animais,
e falando eu que eles mais,
bebemos todos num copo.

12		Seja	pois	a	conclusão,
que	eu	me	pus	aqui	escrever,
o		que		devia	fazer,
mas	que		tal	faça,	não:
decrete		a		divina	mão,
influem			malignos		fados,
seja	eu	entre	os		desgraçados
exemplo		de			desventura:
não		culpem	minha		cordura,
que	eu	sei,	que	são	meus
					pecados.

SACODE A OUTROS, QUE PECAVAM NA PRESUNÇÃO
E ATREVIMENTO INDIGNOS.

1 Um vendelhão baixo, e vil
de cornos pôs uma tenda,
e confiado, em que os venda,
corre por todo o Brasil:
para mim de tantos mil
lhe mandei, que me guardasse,
se verdade não falasse
em sobrosso, e com sojorno:
Um corno.

2 Para o Alcaide ladrão
com despejo, e com temor,
que na mão leva o Doutor,
na barriga a Relação:
indo à casa de um Sansão
entra audaz, e confiado,
e faz penhora no estado
da mulher, e seu adornos:

dois cornos.

- 3 Para o escrivão falsário,
que sem chegar-lhe à pousada,
dando a parte por citada,
dá fé, e cobra o salário:
e sendo o feito ordinário,
como corre à revelia,
sai a sentença num dia
mais amarga que piornos:
três cornos.

- 4 Para o Julgador Orate
ignorante, e fanfarrão,
que sendo Conde de Unhão,
já quer ser Marquês de Unhate:
e por qualquer dou-te, ou dá-te
resolve do invés um feito
e assola a torto, e direito
a cidade, e seus contornos:
quatro cornos.

- 5 Para o Judas Macabeu,
que porque na tribo estriba,
foi de Capitão a Escriba,
e de Escriba a Fariseu:
pois no officio se meteu
a efeito só de comer,
sufrágios, que em vez de os ter,
quer antes arder em fornos:
cinco cornos.

- 6 Para o bêbado mestiço,
e fidalgo atravessado,
que tendo o pernil tostado,
cuida, que é branco castiço:
e de flatos enfermiço
se ataca de jeribita,
crendo, que os flatos lhe quita,
quando os vomita em retornos:
seis cornos.

- 7 Para o Cônego observante
todo o dia, e toda a hora,
cuja carne é pecadora
das completas por diante:
cara de disciplinante,
queixadas de penitente,
e qualquer jimbo corrente
serve para seus subornos:
sete cornos.

- 8 Para as Damas da Cidade
 Brancas, Mulatas, e Pretas,
 que com sortílegas tretas
 roubam toda a liberdade:
 e equivocando a verdade
 dizem, que são um feitiço,
 não o tendo em o cortiço
 tanto como caldos mornos:
 oito cornos.
- 9 Para o Frade confessor,
 que ouvindo um pecado horrendo
 se vai pasmado benzendo,
 fugindo do pecador:
 e sendo talvez pior
 do que eu, não quer absolver-me,
 talvez porque inveja ver-me
 com tão torpes desadornos:
 nove cornos.
- 10 Para o Pregador horrendo,
 que a Igreja esturgindo a gritos,
 nem ele entende os seus ditos,
 nem eu também os entendo:
 e a vida, que está vivendo,
 é lá por outra medida,
 e a mim me giza uma vida
 mais amarga, que piornos:
 dez cornos.
- 11 Para o Santo da Bahia,
 que murmura do meu verso,
 sendo ele tão perverso,
 que a saber fazer faria:
 e quando a minha Talia
 lhe chega às mãos, e ouvidos
 faz na cidade alaridos,
 e vai gostá-la aos contornos:
 mil cornos.

SATIRIZA O POETA ALEGORICAMENTE ALGUNS LADRÕES,
 QUE MAIS SE ASSINALAVAM NA REPÚBLICA. ABOMINANDO
 A VARIEDADE E O MODO DE FURTAR.

vi	sobre	Ontem,	Nise,	a	prima	noite
assentados		o	vosso			telhado
cinco,	ou	em	formosos			cabido
Estava	a	seis	mui			gatos.
fazia	um	noite	luar			clara,
e	porque	tudo	vos			galhardo,
						diga,

estava	eu	em	vós	cuidando.
O	Presidente,		ou	Deão
na		Cumeeira		sentado
era	um		gato	macilento
barbirruço,		e		carichato.
Os	demais	em	boa	ordem
pela		cumeeira		abaixo
lavandeiros		de	si	mesmos
lavavam		punhos,	e	rabos.
Tão	profundo	era	o	silêncio,
que	não	se	ouviam	um
e	o	Deão	o	interrompeu
dando	um		mio	acatarrado.
Tossiu,	tossiu,	e	não	pôde
articular		um		miu,
que	de		puro	penitente
traz	sempre	o	peito	cerrado.
Eis	que	um	gatinho	reinol
mui	estético,	e	mui	magro
relambido		de		feições,
e	de		tono	afalsetado:
quis	por		primeiro	falar,
e	falara	em	todo	o
se	outro		gato	casquiduro
lhe	não	saíra	aos	embargos.
Eu	sou	gato	de	um
(disse)	que		pelos	meirinho
vim	fugindo	a	todo	o
do	poder	de	um	saibam-quantos.
Com	que	venho	a	concluir,
que	servindo	a	tais	dois
hei	de	falar	por	primeiro,

porque sou gato dos gatos.
 Fale, disse o Presidente,
 pois lhe toca pro anciano;
 e ele tomando-lhe a vênica,
 foi o seu conto contando.
 Em casa deste Escrivão
 me criei com tal regalo,
 que os demais gatos da casa
 eram comigo uns bichanos.
 Mas cresci, e aborreci,
 porque se cumpra o adágio,
 que o oficial do mesmo ofício
 é inimigo declarado.
 Foi me tomando tal ódio,
 porque foi vendo, e notando,
 que era capaz eu de dar-lhe
 até no ofício um gataço.
 Topou me em uns entreforros,
 e tirando-me porraços,
 eu lhe miava os narizes,
 quando ele me enchia os quartos.
 Fugi, como tenho dito,
 e me acolhi ao sagrado
 de uma vara de justiça,
 que é valhacouto de gatos.

Sai meu amo aos prendimentos,
e eu fico em casa encerrado
por caçador de balcões,
onde jejuo o trespasso.
Porque em casa de um meirinho
nas suas arcas, e armários
é quaresma toda a vida,
e tēmporas todo o ano.
Não posso comer ratinhos,
porque cuido, e não me engano
que de meu amo são todos
ou parentes, ou paisanos.
Porque os ratinhos do Douro
são grandíssimos velhacos:
em Portugal são ratinhos,
e cá no Brasil são gatos.
Eu sou gato virtuoso,
que a puro jejum sou magro,
não como, por não ter quê,
não furto, por não ter quando.
E como sobra isto hoje,
para me terem por Santo,
venho pedir, que me ponham
no Calendário dos gatos.
Acabada esta parlenda
mui ético do espinhaço
sobre a muleta das pernas
se levantou outro gato:
Dizendo: há anos, que sirvo
na casa de um Boticário,
que a récipe de pancadas
me tem os bofes purgado.
Queixa-se, que lhe comi
um boião de unguento branco,
e bebi-lhe a mesma noite
um canjirão de ruibarbo.
Diz bem, porque assim passou;
mas eu fiquei tão passado
como de tal solutivo
dirá qualquer mata-sanos.
Fiquei de humores exangue,
tão escorrido, e exausto,
que não sou gato de humor,
porque nem bom, nem mau gasto.
Suplico ao senhor Cabido,
que de um homem tão malvado
me vingue com ter saúde,
por não gastar os emplastos.
Apenas este acabou,
quando se ergueu outro gato,
e entoando o jube domine
disse humilde, e mesurado:
Meu amo é um bom Alfaiate
gerado sobre um telhado
na maior força do inverno,
alcoviteiro dos gatos.
É pardo rajado em preto,

ou preto embutido em pardo,
malhado, ou já malhadiço
do tempo, em que fora escravo.
Tão caçador das ourelas,
tão meador de retalhos,
que com onças de retrós
brinca qual gato com ratos.
E porque eu com dois fios
joguei o sapateado,
houve de haver por tão pouco
uma de todos os diabos.
Estrugiu-me a puros gritos,
e plantou-me no pedrado;
ele pelo cabo é cão,
e eu fiquei gato por cabo.
Que de verdades dissera,
a estar menos indignado!
mas para falar de um cão
é mui suspeito um gato.
Pelo menos quando eu corto,
nunca dobro a tela em quatro,
por dar um colete ao demo,
e outro a mim pelo trabalho.
Nem menos peço dinheiro
para retrós e o não gasto,
porque o gavetão do cisco
me dá o retrós necessário.
Não cirzo còvado, e meio
por dar um colete ao diabo,
nem vendo de tela fina
retalhinhos de três palmos.
Tudo enfim se há de saber
no universal cadafalso,
que no tribunal de Deus
não se estilam secretários.
Requeiro a vossas mercês,
que me ponham com outro amo,
porque com este hei de estar
sempre como cão com gato.
À vista deste Alfaiate
disse o Cabido espantado,
somos nós gatos mirins,
que inda agora engatinhamos.
O gato tome outro amo
em qualquer convento honrado,
seja Fundador Barbônio,
ou Sacristão-mor do Carmo.
A propósito do que
se foi erguendo outro gato,
e amortalhado de mãos
armou os lombos em arco:
E dizendo o jube domine
se pôs em terra prostrado:
e eu disse logo: me matem,
se não é dos Franciscanos.
Sou gato de refeitório,
disse, há três ou quatro anos,

pajem do refeitoreiro,
do despenseiro criado.
Fui Custódio da cozinha,
e dei mal conta do cargo,
porque sisando rações,
fui guardião dos traçalhos.
Eu era por outro tempo
mui gordo, e mui anafado,
porque os da esmola então vinham
despejar-me em casa os sacos.
Mas hoje, que já da rua
vêm cos bolsos despejados,
veio a ser o refeitório
uma Tebaida de gatos.
Não pode o pão das esmolas
manter tantos Remendados,
que em lhe manter as amigas
(sendo infinitas) faz arto.
Dei com isto entisicar-me,
e esburgar-me do espinhaço,
não tanto já de faminto,
quanto de escandalizado.
Não posso viver entre homens,
que se remendam seus panos,
é mais por nos enganar,
que porque lhes dure o ano.
E hoje, que na casa nova
gastam tantos mil cruzados,
são gatos de maior dura,
pois de pedra, e cal são gatos.
Palavras não eram ditas,
quando zunindo, e silvando
sentiram pelas orelhas
um chuvaireiro de bastardos.
E logo atrás disso um tiro
de um bacamarte atacado,
que disparou de um quintal
um malfazejo soldado.
Descompôs-se a audiência,
e cada qual por seu cabo
pela campanha dos ares
foram de telha em telhado.
E depois que légua e meia
tinha cada qual andado,
parando, olharam atrás
atônitos, e assustados.
E vendo-se desunidos,
confusos, desarranchados,
usaram de contra-senha
miau aqui, ali, miau.
Mas depois, que se juntaram,
disse uma gato castelhano,
cada qual a su cabana,
que hoje de boa escapamos.
Chuvicou naquele instante,
e safaram-se de uma salto,
porque sempre da água fria

tem medo o gato escaaldado.

COM VISTA CLARA SACODE OS ENTREMETIDOS, MENCIONANDO
ALGUNS DE SEUS PATRÍCIOS, QUE MAIS O ENFADAVAM.

A várias pessoas

- 1 Como nada vêem
e andam sempre aos tombos
querem os mazombos
que eu cegue também:
não temo ninguém,
e se os matulões
hão medo a prisões,
eu sou de carona:
forro minha cona

- 2 Olhem para a terra
que está nestes anos
gafa de maganos
que El-Rei o desterra:
O pano da Serra
em sedas trocou
quem lá sempre andou
em uma atafona:
forro minha cona

- 3 Verão um sandeu
que quer sem disputa
ser filho da puta,
por não ser judeu:
se hábitos perdeu
por ser cristão-novo,
a mim todo o povo
de velho me abona:
forro minha cona

- 4 Aquele é de ver,
que apuros aqueles
explica por eles,
quanto quer dizer:
Não posso sofrer
que um tangarumanga
use de pendanga
com língua asneirona:
forro minha cona

- 5 Verão um jumento
de figura rara,
que anda sempre a vara,
por lhe darem vento:

Notável portento
neste tal se enxerga,
pois trás a chomberga
a barba capona:
forro minha cona

- 6 Verão um vilão
na dona montanha
farto de castanha
faminto de pão:
e se bem à mão
com bois e arado
cultivou o prado
de Flora, e Pamona:
forro minha cona
- 7 Clérigo verão
que porque em Cantabra
nasceu de uma cabra
cresceu a cabrão:
Tão fino ladrão
que até a filha alheia
com ser cananéia
furta à mãe putona:
forro minha cona
- 8 Verão um Doutor
em Judá nascido
mais entremetido
que um grande fedor:
Grande assistidor
de Igreja festeira,
que ao longe lhe cheira
como mangerona:
forro minha cona
- 9 Verão um Galego
grande salvajola,
veste à mariola,
anda ao palacego:
Fidalgo Noroego
em cruz de Calvário,
que um certo falsário
nos peitos lhe entona:
forro minha cona
- 12 Verão um inocente,
que a fidalgo vai
e calando o pai
a mãe diz somente:
A este impertinente
lembro-lhe o Godim
do pai matachim,

e a mãe vendilhona:
forro minha cona

13 Verão um pasguate
Monstro de ouro, e prata,
que sendo uma pata,
é filho de um gato:
A renda de um trato
pôs por seu regalo
um burro a cavalo
de sela mamona:
forro minha cona

14 Entre outros ladrões
verão um letrado
na mente graduado
de quatro asneirões:
Na cara pontões
na idéia nem ponto,
e ou tonto, ou não tonto,
de rico blasona:
forro minha cona

15 Verão um alvar
fidalgo tendeiro,
que o pai sapateiro
lhe fez o solar:
Cônego ultramar
por duas patacas
ferrou ontem atacas
e hoje se entona:
forro minha cona

16 Verão outro Zote,
a quem Satanás
por culpas de atrás
fará galeote:
O tal sacerdote
só prega a doutrina
da lei culatrina,
que ensina, e abona:
forro minha cona

17 Verão um Guinéu
moço assalvado
Fidalgo estirado
Por quedas, que deu:
O Góis lhe meteu
Sogro do seu jeito
A torto, e direito
nobreza sevona:
forro minha cona

18 Verão um Gavacho
 com sede tamanha,
 que a palma se ganha
 ao maior borracho:
 Beca sem empacho
 que no mar caiu,
 e o mar lhe fugiu
 por ser borrachona:
 forro minha cona

19 Verão			outrossim
entregue		ao	diabo
um			esfola-rabo
pobre			colomim:
Mau		vilão,	ruim,
duas		caras	trás
ambas		muito	más
que		tudo	inficiona:
forro		minha	cona

20 Verão				borundangas
que		o		podia
vender			à	Bahia
três			mil	bugigangas:
Figurões			de	mangas
que	não	vi	em	meus dias
nas				tapeçarias
de	Rasa		e	Pamplona:
forro		minha		cona.

DEFENDE O POETA POR SEGURO, NECESSÁRIO E RETO SEU
 PRIMEIRO INTENTO SOBRE SATIRIZAR OS VÍCIOS.

Eu sou aquele, que os passados anos
 cantei na minha lira maldizente
 torpezas do Brasil, vícios, e enganôs.

E bem que os decantei bastante, e
 canto segunda vez na mesma lira
 o mesmo assunto em plectro diferente.

Já sinto, que me inflama, ou que me inspira
 Talia, que Anjo é da minha guarda,
 Dês que Apolo mandou, que me assistira.

Arda Baiona, e todo o mundo arda,
 Que, a quem de profissão falta à verdade,
 Nunca a Dominga das verdades tarda.

Nenhum tempo excetua a Cristandade
Ao pobre pegureiro do Parnaso
Para falar em sua liberdade.

A narração há de igualar ao caso,
E se talvez ao caso não iguala,
Não tenho por Poeta, o que é Pegaso.

De que pode servir calar, quem cala,
Nunca se há de falar, o que se sente?
Sempre se há de sentir, o que se fala!

Qual homem pode haver tão paciente,
Que vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire, e não lamente?

Isto faz a discreta fantasia:
Discorre em um, e outro desconcerto,
Condena o roubo, e increpa a hipocrisia.

O néscio, o ignorante, o inexperto,
Que não elege o bom, nem mau reprová,
Por tudo passa deslumbrado, e incerto.

E quando vê talvez na doce trova
Louvado o bem, e o mal vituperado,
A tudo faz focinho, e nada aprova.

Diz logo prudentaço, e repousado,
Fulano é um satírico, é um louco,
De língua má, de coração danado.

Néscio: se disso entendes nada, ou pouco,
Como mofas com riso, e algazaras
Musas, que estimo ter, quando as invoco?

Se souberas falar, também falaras,
Também satirizaras, se souberas,
E se foras Poeta, poetizaras.

A ignorância dos homens destas eras
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canoniza bestas feras.

Há bons, por não poder ser insolentes,
Outros há comedidos de medrosos,
Não mordem outros não, por não ter dentes.

Quantos há, que os telhados têm vidrosos,
E deixam de atirar sua pedrada
De sua mesma telha receosos.

Uma só natureza nos foi dada:
Não criou Deus os naturais diversos,
Um só Adão formou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,
Só nos distingue o vício, e a virtude,
De que uns são comensais, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
calem-se os mais, chitom, e haja saúde.

EM TEMPO QUE GOVERNAVA ESTA CIDADE DA BAHIA O MARQUÊS
DAS MINAS AJUÍZA O POETA COM SUTILEZA DE HOMEM SAGAZ, E
ENTENDIDO O FOGO SELVAGEM, QUE POR MEIO DA URBANIDADE SE
INTRODUZIU EM CERTA CASA.

1 Cansado de vos pregar
cultíssimas profecias,
quero das culteranias
hoje o hábito enforcar:
de que serve arrebentar,
por quem de mim não tem mágoa?
verdades direi como água,
porque todos entendais
os ladinos, e os boçais
a Musa praguejadora.
Entendeis-me agora?

2 falar de intercadência
entre silêncio, e palavra,
crer, que a testa se vos abra,
e encaixar-vos, que é prudência:
alerta homens de Ciência,
que quer o Xişgaravis,
que aquilo, que vos não diz
por lho impedir a rudeza,
avaliéis madureza,
sendo ignorância traidora.
Entendeis-me agora?

3 Se notais ao mentecapto
a compra do Conselheiro,
o que nos custa dinheiro,
isso nos sai mais barato:
e se da mesa do trato,
de bolsa, ou da companhia
virdes levar Senhora
mecânicos deputados;
crede, que nos seus cruzados
sangue esclarecido mora.
Entendeis-me agora?

4 Se hoje vos fala de perna,
quem ontem não pôde ter
ramo, de quem descender
mais que o da sua taverna:
tende paciência interna,
que foi sempre D. Dinheiro
poderoso Cavalheiro,
que com poderes iguais
faz iguais aos desiguais,
e Conde ao vilão cad'hora.
Entendeis-me agora?

5 Se na comédia, ou sainete
virdes, que um D. Fidalgote
lhe dá no seu camarote
a xícara de sorvete:
havei dó do coitadete,
pois numa xícara só
seu dinheiro bebe em pó,
que o Senhor (coisa é sabida)
lhe dá a chupar a bebida,
para chupá-la num'hora.
Entendeis-me agora?

6 Não	reputeis	por	favor,
nem	tomeis	por	maravilha
vê-lo	jogar	a	espadilha
co	Marquês,	co	grão
porque	como	é	Senhor:
e	mofino		perdedor,
e	faz	um	sangue
a	qualquer	dos	excelente
qualquer		daqueles	ganhadores,
por	fidalgo	igual	Senhores
Entendeis-me		o	adora.
			agora.

CONTEMPLANDO NAS COUSAS DO MUNDO DESDE O SEU RETIRO, LHE ATIRA
COM O SEU ÁPAGE, COMO QUEM À NADO ESCAPOU DA TORMENTA.

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com sua língua ao nobre o vil decepa:
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

Bengala hoje A flor baixa se inculca por Tulipa;
Mais isento se mostra, o que mais chupa:
na mão, ontem garlopa:

E mais não digo, porque a tropa do trapo vazo a tripa,
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

TORNA O POETA A DAR OUTRA VOLTA AO MUNDO COM ESTA SEGUNDA CRISE.

- 1 Que ande o mundo mascarado
jogando conosco o entrudo,
e que cada qual sisudo
ande atrás dele esgalgado!
que nenhum desenganado
este patifão conheça,
e que lhe quebre a cabeça
para ter dele vitória!
Boa história.
- 2 Mas que alguns queiram viver
vida tão bruta, e tão fera,
como que se não houvera
mais que nascer, e morrer:
que estes mesmos queiram ser
tão nobres, tão absolutos,
como desbocados brutos
correndo pela carreira!
Boa asneira.
- 3 Que haja turcos belicosos
filhos da perversidade,
havendo na cristandade
Monarcas tão poderosos:
que não se juntem zelosos
para prostrar seus furores,
mandando-se embaixadores
de eloquência persuasória!
Boa história.

4 Mas que haja com mais extremos
entre cristãos batizados
sacrílegos, renegados,
ímpios, judeus, e blasfemos:
que algum cristão (como vemos)
dos tais seja muito amigo,
tendo tão grande perigo
de pagar-se-lhe a manqueira!
Boa asneira.

5 Que tantas almas pereçam
hoje entre gentios vários,
por não haver Missionários,
que em convertê-los mereçam:
que muitos não se ofereçam
para esta santa conquista,
bem que o inferno o resista
com sugestão dissuasória!
Boa história.

6 Mas que muitos professores
da lei católica, e santa
se metam pela garganta
dos infernos tragadores:
que por uns tristes amores,
ou por uns negros tostões
vão para eternos tições
lá na hora derradeira!
Boa asneira.

7 Que muitos salvar-se esperem,
os bens alheios devendo,
e uma ocasião retendo,
porque emendar-se não querem:
e que jamais considerem,
que deixar a ocasião
é para uma confissão
circunstância obrigatória:
Boa história.

8 Mas que quando alguns resolvam
confessar os seus delitos,
que hajam tantos imperitos
confessores, que o absolvam:
que com eles se revolvam
no estígio, que mereceram,
porque estes tais absolveram
sem disposição inteira:
Boa asneira.

9 Que no estado secular,

onde houve mais de mil Santos,
haja hoje tantos, e tantos,
que se não sabem salvar:
que estes não queiram cuidar
na celestial ventura,
havendo uma pena dura,
eterna, e cominatória!
Boa história.

10 Mas que nas Religiões
alguns Frades maus Letrados
sejam de Deus reprovados
pelas suas eleições:
que andam com perturbações
por amor das prelazias,
e depois de breves dias
se acham na estígia caldeira
Boa asneira.

11 Que algum Frade, que se cobre
na santa comunidade,
no tempo, que é pobre frade,
não queira ser frade pobre:
que ao mesmo tempo lhe sobre
o dinheiro equivalente
para alcançar facilmente
a valia impetratória!
Boa história.

12 Mas que um Frade de mais fundo
por causa de certos mandos
se queira meter em bandos,
qual se fora vagabundo:
que podendo ir cá do mundo
ao céu vestido, e calçado,
vá descalço, e remendado
para uma infernal Leoneira!
Boa asneira.

13 Que haja pregador noviço,
que estude alheios sermões,
só para juntar dobrões,
porque os ajunta por isso:
que cuide muito remisso,
que poderá bem pregar
sem teologia estudar,
ou sem saber a oratória!
Boa história.

14 Mas que haja mais pregadores,
que estudando resolutos,
não tratem de colher frutos,

porém só de escolher flores:
que sendo estes tais doutores
preguem conceitos galantes,
bem como os representantes
na comédia prazenteira?
Boa asneira.

15 Que os rústicos montanhese
não saibam nunca a doutrina,
porque também nunca a ensina
o Pároco a seus fregueses:
que lhes diga muitas vezes
patranhas, e histórias tantas,
mas nunca as palavras santas,
e a doutrina exortatória!
Boa história.

16 Mas que Amariles mui vã
saiba muito bem de cor,
toda a cartilha de amor,
não a doutrina cristã:
que se vá pela manhã
na quaresma à confissão,
e por não sabê-la então
vá para casa à carreira!
Boa asneira.

17 Que o Juiz pelo respeito
profira a sentença absorto,
fazendo o direito torto,
mas isto a torto, e direito:
que cuide, que pode o feito
no agravo, ou na apelação
melhorar na Relação
só pela conservatória!
Boa história.

18 Mas que o Juiz da ciência
por causa de alguns respeitos
não faça exame nos feitos,
por forrar o da consciência:
que o tal com muita insolência
por descuido, ou por preguiça
não reforme esta injustiça
da sentença lisonjeira!
Boa asneira.

19 Que Juízes mentecaptos
sabendo jurisprudência
castiguem uma inocência
como fez Pôncio Pilatos:
que para certos contratos

o réu, que a si se condena
absolvam de culpa, e pena
com uma interlocutória!
Boa história.

20 Mas que outros com vozes mudas
levados da vil cobiça
vendam a mesma justiça,
como a vendeu o mau Judas:
que com razões tartamudas
indo de mal em pior
não dêem conta ao confessor
da sentença trapaceira!
Boa asneira.

21 Que o Letrado lisonjeiro
venda, fazendo negaças
em almoeda as trapaças,
e por muito bom dinheiro:
que diga, que é verdadeiro
porque tem famosas partes
pelas suas grandes artes,
pela cota dilatória!
Boa história.

22 Mas que o Ministro o suporte,
porque isto na alçada cabe,
ou pelo que ele só sabe,
tantas dilações não corte:
que primeiro chegue a morte,
e o júizo universal,
do que a sentença final
de uma demanda ligeira!
Boa asneira.

23 Que haja causas inda assim
na Legacia piores,
porque entre réus, e entre autores
são causas, que não têm fim:
que se conseguis o fim
de vir em breve um rescrito,
o tempo seja infinito,
e eterna uma compulsória!
Boa história.

24 Mas que alguns com tal porfia
queiram com raivas internas,
sendo a parte post eternas
demandas na Legacia:
que hajam muitos cada dia,
que gastem seus benefícios
simples nestes exercícios

trepando uma, e outra ladeira!
Boa asneira.

25 Que haja Escrivães que mal lêem
Letra, que bem se soletra,
e que fazendo má Letra,
contudo escrevem mui bem:
que a este dando o parabém
as alvíssaras lhe peçam,
e a estoutro logo despeçam
com ficção consolatória!
Boa história.

26 Mas que haja algum, que trabalha
toda a vida sem proveito,
e que logo faça um pleito
sobre dá cá aquela palha:
que queira em civil batalha
perder a fazenda, e vida
nas trapaças consumida,
com quem lhe faz a moedeira!
Boa asneira.

27 Que andam muitos em conjuuro
para cometerem vícios,
roubando nos seus ofícios,
e com cartas de seguro,
que estes, dos quais eu murmuro,
não vão todos a enforçar,
só porque sabem roubar
com sua astúcia notória!
Boa história.

28 Mas que andem muitos espertos
esganados como galgos,
por parecerem fidalgos,
sendo ladrões encobertos:
que estando estes mesmos certos,
que os conhecem muito bem,
não se lhes dêem de ninguém,
nem isto lhes dê canseira!
Boa asneira.

29 Que haja médicos, que tratam
só de jogos, e de amores,
sendo como os caçadores,
que vivem só, do que matam:
que estes, que não se recatam,
venham com pressa esquisita,
vão-se, e está feita a visita
depois da purga expulsória!
Boa história.

30 Mas que outros, que põem à raça,
e se prezam de estafermos,
não o tomando aos enfermos,
só tomem o pulso à casa:
que haja enfermo, que se abraça
em febre, e dores mortais,
e que se cure com tais,
que só estudam na frasqueira!
Boa asneira.

31 Que haja Poetas ocultos
nas sombras da poesia,
fugindo da luz do dia,
e que estes se chamem cultos;
que sendo loucos, e estultos,
por natural tenebrosos
queiram, que os chame lustrosos
a fama celebratória!
Boa história.

32 Mas que muitos os defendam
pelos seus gênios bem raros
chamando-os belos, preclaros,
suposto que os não entendam:
que os tais imitar pertendam
a poesia de Angola,
cuja catinga os consola,
qual mandioca negreira!
Boa asneira.

33 Que haja muitos pretendentes,
só porque têm prendas boas
nas arcas, não nas pessoas,
que a todos fazem presentes:
que consigam diligentes,
quanto quer o seu intento,
por lhes dar merecimento
a carta condenatória!
Boa história.

34 Mas que outros mil alentados,
que andaram pelas campanhas
fazendo muitas façanhas,
andem tão esfrangalhados:
que sendo uns pobres coitados
queiram pretender também,
não se lhes dando a ninguém,
que andassem pela fronteira!
Boa asneira.

- 35 Que um marido perdulário
perca o dote da mulher,
e depois de pouco ter,
gaste mais do necessário:
que se ponha temerário
depois a gritar com ela,
fazendo-lhe a remoela
com a praga imprecatória!
Boa história.
- 36 Mas que outro com tanto estudo
ame a mulher, que lhe agrada,
que o marido mande nada,
mas que a mulher mande tudo:
que se ponha mui sisudo
em casa a lisonjeá-la,
e que depois vá gabá-la
a seus amigos na feira!
Boa asneira.
- 37 Que um pai a seu filho ensine
a ser vingativo, e vão,
porém nunca a ser cristão,
nem na cartilha o doutrine:
que o tal Pai se determine
a levá-lo por seu rogo
rapaz à casa do jogo
a pôr-se na pasmatória!
Boa história.
- 38 Mas que outro mais esquisito,
se o filho só andar ousa,
o permita: é bela cousa!
Sendo rapaz: é bonito!
que o deixe de pequenito
andar em más companhias
para que ele em breves dias
vá cair na ratoeira!
Boa asneira.
- 39 Que o Pai pela descendência
do filho, ou do seu aumento
meta a filha num convento
freira da conveniência:
que não faça consciência,
se a casá-la o persuade,
de lhe forçar a vontade,
e com ordem peremptória!
Boa história.
- 40 Mas que o Pai, que filha tem

única, a não vá casar,
por se não desapossar,
se dote lhe pede alguém:
que faça com tal desdém,
que a filha ande às furtadelas
buscando pelas janelas
alguém, que traz cabeleira!
Boa asneira.

41 Que os Pais andem pelos cantos
namorando de contino,
e queiram com este ensino
que os seus filhos sejam Santos:
que eles então façam prantos,
se os vêem mortos numa briga,
vindo de casa da amiga,
e da amante parlatória!
Boa história.

42 Mas que haja Pais de tal sorte,
que seu filho o quer roubar,
o não deixem castigar
para escarmento da Corte:
que se o Ministro de porte
o quer desterrar, então,
o Pai chorando o perdão
lhe solicite, e requeira!
Boa asneira.

43 Que Mãe desde pequenina
ensine a filha a ser vã,
não a doutrina cristã,
sendo cristã sem doutrina:
que a costume de menina
à moda, ao donaire, à gala,
e lhe ensine por amá-la
até cantiga amatória!
Boa história.

44 Mas que outra Mãe sem cautela
a filha crie com vício
sem outro algum exercício
mais, do que o pôr-se à janela:
que queira, que uma donzela
seja honesta, e recolhida,
quando não tem outra vida
mais do que ser janeleira!
Boa asneira.

45 Que alguns queiram Senhoria,
quando aos tais (como se vê)
tratá-los de mercê

fora muita cortesia:
que ande pois a fidalguia
vendida assim por dinheiro,
como trigo no terreiro,
só porque há nisso vanglória!
Boa história.

46 Mas que outros tendo tostões
pelo jogo, ou pela dama
arrastados pela lama
andam como uns pedinchões:
porque quiseram jogar,
e só para namorar
com a patifa terceira!
Boa asneira.

47 Que alguns tanto por seu mal
vistam (por não ser comuns)
de altos, e ricos tissuns,
destruindo o cabedal:
que com porfia fatal
se mostram nisso empenhados,
sendo a noite os seus guisados
azeitonas, e chicória!
Boa história.

48 Mas que outros mil à porfia
por toda a vida o dinheiro
ajuntem, que o seu herdeiro
há de gastar num só dia:
que andem com melancolia
sem comer, e sem cear
para poder ajuntar
todos cheios de lazeira!
Boa asneira.

49 Que haja muitos ateístas,
que pelos costumes seus
não crêem, no que disse Deus
pelos quatro Evangelistas:
que só vivam Dogmatistas,
cuidando por seu prazer,
que há só nascer, e morrer,
não crendo no inferno, e glória!
Boa história.

50 Mas que outros (como se vê)
sejam com hipocrisia
só cristãos por cortesia,
ou fiéis de meia-fé:
que inda que febre lhes dê,
não tratem da confissão,

cuidando, que escaparão
com a amiga à cabeceira!
Boa asneira.

51 Que alguns fantásticos vão,
aos quais o vício consome,
sendo só cristãos no nome,
queiram nome de cristãos:
que aos céus levantando as mãos
esperam com muita fé,
que Deus os salve, sem que
obra tenham meritória!
Boa história.

52 Mas que hipócritas sandeus
andem rezando, e no cabo
a todos leve o diabo
pelo caminho de Deus:
que pelos rosários seus
queiram ser homens deconta,
sem cuidar na estreita, e pronta,
que hão de dar da vida inteira!
Boa asneira.

53 Que haja certas mercancias
não de cousas temporais
mas de outras espirituais,
que se chamam simonias:
que haja, quem todos os dias
com modo tão peregrino
seja Ladrão ao divini
com tão falsa narratória!
Boa história.

54 Mas que o rico prebendado,
que postilou nas escolas,
não apague as suas esmolas
ao pobre necessitado:
que por amor do Cunhado,
ou por causa dos Sobrinhos
venha a cair de focinhos
nas sempiterna esterqueira!
Boa asneira.

55 Que o riso despreze o pobre,
só porque tem mais vinténs,
sendo o pobre inda sem bens
talvez mais honrado, e nobre:
que por Ter dois réis de cobre,
se finja, que vem dos Godos,
quando conhecemos todos,

que é de estirpe pescatória!
Boa história.

56 Mas que o pobre, que não tem,
que comer, ou que gastar,
nem tem sangue, nem solar,
seja soberbo também:
que não tenha um só vintém,
e se inche como pirum,
conhecendo cada um,
que fora a Mãe taverneira!
Boa asneira.

57 Que alguns tanto a gastar venham
na vida de toda a sorte,
que depois chegando a morte,
com que enterrar-se não tenham:
com estes tais, que assim se empenham
em todo o gosto, e prazer,
não cuidem, que hão de morrer,
nem tenham disso memória!
Boa história.

58 Mas que outros com muita lida
edifiquem mausoléus,
mas não morada nos céus,
vãos na morte, e vão na vida:
que a soberba sem medida
fique em pedras estampada,
e a pobre da alma coitada
que perneie na fogueira!
Boa asneira.

59 Que aquele, que não tem renda,
e usam porém de tramóias,
possuam telas, e jóias,
como o que tem a comenda:
que com estes não se entenda,
inda que estejam culpados,
mas que sejam celebrados
na lisonja laudatória!
Boa história.

60 Mas que outros com muitos bens
andem (não sei como o diga)
com a sela na barriga
sem ter um par de vintéis:
que padecendo vaivéns
gastem tudo como tolos,
e em doces, e bolinhos
despejem sua algibeira!
Boa asneira.

- 61 Que os lisonjeiros sem leis
nos palácios muito prontos
aos Reis se vão com mil contos,
por Ter mil contos de réis:
que sendo pouco fiéis
tenham glória, e tenham graça
com tão verdadeira traça,
e mentira adulatória!
Boa história.
- 62 Mas que o pobre jovial
chocarreiro de vis traças
queira com fingidas graças
entrar na graça Real:
que quando ele nada val,
entre assim no valimento,
para o seu requerimento
com a gracinha grosseira!
Boa asneira.
- 63 Que haja ingratos descuidados,
os quais nunca as graças dão
do benefício, ou pensão,
sendo uns beneficiados:
que estes andem retirados,
de quem lhes faz tanto bem,
porque as graças lhe não dêem,
que é lei remuneratória!
Boa história.
- 64 Mas que outros muito piores
(quando tal lhes não merecem)
finjam, que eles não conhecem
os seus mesmos benfeitores:
que tendp alguns acredores
queiram livrar do perigo
pelo benfeitor antigo
com a súplica embusteira!
Boa asneira.
- 65 Que haja muitos, que se pintam
de verdadeira piedade,
os quais falando verdade,
nunca falam, que não mintam:
que estes mesmos não consintam,
que os enganem, mas primeiros
se intitulam verdadeiros
com mentira defensória!
Boa história.

- 66 Mas que tenham fatal ira,
se os apanham, tendo pronta
a verdade por afronta,
e por crédito a mentira:
que com raiva, que delira,
façam na razão teimosa
a verdade mentirosa,
e a mentira verdadeira!
Boa asneira.
- 67 Que jurados parleiros,
hajam, que sem medo algum
pela manhã em jejum
comam diabos inteiros:
que eles sejam os primeiros
(bem que a verdade não digam)
que o bom crédito consigam
para toda a rogatória!
Boa história.
- 68 Mas que haja algum, que imprudente
dê credito a seus clamores,
vendo, que são juradores,
pois quem mais jura mais mente:
que logo tão facilmente
se creia com tal loucura,
o que dizem, sendo a jura
da mentira pregoeira!
Boa asneira.
- 69 Que haja muitos, que murmurem
daqueles, que estão ausentes,
e os que ali se acham presentes,
que calados os aturem:
que advertidos não procurem
mudar de conversação
fugindo à murmuração
de uma língua infamatória!
Boa história.
- 70 Mas que outros mil sem receios
não vejam por ter antolhos
a grande trave em seus olhos,
vendo a palha nos alheios:
que estando estes próprios cheios
de lepra, com que se tingem,
olhem para a alheia impingem,
tendo tão grande coceira!
Boa asneira.
- 71 Que versistas a milhares

queiram só por seu regalo
andar no alado cavalo,
devendo ser alveitares:
que intentem por singulares
todo o aplauso, que mais campa,
e depois saiam na estampa
com uma destampatória!
Boa história.

72 Mas que estes de tão má veia,
quando a ignorância lhes sobra,
saindo mal da sua obra,
se metam em obra alheia:
que quando essoutra recreia,
por inveja a satirizem,
e que todo o mundo avisem
da sátira frioleira!
Boa asneira.

73 Que haja mil de escornicoques,
que com satíricos modos
zingando estejam de todos:
e que não temam mil coques:
que falando com remoques,
eles não queiram ser tidos
por toleirões, e atrevidos,
tendo uma língua irrisória!
Boa história.

74 Mas que outros muitos Orates
da venerável igreja
façam casa de cerveja
com risos, e disparates:
que pareçam bonifrates,
as cabeças meneando,
e acenem de quando em quando
à dama, que está fronteira!
Boa asneira.

75 Que alguém junte cabedais
para testar, o que em breve
diga: o diabo te leve,
porque não deixastes mais:
e que, a quem com razões tais
ao diabo os encomenda
deixe este a sua fazenda
a principal, e acessória!
Boa história.

76 Mas que outro rico avarento
(bem que ouro, e prata lhe sobre)

não saiba dar nada ao pobre
com moedas cento a cento:
que deixe em seu testamento
tudo ao mais rico vizinho,
ou quando muito ao Sobrinho,
para andar numa liteira!
Boa asneira.

77 Que haja muitos, que às centenas
entre amigos, e sócios
façam bem os seus negócios,
cometendo mil onzenas:
que conhecendo-se as penas,
que pelo direito têm,
não os demande ninguém
cuma carta citatória!
Boa história.

78 Mas que o outro em confiança
diga, que vende o seu trigo
mais barato a seu amigo,
metendo-lhe então a lança:
que o tal lhe faça a fiança
por ser amigo leal,
roubando-lhe o cabedal
essa amizade onzeneira!
Boa asneira.

79 Que haja, quem faltando às Leis
seja traidor por um rogo,
não se lhe dando no jogo
nem de Roques, nem de Reis:
que tenha ambições cruéis
sabendo, que inda que cresça,
não levantará cabeça
pela lei impetratória!
Boa história.

80 Mas que inda que se atropele,
e de tal se não desvie,
que haja, quem dele se fie,
e quem se troça por ele:
que não tema a sua pele
vendo, que lha surraram
só pela sua ambição
tão fatal, e interesseira!
Boa asneira.

81 Que haja muitos pandilheiros,
os quais às mil maravilhas
saibam fazer as pandilhas,

que em Castela são fulheiros:
que só por interesseiros
sejam ladrões mui honrados,
mas nunca são enforcados,
porque isso é graça ilusória!
Boa história.

82 Mas que outros sabendo bem
que há no jogo esta destreza,
só por uma sutileza
entreguem tudo, o que têm:
que o cabelo todo dêem
ao tal, que nesta conquista
os está roubando a vista
despacio, mais à ligeira!
Boa asneria.

83 Que andem muitos namorados
qual ave de rama em rama
atrás de uma, e outra Dama
morrendo por seus pecados:
que por ter estes cuidados
andem toda a noite escura
só por dizer com ternura
à Dama a jaculatória!
Boa história.

84 Mas que alguém pague às espias
para ter Freiras devotas,
e depois de mil derrotas
ande pelas portarias:
que ande este todos os dias
com cargas, e sem carreto,
e tendo-se por discreto
seja o burrinho da feira!
Boa asneira.

85 Que os adúlteros adorem
a alheia mulher, que vêem,
e não queiram, que também
outros a sua namorem:
que então neste caso implorem
à Justiça, ou à vingança,
e não queiram sem tardança
outra ação acusatória!
Boa história.

86 Mas que uma mulher casada,
sendo o Marido um corisco,
pondo-se a tamanho risco
seja louca enamorada:

que se acaso alguém lhe agrada,
com marido turbulento
busque o seu divertimento
como uma mulher solteira!
Boa asneira.

87 Que ande o moço em mau estado
podendo nos anos seus
ser desposado com Deus,
e não co demo amigado:
que não tenha outro cuidado,
mais que em viver absoluto,
tratando só como bruto
desta vida transitória!
Boa história.

88 Mas que o velho, que renova
os seus vícios namorando
vá falar à Dama, quando
anda cos pés para a cova:
que este mesmo com corcova
queira ser galã narciso
motivando a gente a riso,
cacundo em grande maneira!
Boa asneira.

89 Que haja muitos medianeiros
do mal, que chamam francês
os quais em bom português
dos pecados são terceiros:
que estes muito lambareiros
tenham com todos caída,
e levem tão boa vida,
sendo tão criminatória!
Boa história.

90 Mas que estes pobres tolinhos,
de que tratis há do mundo,
caiam no inferno profundo
pelas culpas dos vizinhos:
que por tão feios caminhos
sejam solicitadores,
e se façam Lavradores
de uma infernal sementeira!
Boa asneira.

91 Que os valentões arrojados
andem feitos tranca-ruas
com suas espadas nuas
comendo a gente a bocados:
que os Ministros alentados
se os prendam, quais delinqüentes,
digam, que estão inocentes

na sentença executória!
Boa história.

92 Mas que outros andem de noite,
morando perto o Juiz,
roubando, como se diz,
dando em todos muito açoite:
e não haja, quem se afoite
com quadrilhaaaaas agarrá-los,
para um algoz cavalgá-los
com capuz, e com coleira!
Boa asneira.

93 Que alguns, bem que os não encanta
a música celestial,
gastem todo o cabedal
em bons passos de garganta:
que os tais com gula, que espanta,
se o mundo fora guisado
o comeram de um bocado,
qual pequena pepitória!
Boa história.

94 Mas que haja, quem facilmente
dinheiro fie dos tais,
que vai para o vós reais
logo todo incontinente:
que o credor cuide contente,
que bem empregado está,
estando o dinheiro já
em casa da confeitadeira!
Boa asneira.

95 Que andem muitos ã porfia,
que merecem muito açoite,
fazendo do dia niote,
da noite fazendo dia:
que durmam com demasia
té o dia anoitecer,
querendo assim bem viver,
mas com vida implicatória!
Boa história.

96 Mas que outros com muito espantp
trabalhem sempre à porfia,
isto todo o santo dia,
inda sendo o dia Santo:
que tenham trabalho tanto
para poder ajuntar,
não tendo para testar
nem herdeiro, nem herdeira!
Boa asneira.

97 Que haja alguns, que se consomem
inda com vício mais feio,
que por não comer o alheio
logo de inveja se comem:
que sua ambição não domem,
e que dos outros o aumento
aos tais sirva de tormento
com pena meditatória!
Boa história.

98 Mas que outros, que se desfazem,
porque não têm sendo nobres,
façam muito por ser pobres,
isto porque nada fazem:
que com fome estes se abrasem,
que tanto mal ocasiona,
sendo a preguiça potrona
da pobre da companheira!
Boa asneira.

99 Que alguém que aqui se consome
com a sátira abundante,
diga, que está mui picante,
mas quem se queima, alhos come:
que este por si mesmo a tome,
quando eu falando bem claro,
a ninguém hoje declaro
nesta carta monitória!
Boa história.

100 Mas que outros por vários modos
satirizem muito bem,
e sem monir a ninguém
queiram declarar a todos:
que estes tais com mil apodos
assim queiram ganhar fama,
quando a dos outros se infama,
levantanda tal poeira!
Boas asneira.

101 Que haja sem livros Letrado,
homem, que é pobre, com teima,
poeta, sem muita fleimza,
que haja sem funda quebrado,
estudante sem estudo,
cavalheiro sem escudo,
e mestre sem palmatória!
Boa história.

102 Mas que haja nos fracos ira,

e nos que são pobres gula,
que haja médico sem mula,
e fidalgo com mentira:
que haja espingarda sem mira,
sem tesoura cirurgião,
com partidos matassão,
e sem contas merceeira!
Boa asneira.

103 E que eu também queira enfim
no poético exercício,
que entre outros do mesmo ofício
algum diga bem a mim:
que não tema algum malsim,
que fiscalize os meus versos,
e com apodos diversos
diga, que teêm muita escória!
Boa história.

104 Mas que eu mesmo furibundo
nisto, que hoje aqui pertendo,
quando a mim me não entendo,
intente emendar o mundo:
que não tendo muito fundo,
para que possa falar,
quanto mais para emendar,
fundar tais acentos queira!
Boa asneira.

105 Que os consoantes se acabem,
tendo eu muito, que escrever,
e de outros mais que dizer,
para que nenhuns se gabem:
que as cousas, que aqui não cabem,
eu as haja de calar,
porque as não pode explicar
minha Musa exortatória!
Boa história.

106 Mas que eu fizesse hoje e tudo
para cousas importantes,
por estéreis consoantes,
que não podem dizer tudo:
que algum diga carrancudo,
quando escrevo para todos,
que não falo em cultos modos,
mas em frase corriqueira!
Boa asneira.